



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS-UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E
SOCIEDADE-PPGCom**

**NARRATIVA E ACONTECIMENTO:
COMO E QUANDO A LÍNGUA PORTUGUESA SE TORNA
PAUTA EM VEÍCULOS NOTICIOSOS DO BRASIL E
PORTUGAL**

ANDRÉIA MARIA DE SOUZA ROCHA

**PALMAS-TO
2021**

**NARRATIVA E ACONTECIMENTO:
COMO E QUANDO A LÍNGUA PORTUGUESA SE TORNA
PAUTA EM VEÍCULOS NOTICIOSOS DO BRASIL E
PORTUGAL**

Texto da dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade-Ppgcom da Universidade Federal do Tocantins (UFT) como requisito para obtenção do título de Mestre no Programa.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gilson Porto Rebouças Júnior

**PALMAS-TO
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- R672n Rocha, Andreia Maria de Souza .
Narrativa e Acontecimento: Como e quando a língua portuguesa se torna pauta em veículos noticiosos do Brasil e Portugal . / Andreia Maria de Souza Rocha. – Palmas, TO, 2022.
187 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Comunicação e Sociedade, 2022.
Orientador: Francisco Gilson Porto Junior
1. Narrativa jornalística. 2. Acontecimento. 3. Língua portuguesa. 4. Pauta.
I. Título

CDD 302.2

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO
ANDRÉIA MARIA DE SOUZA ROCHA

“NARRATIVA E ACONTECIMENTO: COMO E QUANDO A LÍNGUA PORTUGUESA SE TORNA PAUTA EM VEÍCULOS NOTICIOSOS DO BRASIL E PORTUGAL”

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora

Data de aprovação: 22/09/2021

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Francisco Gilson Rebouças Porto Junior
Universidade Federal do Tocantins
Orientador



Profa. Dra. Monica Martinez
Universidade de Sorocaba
Primeira avaliadora



Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes
Universidade Federal do Tocantins
Segundo avaliador

Para meu filho Carlos Guilherme, quem ressignificou e redimensionou a minha vida. A ele, todo o meu amor infinito.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, por me fortalecer durante a trajetória do mestrado, dando-me abrigo, fôlego e coragem. Sem Ele, eu nada seria, eu nada faria.

A meu esposo, Carlos Augusto, por ser amparo e fonte inesgotável de amor. Nossa história, juntamente com nosso filho, sempre serão minhas maiores conquistas.

A meus pais, pelo incentivo incansável para que eu buscasse sempre o conhecimento, sendo aqueles que mais acreditaram na minha capacidade de realizar meus sonhos e projetos.

A meu orientador, prof. Dr. Francisco Gilson Pôrto Junior, pela tamanha paciência e sensibilidade para com o andamento da pesquisa. Sentir a confiança dele na minha capacidade foi fundamental para que os obstáculos fossem superados.

RESUMO

Esta pesquisa se debruçou sobre o conceito de língua que sustenta e direciona as narrativas na mídia, fazendo comparativo entre dois jornais de países lusófonos: o português Diário de Notícias e o brasileiro Correio Braziliense. Adentrar nas narrativas dessas matérias e analisar como se dá o processo de construção, a fim de perceber o discurso, suas nuances de objetividade x subjetividade, além de reconhecer quais fontes são envolvidas e que outras vozes estão presentes nessas narrativas ou foram silenciadas constituíram o processo desta pesquisa. Além disso, verificar como a língua portuguesa é abordada em matérias jornalísticas publicadas em dois jornais de grande circulação em seus países pode apontar para um cenário frutífero de estudos acerca do universo linguístico em interseção com a esfera midiática. A tríade temática narrativa midiática x língua x acontecimento foi o mote para a análise realizada, a fim de encontrar convergências e divergências conceituais que se destacam dentro dos espaços de interseção nas áreas da Linguística e da Comunicação Social, pois quanto mais a língua for apresentada mediante apenas o jogo de certo x errado, com base nas regras gramaticais e dicionaristas, mais o público vai se distanciar do que o conhecimento científico já descobriu sobre o universo linguístico.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Narrativa. Acontecimento. Matéria jornalística

ABSTRACT

This research focused on the concept of language that sustains and directs narratives in the media, commencing between two newspapers from Lusophone countries: the Portuguese *Diário de Notícias* and the Brazilian *Correio Braziliense*. To enter into the narratives of these materials and analyze how the construction process takes place, in order to perceive the discourse, its nuances of objectivity x subjectivity, besides recognizing which sources are involved and which other voices are present in these narratives or were silenced constituted the process of this research. Amen to this, verifying how the Portuguese language is approached in journalistic articles published in two newspapers of great circulation in their countries can point to a fruitful scenario of studies about the linguistic universe at intersection with the media sphere. The thematic narrative media triad x language x event was the motto for the analysis performed, in order to find convergences and conceptual divergences that stand out within the spaces of intersection in the areas of Linguistics and Social Communication, because the more the language is presented through only the game of right x wrong, based on the grammatical and dictionaristic rules, the more the public will distance themselves from what scientific knowledge has already discovered about the linguistic universe.

Keywords: Portuguese language. narrative. event. Journalistic history.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Tópicos/ítems criados para análise da narrativa/ Correio Braziliense

TABELA 2: Tópicos/ítems criados para análise da narrativa/ Diário de Notícias

TABELA 3: Objetivos específicos e hipóteses da pesquisa

TABELA 4: Panorama dos países que integram a CPLP

TABELA 5: Respostas aos tópicos/ítems criados: Correio Braziliense

TABELA 6: Respostas aos tópicos/ítems criados: Diário de Notícias

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL: Academia Brasileira de Letras

CB: Correio Braziliense

CPLP: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

DN: Diário de Notícias

L1: Língua materna

L2: Língua secundária

NURC: Norma Urbana Linguística Culta

LISTA DE INFOGRÁFICOS

INFOGRÁFICO 1: Lacuna de publicações sobre o tema/Correio Braziliense

INFOGRÁFICO 2: Lacuna de publicações sobre o tema/Diário de Notícias

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 O tema língua na mídia	14
1.2. Metodologia	20
2. UNIVERSO LINGUÍSTICO	29
2.1 Concepções de língua	29
2.2 Discurso X Silenciamento na mídia- Quem fala o quê?	35
2.3 A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa- Mecanismos e perfil	45
2.4 Lusofonia: tentativa de (re) colonização da língua?	49
3. UNIVERSO MIDIÁTICO	54
3.1 Os critérios de noticiabilidade- guia de formato das notícias	55
3.2 O recorte da língua na mídia- Teoria do Enquadramento	59
3.3 Narrativa jornalística X Acontecimento	62
4. UMA DÉCADA DA CRIAÇÃO DO DIA INTERNACIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA CULTURA LUSÓFONA- ANÁLISE DO CORREIO BRAZILIENSE E DIÁRIO DE NOTÍCIAS	66
4.1 A década	68
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
7. ANEXOS	94

1. INTRODUÇÃO

A relação que os indivíduos têm com a língua é fundamental para sua percepção de pertencimento a uma comunidade. Pela língua, seja ela verbal ou não verbal, cria-se identidade, estabelece-se interação social. Nesse sentido, a língua, enquanto instrumento de comunicação, pode se tornar um universo atraente de pesquisa no meio acadêmico, além de provocar interesse, inquietude e curiosidade na sociedade.

A língua portuguesa, objeto desta pesquisa, é falada atualmente em nove países espalhados em cinco continentes. Como países representativos que a utilizam como língua materna e oficial¹, temos Portugal e Brasil. Este colonizado por aquele país europeu, cuja expansão marítima nos séculos XV e XVI levou a conquistar territórios em fronteiras longínquas. Como todo processo de dominação, o país europeu colonizador deixou marcas na colônia, e uma delas é a herança da língua. Atualmente, o Brasil é o país com maior número de falantes de língua portuguesa- representando 85% da população lusófona (FARACO, 2016), e também o maior país em território que, assim como nos outros países que falam o mesmo idioma português, inseriu no sistema linguístico, durante seu processo histórico, marcas próprias de linguagem, não só no nível estrutural da língua, no léxico e na fonética, mas também na relação que a sociedade estabelece com o idioma. (BAGNO, 2011)

Pensando nessa relação entre país colonizador versus país colonizado, é possível inferir que a concepção de língua e o caráter nacionalista imputado à língua, experimentados nos dois países em questão, podem ser diferentes. Nessa esfera, pode-se perceber que várias forças, que estão fora da seara da língua, ou seja, fatores que estejam interligados ao universo político e econômico, por exemplo, acabam por influenciar essa relação entre indivíduos e o idioma. Além disso, vale ressaltar que o sistema educacional vivenciado nesses países e o formato dos veículos de comunicação de massa também podem interferir nessa relação.

1. Língua oficial é aquela estabelecida por meio de lei, utilizada em documentos e ensinada nas escolas. Língua materna é aquela que é natural de determinado grupo, que não resulta de imposição de lei nem decorre de escolarização.

Dessa forma, a língua acaba por ultrapassar o caráter estruturalista, presente nas páginas dos livros de gramática e nos dicionários, e alcança um patamar mais discursivo, sendo, portanto, ressignificada a partir do âmbito social, midiático e do seu uso propriamente dito. (PERINI, 2009)

E, nesse ponto da língua enquanto instrumento de discurso, é que se chega ao âmbito dos veículos de comunicação, campo onde foi realizada a presente pesquisa. É válido ressaltar que importou nesta pesquisa não apenas identificar quais temas, dentro do sistema da língua, são abordados nos dois jornais analisados. É importante também adentrar nas narrativas dessas matérias e analisar como se dá o processo de construção, a fim de perceber o discurso, suas nuances de objetividade x subjetividade, além de reconhecer quais fontes são envolvidas e que outras vozes estão presentes nessas narrativas ou foram silenciadas.

1.1 O tema língua na mídia

Esta pesquisa teve o intuito de analisar de maneira comparativa quais concepções de língua estão alicerçando as narrativas das matérias coletadas nos dois jornais em questão, identificando se os conceitos apresentados trazem os avanços da Linguística, enquanto ciência da linguagem; ou se tais matérias trazem narrativas excludentes quanto às descobertas/pesquisas da Linguística.

Para Possenti (2009), a conduta do profissional jornalista no Brasil ainda está muito centralizada no conceito de “certo” e “errado”, conforme as regras gramaticais e ortográficas, o que limita a abrangência da discussão e não oferece ao público contextualizações, dados e vozes diferenciadas, o que, geralmente, ocorre em outras áreas:

Uma análise linguística, mesmo se bem feita segundo certos critérios, se tais critérios forem ruins, equivale a fazer jornalismo com release, isto é, péssimo jornalismo. Por que se procuram fontes diversas para avaliar opiniões políticas, econômicas, morais, e não se buscam critérios diversos para analisar fatos de linguagem? (p. 21)

De acordo com Perini (2002), o embate entre o uso “correto” e “incorreto” da língua revela que ainda sobrevive não só no meio social, mas também no midiático, a ideia de que a língua é imutável e possui apenas uma forma de registro, excluindo,

portanto, as variações linguísticas que já vêm sendo estudadas desde a década de 1960, com o surgimento da Sociolinguística, subárea que estuda as manifestações da língua no meio social, atentando para as diferentes construções de enunciados, com base em idade, nível de escolaridade, sexo, dentre outros quesitos:

Não se trata de confrontar um “português certo” e um “português errado”, definidos ambos em termos absolutos, independentemente do contexto situacional ou social. Trata-se, antes, de defender a ideia de que a cada situação corresponde uma variedade distinta da língua (p. 33)

A fim de contextualizar melhor os conceitos e as análises aqui apresentados, a presente pesquisa buscou destacar o avanço dos estudos da língua (gem)², que tem crescido em todo o mundo. A Linguística, ciência que se consolidou, sobretudo, nos meados dos anos de 1920, trouxe o questionamento do que seria a língua, levando esse universo vivo, mutável e tão organicamente humano para um patamar além do aspecto normativo e tecnicista da gramática.

A concepção de língua invariável, que vem sendo cada vez mais discutida e refutada com os avanços da Linguística, indica que reduzir o saber linguístico de um indivíduo às regras gramaticais às quais ele obedece é desconsiderar o amplo artefato de opções comunicativas, não menos eficazes, que podem ser usadas e suficientemente capazes de estabelecer a comunicação e, por consequência, a interação social. Ou seja, comunicar e interagir socialmente é o objetivo principal de qualquer sistema linguístico, e não somente cumprir com todas as regras gramaticais. (BAGNO, 2000).

O grande perigo é transformar a gramática- uma disciplina já em si um tanto difícil- em uma doutrina absolutista, dirigida mais ou menos exclusivamente à “correção” de pretensas impropriedades linguísticas dos alunos. A cada passo, o aluno que procura escrever encontra essa arma apontada contra sua cabeça:” Não é assim que se escreve (ou se fala)”, “Isso não é português” e assim por diante. Daí só pode surgir aquele complexo de inferioridade linguístico tão comum entre nós: ninguém sabe português- exceto, talvez, alguns poucos privilegiados, como os que se especializam em publicar livros com listas de centenas ou milhares de “erros de português”.

2. O termo língua (gem) será usado nesta pesquisa a fim de englobar num único vocábulo o sentido mais amplo de língua. Assim, entendemos por linguagem aquilo que transmite, exprime, estabelece comunicação, seja por meio de palavras, de símbolos, de imagens etc. O termo língua (gem) pretende ampliar o conceito de língua e derivou de estudos da obra *Língua, linguagem e Linguística – pondo os pingos nos II* de Marcos Bagno (2014).

Portanto, o conceito de língua que sustenta e direciona as narrativas na mídia pode impactar diretamente a forma com que o público assimila o tema. Quanto mais a língua for apresentada mediante apenas o jogo de certo x errado, com base nas regras gramaticais e dicionaristas, mais o público vai se distanciar do que o conhecimento científico já descobriu sobre o universo linguístico.

Por isso, verificar como a língua portuguesa é abordada em matérias jornalísticas publicadas em dois jornais de grande circulação em seus países pode apontar para um cenário frutífero de estudos acerca do universo linguístico em interseção com a esfera midiática. Sobretudo, a linha temporal de uma década, tendo como destaque uma data criada pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), instituição de maior nome do universo linguístico lusófono e que pretende ser aglutinadora dos países que falam a língua portuguesa, pode favorecer a criação de um painel significativo sobre como a mídia e o público destes países estão vivenciando a questão da língua.

Importa também salientar que a mídia, enquanto instrumento que se propõe a propagar informação, pode funcionar como ferramenta de fortalecimento da concepção equivocada de língua, ou seja, o entendimento de que conhecer a língua portuguesa é saber todas as suas regras gramaticais e os preceitos dicionaristas das palavras. Para fortalecer esse equívoco, a mídia tem noticiado usos de língua de maneira a apenas apontar os “erros” desses usos. Assim, os veículos de comunicação agem a favor da força do sistema educacional, atuando no dualismo de certo x errado, e, com isso, fazendo com que o alunado se sinta coagido em suas habilidades linguísticas, tendo seu repertório vocabular muitas vezes rechaçado por não estar dentro dos padrões da norma padrão.

A fim de deixar evidente a semântica dos termos norma culta x norma padrão, vale diferenciar o que cada termo significa e que significado eles tiveram na condução da presente pesquisa. Segundo Faraco (2002, p.40), o termo “norma padrão” indica o sentido de padronização da língua, o que acaba tornando toda e qualquer manifestação de língua diferente dos preceitos gramaticais como “errado”. Esse termo, de acordo com o linguista, carrega preconceitos e legitima a discriminação de indivíduos que não cumprem com essa norma. Faraco (2002) explica que:

A norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais

diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social (p.40)

Esse conceito data do séc. III a.C., na Grécia Antiga (BAGNO, 2004, p.15), e impulsionou a criação da chamada gramática tradicional, que foi elaborada de maneira equivocada, por estar estabelecida em dois parâmetros contestáveis: na escrita dos chamados escritores clássicos, o que carrega a ideia de que a escrita está acima da fala; e de tentar evitar a deterioração da língua, considerando as mudanças naturais da língua como corrupção do sistema linguístico. A forma com que a gramática tradicional foi criada é, segundo os estudos da Linguística, uma das razões para o surgimento de ideias equivocadas³ como “*Saber português é saber a gramática*”, “*O certo é falar assim porque se escreve assim*” (BAGNO, 2015).

Essas ideias podem ser legitimadas pela abordagem que a mídia faz sobre a língua em colunas, blogs e matérias em geral. O reforço das regras gramaticais como único ponto a ser discutido e analisado no universo linguístico e a busca pelo acerto da norma padrão, a padronizada por moldes contestáveis, pela sua antiguidade e não correspondência com o uso atual do português, torna a mídia mais uma força no jogo do poder linguístico no âmbito social. Por outro lado, a chamada “*norma culta*” é referente à língua utilizada pela camada letrada e urbana da sociedade, o que em si já carrega um preconceito no próprio nome, indicando que o sujeito não letrado não pode ser culto, ou seja, não pode ter cultura.

É importante destacar ainda que o processo de estabelecimento da norma-padrão no Brasil ocorreu de maneira a ressaltar a superioridade do país colonizador em detrimento do país colonizado. Além de imprimir as ideias já mencionadas acima, o processo se deu no Brasil com o objetivo de “neutralizar a variação e controlar a mudança” (FARACO, 2002, p.40). A norma-padrão brasileira surgiu no séc. XIX, e trouxe, além da necessidade de imitar os escritores clássicos e de sobrepor a escrita sobre a fala, a ideia de superioridade do português de Portugal em detrimento do português brasileiro.

3 Na obra “Preconceito Linguístico”, o pesquisador Marcos Bagno (2015, 2ª edição) elenca os mitos linguísticos do Brasil que provocam atitudes discriminatórias e preconceituosas contra variações da língua portuguesa que não estão em acordo com os preceitos gramaticais e dicionaristas. O autor discorre sobre as consequências desses mitos na sociedade, sendo o mais marcante o preconceito linguístico.

Com o propósito de também tentar unificar a língua e combater qualquer tentativa de mudança, por considerar ato repulsivo e incorreto, a elite brasileira letrada da época foi além. Em atitude que não continha aspecto nacionalista, buscou imitar a língua utilizada em textos escritos por portugueses, ao invés de se conhecer a língua utilizada pelos falantes mais estudados, ou seja, aqueles que tinham mais contato com a educação formal e a língua escrita do Brasil. Essa escolha refletia não apenas a necessidade de usar a língua em seu estado mais puro e original, mas importar a cultura europeia- considerada mais elitizada e livre da mestiçagem racial brasileira.

Tal postura indica que, desde o processo inicial de formação da gramática tradicional no Brasil, já se estabeleceu uma concepção equivocada da língua, atrelada a ideias não somente do âmbito linguístico, mas sim, ideológico e político, uma vez que essa tentativa de implementar a língua portuguesa de Portugal, em sua íntegra, à fina força, aponta a colonização⁴ da língua no Brasil, que persiste até os dias de hoje, mesmo que estudos e pesquisas venham sendo divulgados no país. Sobre isso, reitera Bagno (2002):

A notável repulsa da elite brasileira por seu próprio modo de falar o português encarna, sem dúvida, a continuação no tempo desse espírito colonialista, que se recusa atribuir qualquer valor ao que é autóctone, sempre visto como primitivo e incivilizado. (p. 180)

Dessa forma, é possível notar que a maneira com que a gramática tradicional brasileira surgiu já aponta o caráter preconceituoso e discriminatório da língua no país. A tentativa de importar os moldes linguísticos do português europeu, de forma que não houvesse processo de adaptação e adequações ao uso real da língua portuguesa no Brasil, é um fator importante para desenhar um panorama sociopolítico da língua no território brasileiro. Ou seja, houve e ainda há no âmbito social um parâmetro equivocado que insiste em tentar contrapor as duas versões da língua portuguesa (brasileira e europeia), numa escala de valores, guiada apenas pelo que é certo ou errado conforme parâmetros gramaticais e ortográficos.

4. A ideia de colonização da língua nesta dissertação diz respeito à tentativa de dominação da língua do colonizador em detrimento da língua do colonizado, o que resulta na discriminação da (s) língua (s) do povo colonizado, por se acreditar que são línguas menores, incultas, inferiores. Dessa forma, estabeleceu-se, desde o processo de colonização, uma espécie de colonização linguística, que imprimiu à força e de maneira violenta a língua do colonizador, discriminando ou até exterminando a (s) língua (s) dos povos dominados.

O equívoco está em considerar que as duas línguas devem ser iguais, quando, na verdade, há variações em cada uma, que dizem respeito não apenas à fonética ou ao léxico, mas à própria sistematização da língua, como sua ordem frasal e demais particularidades. Ainda na escrita, numa situação mais monitorada e formal da língua, há diferenciações que não podem ser ignoradas. E isso tudo indica que o português brasileiro não é a mesma língua utilizada em Portugal, nem nos demais países da comunidade lusófona.

Quanto ao âmbito da mídia, esse equívoco também se faz presente e está embutido nas matérias jornalísticas sobre a língua, que se pautam em questões simplistas, cujo alicerce é o mesmo: a engenhoca gramatical que se propõe ser o único sustentáculo do gigantesco, plural e diversificado edifício da língua.

É possível perceber que a narrativa das matérias, além de não apresentar- em sua maioria- contextos e desdobramentos, ainda traz, muitas vezes, vozes de especialistas e professores que se sustentam na mídia com o discurso associado ao que é certo e errado, e ainda apresentam posturas discriminatórias. Sobre essa persistente abordagem da língua na mídia, Possenti (2009) ressalta a falta de pluralidade nas pautas da imprensa:

Os valores associados à linguagem são os relativos ao sotaque e a pequenas questiúnculas gramaticais. Toda a imprensa valoriza os que conhecem ridículos quebra-cabeças (concordâncias e regências raras, o feminino de cupim, essas coisas). Quando alguém quer exemplificar a decadência, vem sempre o mesmo “a nível de”, ou a variante “tv a cores”. Ninguém fala em texto. Na verdade, poucos sabem falar de texto. Por isso, falam de questões pequenas, resolvidas nos livrinhos de sempre, que, aliás, não citam. (p. 50)

Esses valores apontados por Possenti reiteram as pesquisas já desenvolvidas na área da Linguística, que têm indicado que a mídia funciona como mais uma força para potencializar o preconceito linguístico na sociedade, mediante o entendimento equivocado sobre o que vem a ser língua. Conhecer as regras gramaticais e construir atos de fala que seguem todos os preceitos de concordância e regência gramaticais parece imprimir no sujeito que faz o uso desses atos mais monitorados e constituídos da norma culta uma etiqueta de mais valor ou mais inteligência.

No entanto, é sabido pela ciência da linguagem que esses valores atribuídos à norma padrão e que categorizam a língua como certa ou errada não estão condizentes com a realidade. As pesquisas e os estudos já publicados provocaram até mesmo o Ministério da Educação, quando em 1998, publicou o texto dos Parâmetros Curriculares

Nacionais (PCNs) na área da língua portuguesa destacando que a língua está além das regras gramaticais e possui variações que precisam ser respeitadas e reconhecidas. “*Não se pode mais insistir da ideia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão de língua ou que corresponda à variedade linguística de prestígio.*” (BRASIL,1998, p.31).

A partir de então, tem acontecido, ainda que em passos lentos, uma mudança de avaliação nas provas de língua portuguesa em exames como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Tal avanço indica que há um movimento para se destituir o poder da gramática como única versão da língua a ser reconhecida. Fato que, acreditamos, poderá contribuir com a formação escolar dos brasileiros. Afinal, como aponta Bagno (2014):

O princípio que guia a maioria das ideias sobre língua no senso comum é o do erro. Isso se deve a uma longuíssima tradição iniciada no século III antes de Cristo, quando surgiu a disciplina chamada gramática, uma tentativa dos grandes escritores do passado. Feitas essas escolhas, todos os demais usos, a começar pelos usos falados, receberam o rótulo de erro, de opções ilegítimas de falar e de escrever. (p.31)

1. 2. Metodologia

A escolha dos dois jornais Correio Braziliense e Diário de Notícias resultou do interesse em analisar de maneira comparativa a língua portuguesa em dois periódicos de grande circulação no Brasil e em Portugal, países considerados no cenário político e socioeconômico como os de maior prestígio no universo lusófono. Situados em continentes distintos, os dois países possuem laços históricos, o que pode contribuir para o desenho da relação língua do país colonizador versus língua do país colonizado.

Além disso, era necessário que os jornais tivessem material suficiente para formar o *corpus* da pesquisa. Ambos publicaram matérias sobre a língua portuguesa, seja numa coluna, blog ou editorias diversas. Durante o processo de escolha sobre os jornais que seriam objeto da pesquisa, procuramos material local, a fim de trazer para a análise aspectos regionais do jornalismo. Entretanto, não foi possível copilar material sobre o tema, pois em Palmas/Tocantins, não existem espaço próprio nem pautas contínuas dentro dos periódicos locais que abordem o tema.

Para elucidar o cenário da língua desenhado nos dois jornais pesquisados, decidimos executar o recorte temporal de uma década (2010 a 2019) de celebração do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura Lusófona, comemorado no dia 5 de maio, data criada pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) em 2009.

Após avaliar os dois quadros construídos a partir da análise dos dois jornais, cruzamos as informações encontradas. O objetivo principal do cruzamento é encontrar o enquadramento dado à língua portuguesa, ou seja, como a língua foi tratada pelas matérias. Os itens propostos possibilitaram entender aspectos fundamentais na pesquisa, sobretudo, a participação ou não de um especialista do tema, como acontece com outras pautas; e qual concepção de língua está conduzindo essas narrativas, isto é, língua é apenas gramática e ortografia, ou há desdobramentos além dessas esferas normativas?

De acordo com Faraco (2016), embora Portugal e Brasil sejam os países lusófonos de maior destaque no cenário mundial, ainda há um caminho longo a ser percorrido a fim de se construir entre os dois países uma relação mais estreita e conjunta quanto a políticas mais eficazes de promoção do idioma português:

O mais comum tem sido a ausência de planificação e diálogos conjuntos. No geral, predominam ainda políticas puramente nacionais, o que em última instância, redundam em dificuldades para o português ocupar uma melhor posição internacional entre as línguas mais faladas. (p. 364)

Faraco (2016) prossegue elencando ainda as características da língua portuguesa no cenário atual que, mesmo com grande quantitativo de falantes, cerca de 260 milhões de pessoas, ainda não tem representatividade forte nas atividades científicas e tecnológicas. Mais precisamente referente ao Brasil, o autor ressalta que *“falta-lhe uma visão estratégica ampla em relação à língua. E são ainda muito tímidas as ações do país na difusão da língua no exterior (pág. 187).”*

Esse quadro pode apresentar essa configuração estagnada no tempo, não só pela razão da ausência de políticas públicas, mas também pela forma com que os veículos de comunicação em geral abordam as questões linguísticas. Sendo assim, o estudo comparativo de narrativas jornalísticas dos dois países mais emblemáticos do mundo lusófono pode trazer à luz a escassez e/ou equívocos acerca do universo linguístico nestes países.

Por meio do Jornalismo - cuja uma de suas premissas é apresentar ao público acontecimentos e fatos variados, bem como outras pautas como descobertas e avanços

das áreas científicas- foi possível verificar se há contribuição para a discussão sobre a língua portuguesa e o mundo lusófono, uma vez que, no Brasil, poucos veículos trazem discussões sobre o tema, funcionando bem mais como consolidadores do dualismo entre certo X errado do uso do português.

A hipótese levantada foi se a língua portuguesa também é retratada da mesma maneira em Portugal, ou melhor, mais precisamente no jornal Diário de Notícias. E é nesse universo das matérias jornalísticas que pretendemos conectar os eixos: narrativa, mídia e acontecimento. Para entrelaçar os conceitos, tivemos como matéria-prima a narrativa jornalística, com vistas a elencar os valores-notícia presentes nas matérias e, especialmente, qual acontecimento provocou a abordagem da língua nas mídias avaliadas.

Segundo Motta (2005), que destaca a importância da linguagem para a relação estabelecida entre os indivíduos e entre os indivíduos e o mundo que o cerca, as narrativas são instrumentos de estabelecer-se no mundo. Por meio dela, é possível moldurar os acontecimentos que nos cercam, pois *“a linguagem é a experiência humana essencial, torna o ser humano. Empalavramos o mundo porque essa é a forma humana de conhecer”*. (p.63)

É por considerar a palavra, ou seja, a língua (gem), instrumento fundamental da vida humana, sobretudo no âmbito social, que pretendemos mesclar os universos midiático e linguístico, a fim de traçar um panorama de como a temática da língua é abordada em dois jornais importantes em seus países. Com isso, o material explorado foi a própria construção textual das matérias, no âmbito da narrativa, pois é a manifestação da linguagem que permite ao homem apreender a realidade. Nesse sentido, ressalta Motta (2005):

Alguns autores mais ousados propõem que o homem apreende narrativamente a realidade e que as narrativas imaginárias ou factuais nos ajudam a sondar e testar a realidade, e simultaneamente instituem as identidades, as organizações e as sociedades. (p. 08)

Vale destacar também que a escolha do objeto primordial desta pesquisa, a língua, decorreu de estudos que já vinham sendo desenhados desde a época da graduação em Letras, que foi anterior à formação no curso de Comunicação Social-Jornalismo, e que também foram desenvolvidos durante a especialização em "Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas Contemporâneos". Por entendermos que as áreas de

Letras e Comunicação Social dialogam por meio da sua principal instrumentalização de atuação, que é o universo linguístico, o tema “língua” inserido como pauta nos veículos de comunicação pareceu ser um ponto-chave de intersecção e de pesquisa das duas áreas.

Para que o caminho metodológico fosse traçado a passos firmes, alcançando a produtividade desejada, escolhemos dois jornais que têm algumas similaridades. Ambos estão localizados na capital de seus países, possuem versões impressa e online, tiveram sua primeira impressão no século XIX e são reconhecidos como importantes na área midiática de seus respectivos países. O jornal português Diário de Notícias, criado em 1864, foi analisado com foco na editoria Sociedade, que traz uma seção intitulada “Língua Portuguesa”, reunindo matérias que versam sobre o universo linguístico.

O Correio Braziliense, por sua vez, ainda que fundado em 1960, data de criação de Brasília, é uma versão do primeiro jornal brasileiro, também com sua publicação datada no século XIX, quando teve sua primeira tiragem impressa em Londres, no ano de 1808. Também sediado na capital do país, Brasília, o periódico foi analisado especialmente com foco em um *blog* do jornal, intitulado *Blog da Dad*, que leva a assinatura de Dad Squarisi, conhecida por publicação de livros que tratam de assuntos de língua, com dicas gramaticais, dentre outras questões.

Partindo do pressuposto de que a língua funciona como uma das pautas permanentes tanto na seção do Diário de Notícias como no *Blog da Dad*, pretendeu-se verificar como a língua portuguesa é exposta nesses veículos de comunicação, reconhecendo a influência que a mídia pode exercer nas relações estabelecidas pelo indivíduo na sociedade, por meio da língua, e na sua forma de conhecer e lidar com o mundo, tendo como mote a prestação de serviço e a responsabilidade social que cada profissional de comunicação deve ter como guias para o exercício da sua profissão. (PENA, 2006).

Dessa forma, a fim de construir melhor o caminho metodológico da pesquisa, fez-se um recorte temporal de dez anos, tendo como marco a semana do dia 5 de maio, data instituída, em 2009, pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) como o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura Lusófona. Portanto, a presente pesquisa fez análise das edições da semana do dia 5 de maio dos dois jornais analisados, dentro do período de 2010 a 2019, com foco na editoria Sociedade e nas postagens realizadas no *Blog da Dad*.

Ao todo, foram encontradas 181 matérias/postagens, sendo 154 no Correio Braziliense e 27 no Diário de Notícias, no decorrer da semana do dia 5 de maio, ficando, portanto, o período de 1º a 7 de maio. Importante destacar que apenas o DN trouxe o tema em seções/editoriais diferentes, ao passo que o CB manteve a língua, no período analisado, como pauta apenas no referido Blog da Dad.

Durante o percurso da pesquisa, que classificamos como exploratória, foi feita inicialmente a leitura do material bibliográfico sobre o tema, buscando ter como foco os eixos: narrativa midiática, acontecimento e língua. Essa tríade temática foi analisada a fim de encontrar convergências e divergências conceituais que se destacam dentro dos espaços de interseção nas áreas da Linguística e da Comunicação Social. O estudo exploratório foi escolhido por não existir material extenso sobre o tema, embora o recorte temporal tenha sido de uma década. Segundo Gil (2008, p.27), o estudo exploratório é “realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas”.

Em seguida, foi feita coleta das matérias veiculadas especialmente na data proposta, sendo catalogadas e elencadas conforme os objetivos propostos. Para a concatenação desse material, realizou-se pesquisa no site dos dois jornais, a princípio sem determinar datas, utilizando as palavras-chave: CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), Dia da Língua Portuguesa, língua portuguesa. Dessa forma, pretendeu-se verificar se em outros momentos houve publicação sobre o universo linguístico português, e não apenas na data comemorativa já mencionada anteriormente. Por conta disso, a análise buscou abarcar a semana do dia 5 de maio, considerando que a data poderia provocar pautas em edições especiais, em dias posteriores ou anteriores ao dia 5.

Após a catalogação do material, foi feita a avaliação das matérias, com ênfase nas concepções de língua e nos aspectos/estruturas das narrativas jornalísticas, pois, como aponta Motta (2005, p.86), *“as narrativas, enquanto construções discursivas, atuam na constituição da realidade social”*.

Uma vez que foi proposto ter como objeto de pesquisa matérias jornalísticas, buscamos definir a linha de análise, ou seja, se o material coletado seria avaliado sob o prisma da análise do discurso ou da análise da narrativa. No entanto, pelos tópicos propositados mediante as questões de língua a serem tratadas, percebeu-se ser necessário, considerando o tempo e o espaço de uma pesquisa de mestrado, criar um

quadro didático, simples e direto, com quatro questões/itens para verificar a estrutura de cada matéria.

Tal quadro, exposto logo abaixo, foi a ferramenta principal para que as matérias jornalísticas coletadas fossem analisadas, lançando mão dos parâmetros estabelecidos, a princípio, com vistas a entender mais diretamente qual concepção de língua os veículos de comunicação tratados nesta pesquisa expõem nas matérias. A partir de então, após leitura bibliográfica acerca da análise da narrativa, decidimos criar aspectos bem próprios para os recortes temático e temporal propostos.

Tabela 1: Tópicos/itens criados para análise da narrativa

JORNAL 1 CORREIO BRAZILIENSE				
	Seção/editoria	Tem voz de especialista	Aspecto da língua abordado	Temporalidade do fato/tema
2010				
2011				
2012				
2013				
2014				
2015				
2016				
2017				
2018				
2019				

Texto elaborado pela autora

Tabela 2 : Tópicos/itens criados para análise da narrativa

JORNAL 2 DIÁRIO DE NOTÍCIAS				
	Seção/editoria	Tem voz de especialista	Aspecto da língua abordado	Temporalidade do fato/tema
2010				
2011				

2012				
2013				
2014				
2015				
2016				
2017				
2018				
2019				

Texto elaborado pela autora

Após avaliar os quadros construídos a partir da análise dos dois jornais, cruzamos as informações encontradas. O objetivo principal do cruzamento foi identificar qual o enquadramento dado à língua portuguesa, ou seja, como a língua foi tratada pelas matérias. Os itens propostos possibilitaram entender aspectos fundamentais na pesquisa, sobretudo, a participação ou não de um especialista do tema, como acontece com outras pautas; e qual concepção de língua está conduzindo essas narrativas, isto é, língua é apenas gramática e ortografia, ou há desdobramentos além dessas esferas normativas?

Para concluir o percurso metodológico, foram realizadas a análise dos dados e discussão dos resultados, com o intuito de responder aos objetivos estabelecidos e à hipótese referente a cada um dos objetivos elencados. Como objetivos gerais da pesquisa, tivemos: a) Compreender como se dá a construção da narrativa e do discurso jornalístico como parte do *métier* de atuação do jornalista, tendo como foco matérias que tratam sobre a língua portuguesa nos dois jornais pesquisados. Dessa forma, cotejamos os dois periódicos quanto à pauta, às vozes e personagens presentes nas matérias, no intuito de verificar como o universo linguístico está inserido no universo midiático dos periódicos e como os profissionais jornalistas estão atuando na seara da língua portuguesa; b) Analisar quais acontecimentos e valores-notícia impulsionam a produção de matérias jornalísticas sobre a língua portuguesa nos dois jornais analisados.

Dessa forma, tentamos traçar o panorama de como os periódicos noticiam os fenômenos e as características da língua portuguesa, avaliando qual é o espaço dado para as notícias sobre a língua portuguesa, em qual produto jornalístico, se matéria, nota, reportagem ou editorial, e quais são os termos mais comuns na narrativa dessas

matérias, como gramática, ortografia etc. A tríade temática narrativa midiática-língua-acontecimento conduziu os estudos. Para cada objetivo específico, tivemos uma respectiva hipótese, conforme está esquematizado na tabela abaixo:

Tabela 3: Objetivos específicos e hipóteses da pesquisa

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (OE)	HIPÓTESES (H)
OE1: Analisar as concepções de língua (gem) que norteiam as publicações/matérias sobre a língua portuguesa nos dois jornais pesquisados,	H1: As mídias portuguesa e brasileira consideram a língua apenas como um arcabouço de regras gramaticais e ortográficas ou também abordam o universo linguístico no âmbito da Linguística, enquanto Ciência da Linguagem?
OE 2: Investigar como a língua portuguesa se torna pauta das colunas/seções pesquisadas e quais os valores-notícia subjazem as matérias/publicações.	H2: As matérias jornalísticas analisadas estão alicerçadas apenas em dicas gramaticais e ortográficas, utilizando o dualismo certo x errado, ou são impulsionadas por outros aspectos da língua?
OE 3: Verificar como as narrativas das matérias são construídas, com foco nas vozes presentes, avaliando se o conteúdo está apenas na esfera do narrativo/tecnicista ou se há desdobramentos/aprofundamentos nessas narrativas analisadas	H3: A narrativa das matérias jornalísticas avaliadas traz vozes de especialistas ou está centrada somente na voz do jornalista, causando superficialidades e tendencionismos nas matérias?
OE 4: Avaliar como os profissionais jornalistas dos dois periódicos analisados estão construindo seus textos sobre a língua portuguesa.	H4: Os profissionais jornalistas são superficiais e não aprofundam as questões da língua, conduzindo suas narrativas apenas na esfera do prescritivismo gramatical e ortográfico?

Texto elaborado pela autora

Após o levantamento dos dados, foi realizada tabulação das informações obtidas, num formato de tabela bidimensional, separando o material coletado nos dois jornais analisados. Em seguida, realizou-se a interpretação para responder às hipóteses levantadas e atingir os objetivos almejados. A interpretação e conclusão foram realizadas por meio do conjunto de todos os métodos utilizados, da pesquisa documental e bibliográfica, bem como dos dados tabulados e analisados.

A pesquisa consta de quatro capítulos, sendo o primeiro referente à Introdução, apontando a premissa do estudo, ou seja, o motivo que impulsionou a escolha do tema, além dos objetivos do estudo e o caminho metodológico adotado.

O segundo capítulo versa sobre o universo linguístico, elencando concepções de língua nos âmbitos social e midiático, o que colabora no desenho do panorama pretendido que foi o de avaliar como a língua está sendo apresentada para o público brasileiro e português dos dois jornais analisados, bem como a língua está sendo retratada nas matérias jornalísticas dos dois periódicos. Além disso, decidimos trazer o histórico da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, sua atuação no cenário político e econômico do Brasil e de Portugal, já que o recorte temporal desta pesquisa foi baseado numa data criada por essa instituição.

O terceiro capítulo, por sua vez, traz o universo midiático, com foco nos critérios de noticiabilidade utilizados nas matérias estudadas; a teoria do enquadramento, a fim de pinçar a língua como objeto de estudo, dentro de todos os temas possíveis de noticiabilidade no período analisado. Importou ainda, neste capítulo, fazer paralelo entre narrativa jornalística e acontecimento, com vistas a entender a gênese das matérias que versam sobre a língua nos periódicos analisados.

Já o quarto capítulo trata da análise do material coletado, tendo como eixo a tríade temática narrativa midiática-língua-acontecimento como norte do estudo. Discorreremos, portanto, sobre as divergências e convergências conceituais de língua e de narrativa presentes nas matérias avaliadas; quais foram as vozes e fontes utilizadas; e, por fim, quais temas, dentro do campo linguístico, foram mais abordados pelos profissionais da mídia.

Por último, a conclusão se pretende ser um ponto de síntese da pesquisa realizada, tendo a premissa de ser mais um passo dado na caminhada- complexa e fértil- de se construir uma interseção entre as áreas do Jornalismo e da Linguística, a fim de ampliar os estudos nas duas áreas e pluralizar o diálogo que, há muito, já vem sendo construído por pesquisadores das duas áreas.

2. UNIVERSO LINGUÍSTICO

A língua é elemento estruturante de uma sociedade. Por meio dela, cada sujeito se insere nas relações sociais, utilizando-se do potencial comunicativo que o universo linguístico oferece, seja ele manifestado na sua oralidade, escrita, no formato gesticular, imagético etc.

É pela língua/linguagem que o indivíduo se torna parte da coletividade. Quando se emite uma mensagem, ou se está na posição de receptor, é possível, de alguma forma, deixar marcas, quer dizer, o mundo pessoal e particular- com suas emoções, percepções, valores, crenças- se mescla ao mundo de outrem, ora para persuadir, interagir, informar, confrontar, ou ainda, emitir uma narrativa.

Ladeando esse universo linguístico e suas normativas de uso e singularidades de manifestação- que exprimem a identidade de um grupo, unido por características como idade, sexo, gênero, localidade geográfica, profissão- existem esferas socioculturais que atuam diretamente sobre o alicerce da relação língua x sociedade. Nesse ponto, cada esfera pode ou não atrair a outra, e a força que impulsiona esse movimento de atração ou repulsa é a concepção de língua que permeia as situações comunicativas na sociedade, num dado momento e local.

2.1 Concepções de língua

A relação que o sujeito estabelece com a língua pressupõe que concepção de língua esse sujeito construiu ao longo de sua vida, ou seja, qual o entendimento sobre o uso da língua e como o aparato linguístico desse sujeito é analisado por ele mesmo. Essa percepção pode revelar um caráter normativista e extremista quanto ao uso da língua, ou indicar que a língua é vista de maneira mais democrática, flexível e plural.

Para Bagno (2009), a atitude normativista, alicerçada por uma concepção purista da língua, é nociva ao bem comum, pois pode ser um instrumento de autoritarismo e de exclusão, tanto no ambiente escolar, como fora dele. Avaliar as manifestações linguísticas somente pelo prisma da gramática e da ortografia é ratificar a concepção equivocada de pureza da língua, como se o sistema linguístico permanecesse imutável

diante do tempo e do espaço. Esse entendimento ainda pode inferir outra postura nociva, no que diz respeito às relações sociais, uma vez que acreditar que a língua é pura e imutável, muitas vezes, está sendo associado à imagem de decadência da moral da sociedade, o que, conseqüentemente, pode-se também atribuir tal decadência aos indivíduos que fazem uso da língua, de maneira que fere os preceitos da norma padrão.

A qualificação de *purista* é atribuída àquela pessoa que defende a “pureza” da língua contra todas as formas inovadoras, que são sempre consideradas como sinais de “decadência”, “corrupção” e “ruína”, não só da língua como também, muitas vezes, dos valores morais da sociedade. De fato, é interessante observar como, no discurso dos puristas, existe sempre uma relação estreita entre a tentativa de preservar a língua e preservar a “moral” da sociedade” (2009, p. 30)

Por isso, sair da redoma imposta pelo sistema educacional- que reforça na mente do aluno que só agora ele vai aprender, de fato, a língua portuguesa- é importante para a democratização da língua. Tal atitude pode levar a um passo à frente do tradicionalismo do ensino e construir autoestima no indivíduo ao ponto de fazê-lo se perceber falante capaz e hábil de sua própria língua, ainda que ela não esteja condizente com as normativas estabelecidas pela gramática. Essa atitude se faz necessária para que as relações sociais aconteçam de forma menos violenta, no campo linguístico, com menos preconceito e discriminação, como salienta Bagno (2009):

No Brasil, a situação linguística revela um drama parecido, embora a violência aqui seja exercida no nível do simbólico, mas nem por isso menos violenta. OS brasileiros urbanos letrados não só discriminam o modo de falar de seus compatriotas analfabetos, semianalfabetos, pobres e excluídos, como também discriminam o seu próprio modo de falar, as suas próprias variedades linguísticas. (p. 21)

Mas, afinal, o que é a língua? Instrumento, ferramenta de comunicação? Pesquisas desenvolvidas pela ciência da linguagem em interseção com outras áreas do conhecimento têm apontado que a definição é mais ampla. A ideia de que a língua está fora do indivíduo, sendo apenas acionada quando necessário, favorece a concepção equivocada de que a língua é uma espécie de utensílio, um objeto que se usa para estabelecer a comunicação, entender o mundo que nos cerca, e, após esse uso, ela volta para algum canto de uma prateleira, onde se organiza uma série de objetos úteis às experiências humanas. Como aponta Calvet (2002):

Uma das reservas que pode manifestar contra as definições da língua que a reduzem a um “instrumento de comunicação” é que elas podem levar a crer em uma relação neutra entre o falante e sua língua. Um instrumento é realmente um utensílio de que se lança mão quando se tem necessidade e que se dispensa em seguida. Com efeito, existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com quem as utilizam, que torna superficial a análise como simples instrumento. (p.57)

O que os estudos do campo da Linguística vêm apontando, há quase um século, é que língua e ser humano são indissociáveis. Ambos coexistem no plano cognitivo, estabelecem-se num dado momento histórico, numa conexão que já existe antes do início da trajetória escolar. Dessa forma, a língua/linguagem é parte constitutiva do ser humano, inerente à compleição do indivíduo, como pondera Bagno (2014): “*Ser humano é ser na linguagem (...)* A linguagem faz parte da nossa própria constituição física, fisiológica (constituição que inclui também nossa psique.” (p.11- grifo do autor).

Assim, é possível inferir também que se é comum a aversão a usos “incorretos” da língua, é possível que sejam legitimadas atitudes preconceituosas de aversão ao indivíduo que faz esses usos. Logo, a concepção de certo x errado pode levar a uma estratificação de valores desse indivíduo dentro da sociedade, numa escala que aponta inteligência e prestígio social. Se há obediência às regras da norma linguística padrão, há imediata concepção de inteligência sendo atribuída a esse indivíduo. Dessa forma, cria-se no âmbito social mais uma ferramenta de exclusão/inclusão, de valorização/desvalorização. Para Bagno (2009), a língua acaba fazendo parte da dinâmica social e de suas alternâncias de valores individuais, assim como religião, idade, gênero:

Se queremos construir uma sociedade tolerante, que valorize a diversidade, uma sociedade em que as diferenças de sexo, cor de pele, de opção religiosa, de idade, de condições físicas, de orientação sexual não sejam usadas como fator de discriminação e perseguição, temos que exigir também que as diferenças nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas. (p.28)

Por isso, entender que a língua é mais que um instrumento ou uma ferramenta de comunicação pressupõe ir além do campo meramente linguístico. Buscar o entendimento mais amplo é adentrar no universo bem maior, no qual está inserida a peça-chave: o ser humano. O meio sociocultural, as relações econômicas e políticas, a

psiqué, a fisiologia do corpo humano, tudo faz parte da língua, num movimento contínuo de colisão, coesão, encaixe e repulsa. Sobre isso, destaca NASCIMENTO (2019, p.27):

Se, por um lado, o sujeito se submete à língua, por outro, a língua muda por meio do sujeito e das convenções criadas através da língua que não são autoconscientes. Por isso, as línguas têm sujeitos por trás delas. De outra forma, as línguas não são neutras e sempre são atravessadas por processos de poder, como os próprios sujeitos.

Como um organismo que nasce junto ao ser humano e o leva à condição de ser social- por dar a ele oportunidade de interação com seus semelhantes- a língua precisa ser entendida sob o prisma sociocultural. Ela está no homem e se mantém dentro dele, sendo constantemente moldada, ora perdendo algumas formas, ora aprimorando-as, ora ganhando novos formatos. No entanto, nunca se mantendo estática e, vale dizer, intacta. Sobre isso, Bagno (2014) salienta:

A linguagem então é um fenômeno de ordem sociocognitiva, que dizer, ao mesmo tempo em que é uma capacidade biológica da espécie humana (e exclusiva da espécie humana) de adquirir/ produzir/ transmitir conhecimento por meio de representações/simbolizações do mundo, ela também é uma força motora de **coesão social**, ela é preservada e transformada pelos membros de uma comunidade humana e, por isso, sujeita aos fluxos, influxos e contrafluxos políticos, econômicos e sobretudo **culturais** dessa comunidade (p.14-grifo do autor)

No entanto, permeia nas dinâmicas sociais a ideia equivocada de que a língua é apenas uma ferramenta de comunicação, que, para ser eficaz em seu propósito, precisa estar alicerçada unicamente nas prescrições gramatical e dicionarista. Essa ideia aponta para um dos equívocos conceituais mais comuns de língua, que é o de sinonimizar língua e gramática.

Por conta desse equívoco, o sujeito que não é escolarizado acaba correndo o risco de sofrer discriminação social por usar variações linguísticas fora da norma, uma vez que é essa variação da língua que é trabalhada na escola. Esse entendimento equivocado de língua colabora na criação de uma espécie de escala de valor das variações linguísticas na sociedade, baseada na concepção superficial de língua, de que “não se sabe português”, ou ainda mais grave, “de que não se sabe falar português”, porque o sujeito não cumpre com as regras de concordância gramatical, ou não utiliza a forma normativa de conjugação de algum verbo, por exemplo. Sobre isso, Antunes (2007) explicita:

Saber uma língua equivale a saber a gramática (normativa); ou, por outro lado, saber a gramática de uma língua equivale a dominar totalmente essa língua. É o que se revela, por exemplo, na fala das pessoas quando dizem que ‘alguém não sabe falar’. Na verdade, essas pessoas estão querendo dizer que alguém ‘não sabe falar de acordo com a gramática da suposta norma culta’. Para essas pessoas, língua e gramática se equivalem. Uma esgota a outra. Uma preenche inteiramente a outra. Nenhuma é mais que a outra. (p.39)

Essa supervalorização da gramática como único guia na aprendizagem de uma língua é um dos pontos mais questionados pelos cientistas da linguagem. Antes da Linguística, na década de 1920, a língua era vista como um arcabouço de peças únicas, que deveriam se encaixar a fim de acionar o motor da comunicação. No entanto, a língua vai além. Ela não pode ser um objeto à mercê de quem tenha inteligência para utilizá-la ou de quem sabe manusear as suas “regras”. Esse entendimento de que a língua é um objeto, algo que pode ser manuseado e depois guardado em uma gaveta vai de encontro ao dinamismo que toda língua tem em sua natureza.

As variações linguísticas nada mais são do que decorrência da dinâmica social, que ocorre nos intervalos espaço-temporais próprios e que representam a necessidade natural de remodelagem vocabular de grupos sociais, que interagem mediante suas bagagens cognitivas, construídas também pela sua estrutura linguística que é, antes de tudo, natural e está presente em cada indivíduo. Como afirma Bagno (2015):

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou não existe nenhuma língua no mundo que seja uma, uniforme e homogênea. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (p.27)

É por conta da mutabilidade, característica primordial da língua, que a Linguística avalia os fenômenos numa perspectiva mais sociológica. O ponto de partida é o próprio indivíduo ou comunidade, que pode se valer de escolhas de formas que não estão em acordo com a gramática, mas que continuam sendo eficazes no que diz respeito à comunicabilidade. No entanto, no senso comum e no meio midiático, ambientes que costumam apenas reproduzir de maneira menos analítica os fenômenos da língua, a gramática tende a ser o único parâmetro, a peça-chave que deve nortear todas as escolhas linguísticas dos falantes. Porém, o que se vem descobrindo a partir dos

estudos da Linguística é que a gramática já está, inclusive, ultrapassada no que tange os seus preceitos e terminologias.

Exemplo disso é o questionamento recorrente que ainda que os termos “sujeito” e “predicado” sejam considerados na nomenclatura gramatical como ‘termos essenciais’ da oração, o aluno aprende, em sua trajetória escolar, que existem orações sem sujeito. Ora, se o sujeito é essencial, ou seja, imprescindível para uma oração, como se pode explicar que existam orações sem sujeito?

Assim, o que se tenta destacar, por meio da Linguística no plano pedagógico e didático no ensino da língua portuguesa dentro das salas de aula ou na mídia, é que saber gramática não necessariamente implica conhecer as nomenclaturas, regras e exceções dessas regras. Sobre isso, é válido reverberar o que afirma Bagno (2014):

O princípio que guia a maioria das ideias sobre língua no senso comum é o do erro. Isso se deve a uma longuíssima tradição iniciada no século III antes de Cristo, quando surgiu a disciplina chamada gramática, uma tentativa dos grandes escritores do passado. Feitas essas escolhas, todos os demais usos, a começar pelos usos falados, receberam o rótulo de erro, de opções ilegítimas de falar e de escrever. (p.31)

A questão é que se acredita que “todos os demais usos, a começar pelos usos falados, receberam o rótulo de erro, de opções ilegítimas de falar e de escrever”, como afirmou Bagno (2014). E não há ilegitimidade. Usar “A gente fomos ao cinema” não causará ruídos na comunicação se o interlocutor também falar português. Ele, certamente, entenderá que um coletivo de pessoas, ou seja, mais de uma pessoa foi ao cinema, independentemente do equívoco quanto à concordância verbal. E, por mais que essa construção frasal cause estranhamento ou repulsa a um ouvido mais purista, a ciência da linguagem não condena. Afinal, como pondera Bagno (2015):

Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, na concepção da linguística moderna, significa conhecer intuitivamente e empregar com facilidade e naturalidade as regras básicas de funcionamento dela. (p.58).

2.2 Discurso X Silenciamento na mídia- Quem fala o quê?

Além do jornalista, quais outras vozes aparecem nas matérias que abordam questões de língua? Essa pergunta foi um dos principais questionamentos da presente pesquisa. Importou perceber que vozes estão tendo espaço e quais outras são silenciadas. É relevante reiterar que o discurso midiático, assim como os demais discursos, não deve ser analisado puramente no âmbito estrutural da língua. Ele carrega outras forças que impulsionam crenças, valores, ideologias e imprimem propósitos de fala que podem ultrapassar o aspecto da narrativa jornalística, cuja premissa da objetividade já é, há muito, criticada e debatida no âmbito científico-acadêmico.

Então, a quem interessa manter o caráter de colonização da língua? Essa concepção de língua colonizada, que aqui sinonimiza língua padronizada, nos moldes da escrita do português europeu, como já foi abordado anteriormente, mantém-se em seu curso apontando em uma única direção: o normativismo gramatical. Os moldes de uso correto da língua no Brasil costumam invadir as páginas da imprensa, quando celebridades cometem seus deslizes gramaticais e ortográficos. E, com a pulverização das redes sociais, abriu-se espaço para que se tenha acesso maior à vida e às declarações dos artistas, um terreno fértil para que se perceba- ainda que de uma maneira superficial- que tipo de língua essas celebridades usam.

Para Bagno (2015), a falta de espaço dado a cientistas da língua na mídia é uma maneira de consolidar cada vez mais a concepção acientífica da língua, uma vez que não se reconhece como se deveria a existência da Linguística, enquanto ciência, assim como é feito em outras áreas. No entanto, é importante destacar que a mudança de postura não deve caminhar na direção de total anarquismo da língua, mas, sobretudo, no reconhecimento de que a língua é mutável, no tempo e no espaço. Por isso, ter um parâmetro formalizado pela gramática e dicionários seria uma das formas de manifestação da língua, mas não precisa ser a única, até porque não é. Ampliar e diversificar a concepção de língua é um passo importante para a democratização do saber, para o sentimento de pertencimento de cada brasileiro, como questiona Bagno (2015):

Por que o discurso gramatical tradicional, já tão amplamente criticado pelos cientistas da linguagem com base em teorias e métodos consistentes e coerentes, ainda tem tanto vigor e obtém tanta defesa? Que ameaça ao tipo

de sociedade em que vivemos representa a democratização do saber linguístico, a divulgação ampla das descobertas deste campo científico, a liberação da voz de tantos milhões de pessoas condenadas ao silêncio por “não saber português” ou por “falar tudo errado”? A quem interessa defender o “português ortodoxo” de uns pouquíssimos melhores contra suposta “heresia gramatical” de muitos milhões de outros? (p.256)

A língua é tratada na mídia tanto por jornalistas, que usam seu próprio conhecimento de língua para redigir suas matérias, como por outros profissionais- na maioria, professores- que prestam assessoria para o veículo de comunicação e ganham espaço em uma coluna do jornal, numa espécie de consultoria.

Além disso, anualmente, o mercado editorial recebe publicações variadas que se propõem a dar dicas de português ou ajudar na aprovação de concursos. O ponto dessas publicações é que se tenta reforçar a língua portuguesa como um idioma difícil. A exemplo disso, temos o lexicólogo brasileiro Luis Antonio Sacconi, que afirmou em uma de suas publicações: *“Não perca tempo em perguntar por quê, caro leitor; basta não esquecer que estamos estudando a língua portuguesa.”* (SACONNI, 2011, p. 14).

Semelhante a essa declaração, que tenta realçar a capacidade do autor em detrimento da suposta incapacidade do seu público-leitor em conhecer a língua materna de ambos, trazemos uma citação que impactou os estudos da Linguística no Brasil, pelo seu teor preconceituoso e de autoria de um dos gramáticos brasileiros mais conhecidos, Napoleão Mendes de Almeida.

Os delinqüentes [sic] da língua portuguesa fazem do princípio histórico quem faz a língua é o povo verdadeiro moto para justificar o desprezo de seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário, esquecidos de que a falta de escola é que ocasiona a transformação, a deterioração, o apodrecimento de uma língua. Cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos é que devem figurar, segundo esses derrotistas, como verdadeiros mestres da nossa sintaxe e legítimos defensores do nosso vocabulário. (ALMEIDA, 1994, p. 60)

Os “derrotistas” aos quais se refere Almeida são os pesquisadores da Linguística que vêm tentando anunciar no meio acadêmico e midiático o resultado das pesquisas referentes à língua, desenvolvidas no mundo todo. Por meio desses estudos, registrados em diversos tipos de publicação, é possível apreender que a língua, enquanto objeto de ciência, tem sido demonstrada como estrutura viva e que segue no curso do tempo se remodelando. Dessa forma, todos os atos de fala e os usos linguísticos, de maneira geral, que não condizem com as regras gramaticais e os preceitos dicionaristas

foram e continuam sendo estudados sob uma óptica que perpassa o entendimento do que seja a norma padrão. Como assevera Bagno (2015, p.117) *“É preciso explicação lógica, científica, ter sempre em mente que tudo aquilo que é considerado erro ou desvio pela gramática normativa tem uma lógica perfeitamente demonstrável.”*

Se é demonstrável, por que não registrar isso nas matérias que tratam de língua portuguesa? Tendo a pauta o objetivo de apontar algum desvio ortográfico, como ocorre em boa parte das matérias jornalísticas no Brasil, o que será mais explicitado no capítulo 4, seria fundamental que o caso em questão trouxesse um contexto mais amplo e com voz de um especialista, que não fosse o próprio jornalista ou, até mesmo, um gramático.

A questão dessa ausência de desdobramentos e contextos mais amplos e atuais com informação atualizada sobre os estudos da língua implica um desserviço ao público. Ora, se já existe uma ciência que se debruça sobre os fatos da língua e já vem publicando, como dito acima, vasto material sobre esses fatos- com explicação, método e resultados- por que não há espaço no jornalismo para tais estudos?

As pautas acabam, portanto, por não lidar com a atualidade, um critério do potencial de noticiabilidade de um fato ou acontecimento. É como se, semelhante a essa estagnação do tempo, matérias que tratassem de tuberculose ainda discorressem sobre essa doença como se ela não tivesse cura. No entanto, a doença passou a ser tratada e se entendeu que havia cura, desde o final do século XIX. Assim, tratar a língua apenas no didatismo de certo x errado, nos moldes da gramática, é como noticiar a língua portuguesa do século XVI, quando a primeira gramática foi criada. Quanto a esses profissionais atuantes na mídia, Possenti (2009), aponta:

Um pouco diferentes são os especialistas em língua que assessoram jornais. Estes leem gramáticas e dicionários diversos, mas sempre selecionam ou produzem um resumo de consenso, invariavelmente fundado na posição mais conservadora ou, alternativamente, simplificam as “regras” reduzindo-as a uma unidade que não se encontra as gramáticas. Em geral, eles se especializam em duas coisas: fornecem dicas que não funcionam e observam pessimamente fatos que estão diante de seu nariz, que pretensamente analisam. (p. 8)

Exemplo de profissional do campo de Letras que atua na mídia brasileira é a professora Dad Squarisi, que assina o “Blog da Dad”, no Correio Braziliense, e foi um dos focos da presente pesquisa. Já conhecida por muitos linguistas por conta dos seus textos analíticos sobre a língua, Squarisi escreveu o texto “Português ou Caipirês”⁵, em 1996, em alusão a um pronunciamento do então presidente Fernando Henrique Cardoso, quando ele esteve em Portugal.

O conteúdo do texto trouxe, além de adjetivos pejorativos a brasileiros, clara tentativa de destacar a superioridade linguística dos portugueses em detrimento do português “tupiniquim”, bem como o enaltecimento à competência linguística do então chefe de Estado, Fernando Henrique Cardoso, que, para a professora, estava perdido diante do restante da população brasileira, considerada “caipira”. O texto “Português ou Caipirês” é emblemático quando se trata de preconceito linguístico no Brasil, por conta do seu teor colonialista da língua:

Fiat Lux. E a luz se fez. Clareou este mundão cheinho de jeca-tatus. À direita, à esquerda, à frente, atrás, só se vê uma paisagem. Caipiras, caipiras e mais caipiras. Alguns deslumbrados, outros desconfiados. Um - só um - iluminado. Pobre peixinho fora d’água! Tão longe da Europa, mas tão perto de paulistas, cariocas, baianos e maranhenses. Antes tarde do que nunca. A definição do caráter tupiniquim lançou luz sobre um quebra-cabeça que atormenta este país capiau desde o século passado. Que língua falamos? A resposta veio das terras lusitanas. Falamos o caipirês. Sem nenhum compromisso com a gramática portuguesa. (...)

Esse texto ilustra como o preconceito linguístico carrega em si um preconceito social, que só colabora ainda mais para que a sociedade se estratifique, podendo criar valores atribuídos a outrem, que nada têm a ver com competência linguística. Não é raro que adjetivos como “inteligente”, “culto”, “elegante” sejam atribuídos a um sujeito, tendo como parâmetro a forma com que ele fala ou escreve. Essa reação, ainda que não verbalizada, pode permear o pensamento do interlocutor ou receptor, em dada situação comunicativa em que se tenha um emissor que se baseie em todas as regras da norma culta/padrão da língua.

O trecho “*Tão longe da Europa, mas tão perto de paulistas, cariocas, baianos e maranhenses*” elucida bem que a língua é avaliada com pessoalidade, ou seja, ela é vista sob o prisma de quem fala, atuando como uma régua que mede o status socioeconômico, podendo atribuir notoriedade, pompa social e inteligência ao sujeito, em detrimento do restante da sociedade, considerada como “corrompida”.

Não é incomum ouvir expressões do tipo “Mataram a língua portuguesa”, indicando a necessidade de manter a pureza original da língua, aquela criada numa tentativa de imitar os escritores clássicos, considerados, então, como bem mais cultos que a maioria dos falantes.

No outro lado dessa discussão, é possível encontrar quem entende a língua como instrumento não só de comunicação, mas de política. Ora, se o ser humano é um ser político (Aristóteles), ele vai se inserir na dinâmica social e de poder. E, como peça dessa dinâmica, o ser humano se vale da linguagem para agir e reagir mediante o cenário no qual está inserido. Assim, com a ampliação da arena de debates, com a expansão das redes sociais, temas como política- que até então parecia estar muito distante e cristalizado para que indivíduos fora das instituições e governos pudessem discutir- tornou-se mais comum com o advento das redes sociais.

Para o jornalista e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), Leonardo Sakamoto, a relação entre língua, coerção e poder no cenário do debate político do país é uma realidade que coloca em xeque a tentativa de dominar o direito à voz e de, conseqüentemente, colocar parte da sociedade brasileira no silenciamento. Em 2014, Sakamoto escreveu em seu blog texto intitulado “Burro não é quem escreve ‘errado’. Burro é quem discrimina”:

A língua é construída pela boca das pessoas no dia a dia e não por meia dúzia de iluminados. É dinâmica, em constante mutação e, para sobreviver, não precisa de formalismos- que são exatamente isso, construções, muitas vezes definidas pelo grupo hegemônico. Como dizer que uma pessoa que nasceu e cresceu falando português e sempre se fez entender está errada? Dizer que um pescador, um vendedor ambulante, a vendedora do tabuleiro de doces, uma quilombola, ou ribeirinha ou um operário da construção civil que não usem a norma culta ‘desconhecem a própria língua’ não é uma ação pedagógica e sim um ato político. Que usa uma justificativa supostamente técnica para manter do lado de fora dos debates sobre o futuro a maior parte da sociedade brasileira. A quem interessa a manutenção desse comportamento? A quem está no poder e, muitas vezes, usa a língua como instrumento de coerção.

[\(https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2014/08/05/burro-nao-e-quem-escreve-errado-burro-e-quem-discrimina/\)](https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2014/08/05/burro-nao-e-quem-escreve-errado-burro-e-quem-discrimina/)

Assim, numa situação comunicativa, pode-se rechaçar a variação linguística do outro, tendo como justificativa que esse falante não tem inteligência suficiente para exercitar sua bagagem linguística e esta acaba por ser parâmetro para desvalorizar, inferiorizar e até discriminar as formas linguísticas que não se enquadram dentro das

normas gramaticais e dicionaristas, considerando que o sujeito em questão “desconhece a própria língua”. Dessa forma, ainda que a sentença proferida ou escrita seja compreensível, entende-se que o sujeito não “sabe português”; ainda que uma palavra seja redigida com desvio ortográfico, entende-se que o emissor possa não ser escolarizado.

No entanto, o que projetos como o brasileiro Norma Urbana Linguística Culta (Nurc) ⁶ aponta é que desvios da norma padrão e não cumprimento das regras dicionaristas acontecem também na chamada classe letrada e escolarizada, manifestando-se, inclusive, no meio acadêmico, por sujeitos com titularidades de nível superior.

Os estudos do Nurc podem ser entendidos como um indício de que independentemente da origem, do gênero, ou do nível de escolaridade, o sujeito que utiliza a língua portuguesa durante o seu cotidiano para estabelecer interação social pode cometer deslizos em sua fala, já que esta, comparada com a escrita, tende a ser mais dinâmica, dotada de menos automonitoramento e mais espontânea. A questão é que ao não se cumprir com todas as regras da norma padrão, o sujeito pode ser visto como alguém que não sabe a própria língua materna, ainda que ele tenha se comunicado por meio dela antes mesmo de ingressar na vida escolar.

Tão grave quanto deslegitimar a competência linguística de um indivíduo por ele cometer deslizos gramaticais ou ortográficos é considerá-lo como uma pessoa sem cultura ou sem inteligência. Mas, sobre qual conceito de cultura esta concepção está alicerçada? Mais uma vez, pode-se perceber que a concepção de um termo, ou seja, o entendimento que se tem sobre determinada área ou tema acaba por desencadear ações e reações que vão reger, muitas vezes, as relações sociais.

Ora, se um sujeito considera que cultura é apenas aquilo produzido pelo saber acadêmico, elitizado, tendo, portanto, como guia a corrente antropológica germânica, esse sujeito vai considerar que indivíduos não escolarizados ou que não possuem nível superior não têm nível cultural o bastante para utilizar da maneira correta a língua portuguesa.

6. O projeto Norma Urbana Linguística Culta (Nurc) iniciou em 1969, com o objetivo de caracterizar a modalidade culta da língua falada nos centros urbanos. O Projeto visa ao estudo da fala culta, média, habitual, através de uma documentação sonora capaz de fornecer dados precisos sobre a nossa língua, respeitadas as diferenças culturais de cada região. Ele funciona em cinco capitais de estado, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. (<http://nurcrj.lettras.ufrj.br/historico.htm>)

De acordo com essa ideia, sujeitos que cometem equívocos de escrita, quanto às regras de ortografia, por exemplo, tendem a ser silenciados ou inferiorizados no debate social e em suas relações sociocomunicativas. Como discorre Orlandi (2007): *“Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência).”*

Ora, se nas relações sociais um sujeito pode ser silenciado por conta da sua bagagem linguística que, vale frisar, pode não estar em acordo com as regras gramaticais e ortográficas, então ele pode ser visto como um indicador de censura e de opressão, já que retira do outro o direito à voz.

No entanto, quando a língua é entendida sobre o viés de patrimônio cultural, é possível inferir que não somente a classe dominante a detém, mas que todos os sujeitos que utilizam determinado sistema linguístico, independentemente de classe social, sexo, gênero ou escolaridade têm o direito à linguagem e suas múltiplas funções. Porém, é comum atribuir a quem não cumpre com os preceitos da norma culta ser tachado sem inteligência ou sem cultura, muito disso como herança da concepção germânica de cultura, que considera cultura como aquilo que se produz em nível acadêmico. Aqui vale destacar que há muito as Ciências Sociais refutaram a ideia de aculturação, ou seja, todos os grupos sociais possuem cultura e estão dentro de um fluxo constante, de assimilação, propagação e interseção de saberes e costumes que vão delineando a cultura daquele grupo, incluindo a língua, enquanto objeto cultural.

Nesse aspecto de equívoco conceitual- a exemplo do que já foi mencionado sobre conceitos sobre a língua- pode-se apontar que a concepção de cultura com viés germânico contribui para o que se chama de violência epistêmica. Acreditar que a cultura é produto de uma única classe de indivíduos é o mesmo que legitimar apenas uma variação linguística, aquela da classe privilegiada, que teve mais acessos, ou seja, conseguiu avançar mais na vida escolar. Entretanto, assim como a cultura é naturalmente parte do ser humano, a língua/linguagem também é.

Por isso, o espaço dado para gramáticos e linguistas na mídia necessita ser mais igualitário. São especialistas da língua, embora analisem o sistema linguístico sob prismas diferentes. Dar espaço a um e silenciar o outro é uma espécie de violência epistêmica, uma vez que a Linguística é tratada de maneira desigual.

Então, se o entendimento de cultura ultrapassa o saber acadêmico e aponta para a concepção de que todo e qualquer sujeito está produzindo e assimilando cultura, mergulhado no fluxo contínuo de aprendizado, sendo em parte influenciado pela herança cultural de seu tempo, de seus familiares, da sua comunidade; e, por outro lado, remodelando essa estrutura- que é material e imaterial, então a língua, seja ela utilizada por um sujeito analfabeto, ou de nível superior, seja em sua manifestação oral ou escrita, em qualquer tempo e espaço, é e continuará sendo objeto pertinente de estudo e de registro histórico, objeto que se move na e pela sociedade, em todos os níveis. Essa língua, que não é utilizada pelos escritores, sujeitos letrados ou de prestígio social, mas por sujeitos de camadas populares, também está viva, remodela diariamente o léxico e segue seu curso natural de mudança e variações, que é pertinente a todo sistema linguístico.

Segundo Faraco (2016), analisar como a gramática tradicional brasileira se constituiu acaba por desvelar a estrutura da sociedade do século XVIII, que não se diferencia, quanto ao jogo político e de classes, da sociedade atual. Para o linguista, o embate entre a variedade prestigiada e desprestigiada do português brasileiro é também o embate entre a elite e a camada popular:

Elas (*variedades linguísticas populares*) tipicamente identificavam a população escravizada, a população pobre, os negros libertos, a população mestiça, a população sem direito aos bens da escolaridade e da cultura. É a “boa sociedade”, a “sociedade dos homens bons”, a “camada superior”, a “flor da sociedade” não queria, em hipótese alguma, identificar-se com essa população. Se a cor da pele funcionava (e continua funcionando como marcador social da diferença), a língua polarizada cumpria (e continua cumprindo) essa mesma função. (2016, p.148-*grifo nosso*)

Essa polarização mencionada por Faraco (2016) diz respeito aos jogos de poder que existem no âmbito social, quando se trata da língua. O falar das camadas mais baixas da sociedade, incluindo as minorias, os descolarizados, dentre outros, continua sendo estigmatizado como feio, errado, inculto. De um lado, há a força da mídia-com publicações superficiais sobre a língua, ainda que sejam no intuito de “ensinar português”; e do outro, uma parcela da sociedade que se vale de algumas regras gramaticais aprendidas para tentar desvalorizar a fala do outro.

Ainda nessa disputa de conhecimento, é possível verificar que há também um embate da língua que polariza dois tipos de saber. De um lado, tem-se a figura dos

gramáticos; de outro, o cientista da linguagem, que busca apresentar os fenômenos da língua e discutir sobre as variações de maneira mais abrangente, além das prescrições da gramática. Mas, nesse embate, é possível contemplar uma violência epistêmica, que supervaloriza o saber dos gramáticos e não legitima as pesquisas e as constatações feitas pelos linguistas. Sobre isso, Bagno (2017) afirma:

De tudo isso se conclui que a Gramática Tradicional não tem bases científicas consistentes. Seus preceitos são o resultado de um processo bastante perverso: a transformação em dogmas, em “verdades” definitivas (...). De fato, as classificações, a terminologia, os conceitos e definições da (GT) Gramática Tradicional foram, em sua origem, propostas de teorização dos fenômenos da linguagem, nunca foram hipóteses científicas postas à prova em experimentações empíricas (que é o que caracteriza toda ciência). (p.25-grifo do autor)

Não é incomum deslegitimar, sobretudo nas redes sociais, a fala de alguém que comete um desvio da norma padrão. Caso se cometa algum deslize de ortografia ou de concordância, por exemplo, a fala do internauta acaba por ser desmerecida e rechaçada. Esse quadro demonstra o quanto a língua- quando considerada apenas como conjunto de regras da norma culta- acaba por funcionar como um marcador social da diferença (Faraco, 2016). O conteúdo de um argumento, ainda que se valha da liberdade de expressão, e seja inteligível para qualquer falante de português, pode perder muito da sua credibilidade, caso não esteja condizente com a norma culta. Assim, utilizar um “descordo”, em vez de “discordo” acaba por desmerecer o direito do sujeito à participação do debate, debate esse que se pode ler facilmente em postagens de teor político nas redes sociais, sobretudo em época de processo eleitoral.

Para Possenti (2009), o equívoco conceitual de língua, atrelado a concepções equivocadas de cultura e civilidade é um dos propulsores do preconceito linguístico. O termo civilidade é referenciado na concepção de elite dominante, como se a educação formal, o elevado nível econômico e social fossem o caminho para deixar de fazer parte da camada popular/primitiva da sociedade, aquela que não detém poder econômico, está fora da educação formal e não tem prestígio social:

Os preconceitos mais duros de combater são os linguísticos. Talvez um conhecimento mais sofisticado das línguas ajudasse a combatê-los- se é que, de fato, as análises mais objetivas podem remover as montanhas de interesses e faturamento movidos pelos preconceitos. Uma das maiores fontes de

discriminação é a divisão francamente ideológica entre línguas primitivas e civilizadas (p. 31)

Ainda de acordo com Possenti (2009), as ideias políticas, econômicas e sociais que estão por trás dos posicionamentos da mídia sobre a língua e de sujeitos que se portam de forma discriminatória quanto ao uso linguístico do outro disputam espaços e poder na sociedade e acabam contribuindo na dinâmica do espaço social, sendo medidor de prestígio e determinando quem tem ou não o direito à voz:

Ideologias contrárias podem disputar espaços e poder. Mas, quando se nega a linguagem, é como se tais pessoas (ou tais grupos de pessoas) estivessem sendo considerados como não tendo direito à voz. O que é mais grave até do que perseguir e censurar. (p. 24)

Por conta desse jogo de poder e, sobretudo, da concepção equivocada da língua, já ultrapassada na história da ciência da linguagem, ainda incorre em diversas situações e espaços comunicativos, a ideia de hierarquização da língua, como se houvesse apenas uma única variação, a culta/padrão, e as demais variações acabam sendo desvalorizadas e os sujeitos que as utilizam acabam por sofrer desprestígio social. Dessa forma, a intolerância e a tentativa de sobrepor uma variação em detrimento de outra indica que existe um racismo linguístico que subjuga sobretudo as línguas maternas africanas. Sobre isso, assevera Nascimento (2019, p.27)

A língua tem cor? Em si, como iniciamos anteriormente a argumentação, nenhuma língua tem cor porque nenhuma língua existe em si. Entretanto, ao serem politizadas, as línguas têm cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam como lugares de desenhar projetos de poder, dentre os quais o próprio colonialismo fundado a partir de 1492 e a colonialidade que ainda continua entre nós como continuidade dele.

E, para fortalecer ainda mais esse jogo de poder e essa hierarquização das variações linguísticas na sociedade, a mídia pode agir como mais uma ferramenta para deturpar a concepção de língua, fazendo com que o público continue à margem das descobertas da ciência da linguagem e, por consequência, sem a oportunidade de refletir sobre o tema e de compreender a necessidade de mudança de postura e de entendimento acerca da língua que utiliza. Considerando a língua bem mais como um arcabouço de prescrições gramaticais, a figura do linguista seria fundamental para que a sociedade pudesse ampliar sua concepção de língua, pois como assinala Weedwood (2002), o

cientista da linguagem se concentra nos efeitos do uso da língua e em suas reverberações no âmbito social:

em vez de se preocupar em conhecer a partitura seguida por diferentes músicos na execução de uma mesma peça musical, o linguista quer conhecer precisamente em quê e por quê houve diferenças na execução. De que forma elas se manifestaram e que efeito tiveram sobre o público ouvinte. (p.144)

Para discorrer sobre os riscos do discurso midiático como mais uma força que pode fortalecer mitos e preconceitos linguísticos sobre a língua na sociedade, faz-se necessário analisar o discurso que permeia a narrativa das matérias que tratam sobre o tema. O foco é quem está falando ou quem está sendo silenciado nessas matérias, questão que será retomada no quarto capítulo voltado para a análise do material.

2.3 A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa- Mecanismos e perfil

Criada em 1996, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) está embasada em três grandes objetivos: a promoção e difusão da língua portuguesa, a concertação político-diplomática e a cooperação em todos os domínios. Dessa forma, desde a sua fundação, foram realizadas várias tentativas de se encontrar o caminho que mais fosse frutífero na divulgação do português, valendo como uma de suas estratégias principais, a criação de institutos da língua portuguesa em territórios não lusófonos.

Historicamente, vale destacar que a CPLP foi vista por Portugal como um meio de *“reaproximação político-diplomática com o Brasil e com as ex-colônias africanas”* (FARACO, p.302). Após a instabilidade econômica e política oriunda da ditadura do Estado novo em Portugal, deu-se início à corrida por inserir Portugal no cenário europeu e restabelecer relações econômicas, o que, ainda no âmbito da economia-aliado à necessidade de se estabelecer intercâmbio com suas ex-colônias na África e a maior delas, o Brasil- impulsionou o governo português, quando à época tinha à frente do Executivo federal, Mário Soares, cujo governo durou de 1986 a 1996, a pensar em uma instituição que tivesse como um dos focos a promoção da língua portuguesa em terras distantes do mundo lusófono.

No entanto, já na sua origem, estudiosos como Faraco (2016) apontam que a criação da CPLP foi uma estratégia isolada das lideranças políticas e econômicas de

Portugal e que, na década de 90, houve pouca movimentação do Brasil a favor da Comunidade. Os termos lusofonia e CPLP pouco têm ganhado visibilidade na mídia brasileira e, no cenário político, as iniciativas em busca de fortalecimento da instituição no país têm sido escassas, diferentemente do que ocorre em Portugal. Como pondera Faraco (2016):

É útil observar que o tema da CPLP (e, conseqüentemente o da *lusofonia*) não foi, efetivamente, adotado pela sociedade brasileira. Sinal claro disso é o fato de que só muito raramente ele aparece na imprensa diária do país. Bem ao contrário, portanto, do que ocorre em Portugal onde o tema está recorrentemente presente na imprensa diária (p. 304, *grifo do autor*)

Por não ter sido criada com enfoque econômico, a exemplo de outros órgãos como Mercosul, supõe-se que não houve interesse de engajamento pelo governo brasileiro que estava, desde 1991, mais preocupado em firmar-se como força político-econômica na região sul-americana. Por conta disso, os esforços do governo do Brasil estavam voltados para a inserção do país no regionalismo da América do Sul, uma vez que com Portugal, a expansão comercial já dependia de outra conjuntura sociopolítica, por se tratar de outro continente.

Provas desse engajamento político com o cenário sul-americano, que permanece até os dias atuais, são a decisão de tornar obrigatória a oferta do espanhol no ensino médio (lei nº11.161/2005), além da criação, em 2010, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) no estado do Paraná.

Entretanto, quanto à efetiva participação brasileira na CPLP, ainda que o Brasil seja membro importante por sua dimensão territorial, numérica (mais de 200 milhões de falantes da língua), as relações de afetividade e de aproximação por compartilhamento da língua, e sua projeção internacional, quando comparado com os demais membros da Comunidade, ainda há pouca atuação do Brasil na CPLP. Para Faraco (2016), a própria estruturação da Comunidade desmotiva o governo brasileiro:

Nesse quadro amplo, a CPLP raramente se apresentou como uma efetiva prioridade- o Brasil não recusa o projeto (as ditas “razões “sentimentais” sempre recorrem como pretexto); mas não se envolve nele com grande empenho, na medida em que, bem avaliadas, são poucas as vantagens estratégicas dessa organização internacional para o país. Afinal, raros são os objetivos político-diplomáticos e econômicos sociais que dependem dos fóruns multilaterais da CPLP e que não podem ser alcançados por meio das relações bilaterais ou de outras organizações internacionais. (2016, p. 307-grifo do autor)

Pelo fato de não ter sido criada como uma área de livre comércio e de integração econômica, tornou-se desmotivador para as lideranças políticas do Brasil engatar medidas mais eficazes para que o governo brasileiro colaborasse de maneira mais significativa com a consolidação da CPLP. É válido destacar que houve uma iniciativa importante por parte do Brasil quando, em 2010, copatrocinou a I Conferência Internacional de Brasília sobre o Futuro da Língua Portuguesa, considerado como o primeiro evento de dimensão significativa da história da CPLP em prol da promoção da língua, que é um dos objetivos da Comunidade.

Sobre o engajamento dos demais membros da Comunidade, como os países africanos (Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau), Freixo (2009, p. 57) salienta que o desinteresse desses países pela CPLP tem, sobretudo, raízes econômicas:

O principal interesse dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) é o estabelecimento de parcerias internacionais que lhes permitam buscar o desenvolvimento econômico e a resolução de seus graves problemas sociais. Nesse aspecto, a participação na CPLP não apresenta nenhum atrativo especial para esses países, visto que seu principal ator-Portugal- tem uma capacidade de investimento bastante reduzida se comparada com a de outros países da União Europeia ou com os Estados Unidos, de quem os PALOP têm se aproximado em busca de parcerias estratégicas.

Mais adiante, Freixo (2009) reforça que o aspecto sentimental e o discurso recorrente de amor à língua, valendo-se de uma retórica mais emotiva, não são suficientes para motivar o engajamento dos outros países-membros da CPLP. Cada um vivendo sua realidade econômica, acaba por pleitear espaços em outros organismos internacionais que tenham mais impacto na expansão das relações comerciais. Além disso, muitos desses países mantêm suas línguas maternas e dialetos próprios que agregam mais seus povos e expressam mais a identidade do país do que a língua portuguesa, que se inseriu no território por meio do colonizador, à força, e é falada por parcela pequena da população, como em Timor Leste, onde somente 10% dos cidadãos falam português.

Sobre o Timor Leste, localizado no continente asiático, Freixo (2009) ressalta que o país também requer mais apoio econômico, um alicerce que o governo timoriano sabe que não conseguirá por meio da CPLP:

No Timor, da mesma maneira que na África, as pretensões portuguesas-expressas no ideal de lusofonia-acabam esbarrando em suas limitações

econômicas, já que a reduzida capacidade de investimentos do Estado português acaba não conseguindo dar à comunidade Lusófona o alicerce- em bases econômicas- que só o discurso calcado em bases culturais não consegue dar (p.65)

Contudo, mesmo sendo um órgão internacional, a CPLP não consegue galgar espaços mais significativos na mídia. Já são quase 20 anos de existência, mas o ritmo de consolidação da Comunidade, tanto em seus países-membros como na mídia e na sociedade segue seu curso em passos lentos. O desejo do governo português em resgatar relações com suas ex-colônias ainda não se concretizou. Como aponta Faraco (2009, p.308), “não são muito alentadoras as possibilidades de a CPP se firmar como um organismo internacional para além da retórica sentimental.”

Somando-se a essas questões de cunho econômico, devemos destacar que a CPLP ainda enfrenta outra dificuldade: a falta de cidadania lusófona, ou seja, não há livre circulação intracomunitária dos países-membros. A lusofonia, o desejo de interligar Portugal e suas ex-colônias, não implica no trânsito livre dos cidadãos de língua portuguesa entre os territórios dos países-membros. Faltam efeitos jurídicos concretos, restando, portanto, gesto simbólico da vontade de (re) aproximação.

Dessa forma, o sustentáculo da CPLP está tão somente na questão cultural, o que limita a sua expansão e consolidação como órgão internacional importante, ainda que seja apenas no seu território de atuação, que são os países lusófonos. Quanto a isso, Freixo (2009, p. 68) conclui, levantando questões importantes:

São aquelas que versam sobre até que ponto a língua portuguesa pode funcionar como um elemento de unidade cultural entre os nove membros da CPLP e sobre a legitimidade de uma comunidade que se assenta sobre um discurso que é essencialmente português- o da lusofonia, formulado dentro de uma lógica política e ideológica específica, que tem norteado os movimentos do ator mais empenhado em sua construção.

A fim de ilustrar o panorama dos nove países que integram a CPLP, organizamos dados importantes para o entendimento do perfil linguístico de cada estado-membro. Consideramos relevante destacar a data de independência de cada país bem como a data de integração na CPLP, além das línguas oficiais de cada país.

Figura 4: Panorama dos países que integram a CPLP

Localização	População	Línguas oficiais	Independência	Entrada
-------------	-----------	------------------	---------------	---------

					na CPLP
Angola	Sul da África	29 milhões	Português	Novembro de 1975	Julho de 1996
Brasil	América do Sul	208 milhões	Português	Novembro de 1889	Julho de 1996
Cabo verde	Noroeste da África	546 mil	A língua oficial é o Português, utilizando-se localmente o Crioulo	Julho de 1975	Julho de 1996
Guiné-Bissau	África Ocidental	1,8 milhão	A língua oficial é o Português, utilizando-se localmente o Crioulo, Mandjaco, Mandinga.	Setembro de 1974	Julho de 1996
Guiné-Equatorial	África Ocidental	1,2 milhão	Português, Francês e Espanhol	Outubro de 1968	Julho de 2014
Moçambique	Sul da África	27 milhões	A língua oficial é o Português. Há numerosas línguas nacionais, como o Lomué, Makondé, Shona, Tsonga e Chicheu	Junho de 1975	Julho de 1996
Portugal	Europa	10 milhões	Português	Outubro de 1143	Julho de 1996
São Tomé e Príncipe	África Central	204 mil	Português. Localmente, também se fala Crioulo	Outubro de 1968	Julho de 1996
Timor-Leste	Sudeste da Ásia	1,2 milhão	Português e Tétum	Mai de 2002	Julho de 2002

Texto elaborado pela autora

2.4 Lusofonia: tentativa de (re) colonização da língua?

O ideal de uma língua portuguesa única, falada em nove países espalhados pelo mundo, é controversa. Se entendermos a língua como estrutura viva e mutável, é impossível que todos os cidadãos desses países falem a mesma língua. Há diferenças geográficas, culturais, temporais e de outros tipos que impedem que exista a similaridade total entre o português brasileiro, europeu, africano e asiático.

Como já explicitado anteriormente, a língua se comporta de maneira dinâmica e vai sendo remodelada de acordo com quem a fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade, dentre outros fatores, atuam diretamente no léxico, delineia novas expressões e provoca neologismos. Essa dinâmica vai muito além da influência de idiomas estrangeiros como o inglês, e abarca a própria criatividade e necessidade expressiva do ser humano. Como destaca Nascimento (2020, p.42):

Se, por um lado, o sujeito se submete à língua, por outro, a língua muda por meio do sujeito e das convenções criadas através da língua que não são autoconscientes. Por isso, as línguas têm sujeitos por trás delas. De outra forma, as línguas não são neutras e sempre são atravessadas por processos de poder, como os próprios sujeitos.

Nesse aspecto, um adolescente surfista de Salvador-BA por experienciar em seu estado expressões peculiares daquele território, além de assimilar ao longo da vida a cadência das sentenças, tipicamente baiana, pode entrar em choque com um adolescente do meio rural do interior de Minas Gerais. Esse contexto ainda mudaria, se tivéssemos apenas dois adolescentes surfistas: sendo um do Nordeste e outro do Sul do Brasil. Certamente, algumas expressões típicas desse grupo social seriam comuns aos dois, no entanto, ainda assim, haveria diferenciações.

Em suma, se há diferenças entre pessoas da mesma faixa etária, de um mesmo grupo social, por serem de origem diferente, pensemos quantas diferenças existem na língua portuguesa usada nos nove países que integram a CPLP. Países localizados em continentes diferentes, que vivem suas próprias mazelas sociais e econômicas, e que possuem, em seus territórios, línguas que se mantiveram mesmo com a colonização portuguesa, a exemplo do Brasil, onde ainda sobrevivem cerca de 200 línguas indígenas.

Por conta dessa vastidão territorial e pela própria conceituação da língua, como organismo vivo e que muda no decorrer do tempo, a lusofonia tende a ser um ideal fadado ao fracasso. Como discorre Faraco (2018):

Há, nesse discurso, uma ênfase ao papel que a língua exerce, em tese, como elemento aglutinador dos povos que a falam e daquilo que haveria de chão comum, dado pelo colonizador português, em suas respectivas culturas. Não se dá, obviamente, ênfase à língua como indicadora de uma específica ordenação do mundo social, com suas divisões, delimitações de territórios e conflitos. (p. 316)

Além disso, em termos numéricos, a língua portuguesa só é língua materna (L1) em dois dos nove países que formam a CPLP: Brasil e Portugal. Referente a esses dois, é importante destacar que 85% dos cerca de 200 milhões de pessoas que falam português estão no Brasil. Nos demais países, ainda predominam fortemente as línguas locais, anteriores à colonização portuguesa, o que acabou tornando o português como língua secundária (L2), embora seja a língua oficial.

Esse aspecto pode apontar para um futuro incerto nos países lusófonos, segundo Faraco (2018). Como língua secundária, o autor assevera que o português sofrerá mudanças que poderão culminar no seu desaparecimento:

Poderá continuar sendo falada (se essas comunidades mantiverem laços estreitos de identidade, seja internamente, seja com os países donde se originaram) ou, em caso contrário e sob pressão das línguas majoritárias, tenderá progressivamente a desaparecer- como tem muitas vezes ocorrido com as línguas de imigração- a partir da terceira geração (p. 360)

Então, qual a força da lusofonia? Primeiramente, cabe-nos tentar uma definição para o termo. Lusofonia é entendida principalmente como o conjunto de países e povos que falam a língua portuguesa. Entende-se como a comunidade de sujeitos que falam o português. Entretanto, importa salientar que ainda que o termo aponte em seu sentido denotativo para um conjunto, tendo a língua como um fio que une povos de continentes diferentes e os reagrupa em uma comunidade supostamente unitária, a realidade é outra.

Não é raro encontrar, no mundo da lusofonia relatado pelos portugueses, matérias que tentam exaltar a língua, destacando seu valor mediante os demais idiomas. Pretende-se colocar a língua como um patrimônio que se alastra além das fronteiras dos países que formam a CPLP. Para Faraco (2016, p.327), a lusofonia está *ligada a “um projeto colonial/neocolonial (...), uma estratégia de continuidade de redes de dominação com outra roupagem (...)”*. De acordo com a professora Helena Sousa (2006:167), da Universidade do Minho, a ideia de lusofonia está ligada a uma “reconstrução pós-colonial”:

Independentemente da eventual conotação negativa que uma reconstrução pós-colonial possa acarretar, o conceito de espaço lusófono ou de área cultural lusófona está profundamente enraizado na sociedade portuguesa e é usado correntemente por acadêmicos e elites culturais, económicas e políticas.

A exaltação da língua portuguesa costuma ser presente em matérias sobre a língua no jornalismo português. A celebração do idioma está relacionada com a suposta expansão de escolas mundo afora que incluem o idioma em seu currículo, o que acaba sendo considerado como forte indício de que a língua portuguesa está dominando espaços além das fronteiras dos países lusófonos. Um exemplo disso é a matéria abaixo, publicado pelo Diário de Notícias, em 5 de maio de 2018:



Figura 3: Print da matéria Diário de Notícias/10 de novembro de 2019

Como se pode observar na imagem acima, e, segundo Faraco (2018), há um esforço por parte dos portugueses, enquanto país colonizador, de tentar apontar suas ex-colônias como civilizações que compartilham com Portugal uma sociedade miscigenada, e, sobretudo amorosa e tolerante: “(..)nenhuma outra ex-metrópole apelou tanto para “laços de sangue”, “unidade de sentimentos”, “unidade de língua e cultura” quanto Portugal (p.134-grifo do autor). Nesse ponto, fica claro o tom de nacionalismo e sentimentalismo que se pretende imprimir nos discursos que versam sobre a lusofonia e mais especificamente sobre a língua portuguesa. A questão é que, de acordo com a concepção sociolinguística da língua, ou seja, que destaca o caráter variacionista, o português nunca será o mesmo em todos os territórios onde é falado. Há

diferenciações que perpassam as características de sotaque e abarcam pontos do próprio léxico e da dinâmica da língua em geral.

Se a língua portuguesa dentro de um único país já não é a mesma para todos os cidadãos desse país, torna-se evidente que considerá-la como um bloco único e homogêneo que une pessoas de espaços geográficos e realidades socioeconômicas tão distintas não é uma atitude assertiva. O discurso que se propaga, desde o desejo de Portugal de se reaproximar de suas ex-colônias, tomando como mote o traço comum da língua, é mais um discurso de exaltação e celebração, que tenta deixar de lado as marcas históricas de um processo de exploração colonial, propulsor de desigualdades sociais, econômicas, e muitas vezes, de atitudes discriminatórias, acirrando lutas de classe. Sobre esse discurso, Faraco (2018) assevera:

Nesse discurso de exaltação e celebração, não há, evidentemente, espaço para uma leitura crítica da exploração colonial. Ou do papel central que os lusobrasileiros (a par de governantes africanos) exerceram no tráfico internacional de escravos durante trezentos anos; não há espaço para discutir o estado de imensa miséria social, econômica e cultural em que se encontravam, no momento da independência, os territórios africanos e asiáticos que estiveram sob o domínio português; não há espaço para deixar visíveis a ideologia e as práticas racistas do colonialismo português na África; não há também espaço para compreender a heterogeneidade dos diferentes países, salvo se ela puder ser reduzida ao exótico e devidamente folclorizada (a culinária, por exemplo); e, mais ainda, não há espaço para se reconhecer e discutir o fato de que a língua portuguesa funciona socialmente como forte fator de discriminação e exclusão nas sociedades em que é falada (p. 316)

Por esse viés, entende-se que a língua, enquanto patrimônio dos países lusófonos, deveria estar sendo promovida para além das fronteiras da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa como um bem que é comum, mas que carrega em cada país marcas próprias. Não é a unidade de uma língua que a torna plural e dinâmica. É o oposto, conforme aponta a Linguística. Ter em mente que a gramática da língua portuguesa é uma das esferas que movimentam seu percurso natural e que entra em interseção com outras esferas, como o caráter sociocultural, o dinamismo da sociedade, a estrutura escolar, seria o primeiro passo a ser dado em prol de uma concepção mais atual e condizente com a realidade da língua.

Sendo a lusofonia uma tentativa de comungar nações que tanto diferem entre si, não apenas pelo aspecto geográfico, mas, sobretudo, pela própria historicidade das línguas maternas anteriores à colonização portuguesa em seus territórios, pode-se inferir

que não há comunhão completa no âmbito da língua portuguesa. A razão de não haver não é apenas por se tratar da língua portuguesa ou do processo colonial português. Trata-se, sim, de uma característica de toda língua: a de ser impossível apontar unicidade. Isso ocorre com o inglês, o francês, o espanhol. A variabilidade da língua, oriunda da sua dinâmica natural e, claro, das relações sociais que imprimem novas necessidades linguísticas para nomear, renomear acontecimentos, objetos e situações de toda natureza, é o principal resultado dos estudos da Linguística.

O esforço feito pela mídia, pelo sistema educacional, pela classe letrada (que historicamente se manteve com prestígio na esfera da língua) não consegue estancar a mutabilidade da língua, seja em grupos sociais específicos, em espaços geográficos comuns. Já que há uma ciência específica para tratar dos assuntos da língua é necessário que ela ganhe espaço nos espaços públicos e propague suas descobertas.

A língua portuguesa já não é a mesma do século XVI. A gramática criada nesse século já não atende às necessidades de expressividade e comunicabilidade do homem lusófono do século XXI. Pensando assim, fica o questionamento sobre o intuito maior desse ideal de lusofonia propagado por Portugal. Percebe-se que no âmbito discursivo, busca-se, primeiramente, aproximar os povos por meio da língua, numa tentativa de unificar sujeitos tão diversos e geograficamente tão distantes.

Então, por que a lusofonia insiste no discurso da união e irmandade das ex-colônias e Portugal, ao invés de anunciar a rica pluralidade da língua portuguesa? É necessário que se aponte novo caminho. Afinal, como pondera Bagno (2011, p. 27): *“A história de qualquer ciência é a história de suas reformulações, do abandono de teorias e métodos por outras teorias e métodos, a história de seus avanços sucessivos.”*

3. UNIVERSO MIDIÁTICO

O turbilhão de informação que aflorou com o advento da tecnologia e das redes sociais tornou o trabalho do jornalista mais desafiador. Escolher quais fatos devem se tornar notícia, em meio à velocidade e à pluralidade dos acontecimentos ao redor do mundo, com seus respectivos compartilhamentos, dentro desse universo cada vez mais globalizado, é tarefa que requer do profissional jornalista critérios mais bem definidos.

Somando-se a isso, esses profissionais também enfrentam o desafio de, muitas vezes, não haver espaço e tempo suficientes para que se faça a devida apuração dos acontecimentos/fatos. Essa pode ser uma justificativa utilizada pelos profissionais da mídia, que têm acumulado funções e atribuições, dificultando ainda mais a dinâmica e eficiência do seu trabalho. No entanto, esse desafio não pode se tornar um respaldo para que não se busque criar alternativas e produzir material informativo de qualidade, que contenha, em sua essência, os pilares de toda produção jornalística, que são apuração e a veracidade.

Nesse percurso, o profissional jornalista tem que estar a par de dois conceitos essenciais para a construção do seu texto. A fase pré-escrita deve estar alicerçada principalmente no acontecimento, ou seja, qual foi o fato considerado como relevante e merecedor de ser tratado pelo veículo noticioso. Já no processo de produção em si, o jornalista deve ter em mente o conceito de narrativa- com suas especificidades e dinamismos- que servirá como norte para compilação das palavras no texto- seja ele em qual formato tiver, sendo escrito ou em audiovisual.

3.1 Os critérios de noticiabilidade- guia de formato das notícias

Executar a seleção dos acontecimentos que permeiam a vida global da atualidade, tão cheia de dinamismos e de intercâmbio sociocultural, pede um olhar atento e seletivo. Não é o que interessa apenas à linha editorial do veículo noticioso, mas sim, aquilo que impacta a vida do cidadão, do seu público-alvo, que precisa estar inserido na grade de pauta jornalística dos veículos de comunicação. Dessa forma, a seleção dos acontecimentos precisa estar atrelada aos critérios de noticiabilidade, tendo como direção os pré-requisitos que tornam um fato um acontecimento de relevância e impacto social.

Mas, o que seria um critério de noticiabilidade? Em princípio, seriam as credenciais que tornam um fato passível de ser noticiado. São o potencial jornalístico do fato ou acontecimento, que pode estar atrelado ao caráter da novidade, do impacto, da curiosidade, da proximidade geográfica, do interesse social, dentre outros (Traquina, 2005). Na análise do jornalista, que é, em princípio, o profissional que deve selecionar o que o veículo de comunicação levará ao conhecimento do público, devem sobressair

essas características, ou melhor, os critérios de noticiabilidade. Segundo Traquina (2005):

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável, e, por isso, possuindo valor-notícia (TRAQUINA, 2005, p.63)

Para a análise de matérias que versam sobre os usos de língua portuguesa nos dois jornais em questão, considerou-se como um dos critérios de noticiabilidade, o critério da proximidade. No entanto, é importante salientar que esse critério não foi posto apenas no seu aspecto geográfico. Para tanto, consideramos o que Fontcuberta (apud FERNANDES, 2012, p.6) destacou: “*a proximidade é um dos fatores mais poderosos na hora de eleger uma notícia*”, apontando que a proximidade não deve ser entendida apenas como geográfica, mas também “*social e inclusive psicológica*”.

Assim, a proximidade psicológica e social que a língua implica para seus falantes, seja quando ela é língua materna ou não, acaba por induzir material jornalístico sobre o tema, especificamente, como é o caso da presente pesquisa, nos países Portugal e Brasil. É essa proximidade de âmbito social e psicológico que aponta uma espécie de identidade comum a esses povos, que dá à língua um segundo critério de noticiabilidade: o da relevância. Sobre a relevância, Traquina (2005) discorre:

Este valor-notícia responde à preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas. Este valor-notícia determina que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação. (TRAQUINA, 2005, p. 80)

É válido ainda destacar os polos jornalísticos apontados por Traquina (2004): o ideológico, que objetiva a prestação de serviço público; e o econômico, que considera os interesses comerciais das empresas jornalísticas. Assim, caso os valores comerciais estejam acima da ideologia jornalística- que é a de prestar um serviço público, nota-se que é comum que o conteúdo noticioso acabe por apenas satisfazer a curiosidade do público, levando em conta somente o aspecto numérico da audiência, e não o que, de fato, o público precisa saber para sua formação cidadã.

Entender como a pauta jornalística nasce é fundamental para analisar a gênese da notícia. A força econômica que impera nos veículos de comunicação-que se constituem como empresas e, portanto, necessitam do capital para sua sobrevivência no mercado- está também presente na construção das notícias. Não é somente aquilo que vai impactar a vida do público que entra nas decisões de pautas. Há, também, forte influência do que pode ou não ser publicizado, tendo como base critérios extracomunicacionais, que estão nas mãos das empresas anunciantes, por exemplo. Ou, até mesmo, dos órgãos públicos que levam, para dentro dos veículos de comunicação, critérios que extrapolam o caráter noticioso. É aquilo que pode ferir ou não a imagem do ente público.

Essa realidade é conhecida pelos profissionais de comunicação que enfrentam diariamente um embate dentro das redações. Eles precisam estar aptos a enfrentar critérios extras, ou seja, que escapam da análise meramente comunicacional, do que é ou não notícia. Essas relações apontam para o simbolismo de poder, segundo Bourdieu. É essa dinâmica que sinaliza e insere o veículo de comunicação como um ente que impõe e/ou legitima ideais que estão permeando a esfera social:

as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que [...] podem acumular poder simbólico. É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a função política de instrumentos de imposição ou de legitimação [...] (BOURDIEU, 2010, p. 11).

Portanto, a configuração que se atribui ao fato noticiado impacta diretamente o entendimento do público sobre o fato em si. A seleção jornalística, desde a organização da pauta, é fundamental para que se clarifique ou não um dado acontecimento. Essa tarefa pode ser prejudicial ao público se a notícia não estiver com a devida apuração dos dados e/ou for apresentada à sociedade mediante um único ponto de vista, gerando, portanto, superficialidades e tendencionismos.

Para Bordieu (2010), o debate público está dependente do jornalista e dessa tarefa de selecionar os fatos. O autor alerta sobre os interesses desses profissionais da comunicação, que nem sempre estão a favor dos interesses dos cidadãos. Os critérios de noticiabilidade, muitas vezes, não abarcam as necessidades e os anseios do público, que

se vê diante da notícia, que pode ter sido veiculada com base em outros interesses, que não o informativo:

Não há discurso (análise científica, manifesto político, etc.) nem ação (manifestação, greve, etc.) que, para ter acesso ao debate público, não deva submeter-se a essa prova da seleção jornalística, isto é, a essa formidável censura que os jornalistas exercem, sem sequer saber disso, ao reter apenas o que é capaz de lhes interessar, de “prender sua atenção”, isto é, de entrar em suas categorias, em sua grade, e ao relegar à insignificância ou à indiferença expressões simbólicas que mereceriam atingir o conjunto dos cidadãos. (BOURDIEU, 1997, p. 67)

Seguindo esse viés sobre o que o público recebe ou não dos veículos de comunicação e sobre a simbologia que permeia essa produção jornalística e seu público, é que se faz necessário refletir sobre como a mídia está lidando com as questões da língua. O tema se relaciona com outras áreas importantes na formação humana e cidadã das sociedades ao longo do período histórico, como a cultura, a psicologia, a sociologia, a política e a antropologia.

Inserir a língua portuguesa como uma pauta jornalística requer, antes de tudo, entender qual o impacto que a abordagem que se faz sobre determinado ato de fala ou fenômeno linguístico exerce nas relações sociocomunicativas experimentadas na sociedade. A partir do momento que é cedido um espaço no veículo de comunicação para apresentar a língua como um mosaico de opções corretas e incorretas- que têm prestígio ou desprestígio na sociedade- corre-se o risco de se legitimar atitudes preconceituosas e policialescas entre os sujeitos falantes desse idioma.

O jogo de “certo” e “errado” da língua portuguesa que permeia as matérias que versam sobre o tema acaba por endossar a concepção de língua como sendo, tão somente, a mera aplicação das regras gramaticais e dicionaristas. Vale apenas cumprir com esses preceitos para que se consiga estabelecer comunicação eficiente. Tal entendimento pode ser maléfico nas relações sociais, uma vez que leva sujeitos a discriminarem outros pelo modo como falam ou escrevem. E, numa sociedade tão pluralizada, mas que, equivocadamente, sobrevivem ainda tantas posturas discriminatórias de crença, raça, orientação sexual, usar a língua como mais uma ferramenta para acirrar conflitos sociais não é atitude certa.

3.2 O recorte da língua na mídia- Teoria do Enquadramento

A Teoria do Enquadramento (Framming) foi criada com o objetivo de se comprovar o efeito que a mídia exerce sobre o meio social. A princípio, seus estudos foram desenvolvidos, em 1972, por McCombs e Shaw, durante a campanha eleitoral de 1968, nos Estados Unidos (EUA). Seus estudos apontaram que tanto eleitores como os candidatos foram diretamente impactados pela forma com que a mídia noticiava durante o processo eleitoral. Assim, as agendas midiática e pública foram entrelaçadas de forma a imergirem uma na outra, influenciando-se e remodelando-se mutuamente, *“além de influenciar os eleitores indecisos, a mídia havia afetado também os candidatos, que incluíram em suas agendas temas pautados pela imprensa”* (GUTMANN, 2008:15)

O termo Framming foi utilizado pela primeira vez em 1974 por Erving Goffman a fim de *“caracterizar como os indivíduos compreendem e respondem às situações sociais a partir do modo com que organizam a vida cotidiana”* (GUTMANN, 2008:8) Portanto, interessa para a teoria verificar como é feito o recorte do fato e que enquadramento se dá a ele. A organização da mensagem e a intensidade da luz que se joga sobre determinada parte- que integra um todo com potencial noticioso- são fundamentais para que se analise determinada notícia com base na Teoria do Enquadramento.

Ainda que o meio audiovisual, com seu arcabouço sinestésico mais completo, seja um terreno mais comum para se estudar a Teoria do Enquadramento, decidimos pensar a teoria também para o meio do webjornalismo, nas versões online dos dois jornais pesquisados: Correio Braziliense e Diário de Notícias. Além disso, segundo Entman (1993), o framing também é construído a partir de elementos que aparecem insistentemente no texto e, por isso, é necessário avaliar palavras-chave, metáforas, conceitos e símbolos que são enfatizados na notícia narrada.

Sabemos que a teoria em questão é recente e tem poucos estudos feitos no Brasil. A proposta é considerar que a língua é um gigantesco cenário, com múltiplas formas de apresentação e, por isso, quando ela se torna pauta, pode ser noticiada por diversos enfoques, ou seja, enquadramentos. Tais enquadramentos impactam diretamente na forma com que o público vai refletir sobre os fenômenos da língua, o que pode contribuir para cristalizar mitos e preconceitos ou contribuir para que o público leigo passe a enxergar a língua do outro e a sua própria forma de linguagem

como um fenômeno plural, e não apenas com uma única roupagem - a saber: as prescrições gramaticais e dicionaristas.

Assim, a Teoria do Enquadramento, embora nesta pesquisa não seja método decisivo de análise do material coletado, foi importante no nosso processo de caminhada porque ampliou e pluralizou nosso olhar lançado sobre as matérias coletadas e fez força junto à narrativa, que foi o método de análise por excelência desta pesquisa. Portanto, analisar a língua noticiada pela mídia com o suporte da Teoria do Enquadramento, permitiu conhecer as possibilidades de interpretação do público e entender como o público está internalizando a língua, ou seja, *“o modo como o público enquadra determinados assuntos a partir daquilo que é oferecido pelos meios de comunicação”* (ENTMAN,1993).

Dessa forma, reforçamos a relevância da Teoria do Enquadramento para a presente pesquisa porque ela é um elemento que aprofunda o olhar lançado para o material em questão. Como pontua Gutmann (2008, p.06), a teoria se dedica *“a entender como são construídos e o que determinaria os enquadramentos dos temas midiáticos e os trabalhos interessados em como essas ‘molduras’ dadas aos conteúdos influenciam nas visões de mundo do público.”*

Para proceder a análise tendo como um braço importante para a organização dos dados utilizando a Teoria do Enquadramento, vamos adotar os passos sugeridos por Entman (1993), a saber: identificar o problema, detectando qual a sua ordem; segundo, elencar as causas que motivaram a problemática; em seguida, observar os atores envolvidos no caso; depois verificar quais são as possíveis remediações sugeridas e, por último, fazer a avaliação moral da construção social feita a partir do enquadramento.

Importa ainda o entendimento do “esquema de interpretação” sugerido pelo sociólogo Goffman, que permite ao público *“localizar, perceber, identificar e etiquetar as informações ao seu redor”* (COLLING, 2001:96). O framing vai colaborar para tentarmos desenhar o panorama exposto nos dois jornais pesquisados acerca dos fenômenos da língua. Dessa forma, os recortes feitos, por meio de imagem- uma vez que também temos esse recurso visual no material pesquisado; e por meio das palavras - tendo como base o que pontua Entman (1993), quando o autor sugere a análise da narrativa jornalística por meio de palavras-chave, metáforas, conceitos e símbolos, será essencial no momento de análise do material da pesquisa.

O formato da notícia lança mão de uma espécie de luz e ângulo que se amplia, se alarga, se destaca, se potencializa, a fim de levar o público para um entendimento mais direcionado. Há um propósito para o enquadramento que é dado para a notícia e, com esse propósito em mente, busca-se incitar, na audiência, determinados sentimentos e pontos de vista. É um jogo de quebra-cabeça que pode ou não atingir seu quadro completo, como aponta Gitlin (apud Porto, 2004, p.80):

Os enquadramentos da mídia [...] organizam o mundo tanto para os jornalistas que escrevem relatos sobre ele, como também, em um grau importante, para nós que recorremos às suas notícias. Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira.

Entendemos, contudo, que a língua é exposta na mídia, muitas vezes, num recorte que a insere unicamente no cenário prescritivo. Essa concepção de língua que permeia matérias jornalísticas que versam sobre o tema só fortalece uma ideia equivocada de que a língua é algo externo, adquirido como um pacote fechado, compacto e imutável, que já vem pronto e determinado, delineando nosso arcabouço sociocomunicativo de forma a torná-lo enrijecido por leis gramaticais e dicionaristas.

Se a mídia persiste em apresentar o universo linguístico sob esse recorte, ou seja, enquadramento prescritivista, as relações sociocomunicativas acabam por se estabelecer mediante um jogo de poder e discriminação. Selecionar a língua unicamente pelo seu aspecto normativista, e não como parte orgânica do ser humano- que tem em sua essência a capacidade de comunicar e interagir socialmente – vai sempre colocar a gramática e o dicionário como partes relevantes, que impõem sua saliência “inquestionável”, diante da suposta e equivocada superfície lisa e sem profundidade das outras variedades da língua, que vivem e funcionam com eficiência fora da esfera da norma culta. Como aponta Etman (1993):

Enquadramentos envolvem essencialmente seleção e saliência. Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto de comunicação, de tal modo a promover uma definição particular do problema, interpretação causal, avaliação moral, e/ou recomendação de tratamento para o item descrito. Quadros, então, definem problemas [...]; diagnostica causas [...]; faz julgamentos morais [...]; e sugere soluções [...]. (ETMAN, 1993, p. 52, tradução nossa).

Dessa forma, a maior ou menor angulação lançada sobre a língua em matérias que tratam dela pode influenciar na forma com que o público internaliza o conteúdo. E a abordagem dada às questões de língua nos dois jornais analisados importa para esta pesquisa.

3.3 Narrativa jornalística X Acontecimento

A sociedade atual está imersa num turbilhão de acontecimentos que chegam por diversos meios. Não são apenas os veículos de comunicação de massa que detêm a capacidade de noticiar, ou seja, de levar um fato ao conhecimento da sociedade. Com as redes sociais, o cidadão comum passou a também noticiar e até materializar um acontecimento, tendo em mãos apenas um smartphone, objeto tão presente no dia a dia do cidadão do século XXI.

Nessa arena que rodeia o ser humano, ser seletivo com o que pode ser consumido de informação é necessário, uma vez que o alargamento e a democratização desse bem, chamado notícia, não está mais apenas nas mãos do profissional da mídia. A fonte da informação, o formato que se dá a ela, o recorte executado desse fato, tudo isso precisa passar por critérios que atestem a veracidade da informação.

Para Motta (2013), a narrativa jornalística precisa ser testada, a fim de analisar o que, de fato, ela contém de real. Segundo o autor, há espaço para se questionar sobre a versão apresentada, ou seja, outras versões podem ter ficado de fora e é necessário avaliar por que uma versão se sobressaiu em detrimento de outras: “(...) *até que ponto a narrativa jornalística traduz fielmente o real, ou até onde o seu relato é apenas uma versão (uma estória) entre tantas outras possíveis a respeito dos fatos que conta?*” (p.43)

Essa seleção de uma versão em detrimento de outras acaba por desmitificar o conceito de imparcialidade no jornalismo. Ora, se o profissional está apurando um fato e seleciona, por exemplo, as palavras no título, dando mais destaque aos sujeitos envolvidos, ou a dados numéricos, ou enfatiza outros aspectos, isso já aponta para um fator de seletividade, de destacar uma parte dentro de um todo que pode (ou não) ter potencial noticioso, a fim de impactar, informar ou chamar atenção do público.

Desde a disseminação das mídias sociais, com o uso em massa de aparelhos smartphones, os acontecimentos/fatos saíram das mãos dos profissionais de massa e tornaram-se também objeto de divulgação de pessoas comuns. Um acidente de trânsito pode ser rapidamente noticiado e alcança distâncias inimagináveis quando postado em alguma rede social. Basta que se fotografe ou filme. A partir de então, com a postagem, esse material passa a ser compartilhado e se torna notícia, mesmo que o autor/a autora da primeira postagem não seja necessariamente um profissional da mídia.

Esse alcance acaba por impactar diretamente a atuação dos veículos de comunicação, que também encontram nas redes sociais uma fonte de informação e de pauta. No entanto, é importante destacar que esse alcance das mídias sociais, como mediadoras da realidade, que fornecem informações não apenas aos internautas, mas também fora do ambiente da internet, terminam por terceirizar o testemunho da sociedade. Não se vive propriamente um fato para que o sujeito se envolva com ele. As pessoas que estão nas redes sociais ou que se alimentam de forma indireta delas vão internalizando fatos e acontecimentos por meio de “representações virtuais e discursivas da realidade”, como destaca Motta (2013):

Vivemos numa época em que as pessoas são cada vez menos testemunhas diretas ou oculares dos fatos. As experiências de vida das pessoas são cada vez mais mediadas, elas tomam cada vez mais contato com o mundo exterior através de representações virtuais e discursivas da realidade. (p. 32)

Dessa forma, a narrativa jornalística não é mais única fonte de informação. E isso requer do profissional critérios ainda mais incisivos na execução de todo o percurso da produção da notícia. É a narrativa o produto final que é consumido pelo público e, mediante isso, ela precisa estar alicerçada em critérios basilares do jornalismo, que vão desde a apuração até a isenção de ideologias. Não é função da matéria jornalística apresentar opiniões, mas dados e fatos. E, nesse ponto, a pauta precisa, desde a sua gênese, estar atrelada a fontes capacitadas para tratar do assunto em questão, a fim de evitar superficialidades.

Por tudo isso, as fontes são peça fundamental na produção da matéria jornalística porque são elas que vão contribuir para o dimensionamento do tema da pauta, contextualizando, explicando, enfim, pormenorizando aspectos que o jornalista, sozinho, não está apto a fazê-lo e que, para o entendimento do público, é importante. Aqui é válido destacar que, mesmo sendo o jornalista um profissional que utiliza a

língua como ferramenta básica na execução das suas funções e que ainda sendo o jornalista um sujeito que está, em princípio, habilitado para usar a língua em suas funções de linguagem diversas, não é ele um especialista de questões linguísticas.

Sendo assim, faz-se urgente que a mídia pluralize o espaço e dê voz a mais especialistas quando o assunto é a língua. Mesmo que o propósito da matéria seja apenas noticiar que uma celebridade cometeu um deslize gramatical ou ortográfico, por que não ampliar a matéria e trazer explicações sobre o fato? Em que situações, por exemplo, erros semelhantes costumam aparecer? Seria um caminho possível na construção da matéria jornalística.

No entanto, o público, muitas vezes, já habituado com um consumo de notícias no estilo fast-food, ou seja, rápido e pouco consistente, deseja tão somente saber quais palavras são legitimadas pelas prescrições dicionaristas. E, sabendo disso, parece que a aprendizagem da língua portuguesa sobe mais um degrau. Nessa aprendizagem, o jornalista acaba sendo o mediador e narrativamente aponta o que a norma padrão aceita ou não.

Essa postura da mídia solidifica a concepção simplista que vigora no seio social e educacional de que questões de língua estão tão somente na esfera do “certo” versus “errado”. A mídia, que pode sim funcionar como mais um instrumento educativo da sociedade, não é à toa que existe a educomunicação, uma área que se propõe a mesclar educação e comunicação, como o próprio termo sugere, e que se vale de instrumentos comunicacionais/midiáticos como ferramenta educativa. Porém, o que é mais comum de se encontrar nos meios de comunicação de massa são fatos de língua que giram em torno de “erros gramaticais” cometidos por celebridades ou qualquer outro indivíduo de prestígio ou que exerça algum cargo sociopolítico importante.

Aqui parece salutar trazer o que Possenti (2009) aborda sobre o sistema educacional brasileiro. A visão do linguista sobre como a língua portuguesa é ensinada nas escolas pode ser aplicada também na forma com que veículos de comunicação produzem suas matérias sobre questões linguísticas. A concepção simplista, que tenta imprimir um caráter único na língua e desconsiderar todas as diferentes manifestações, ou usando um termo mais específico, variações, é recorrente tanto no processo de ensino-aprendizagem como na mídia, de forma geral:

Não educam para a descoberta, para a análise. Assim, acabamos achando normal que haja problemas difíceis de serem resolvidos nos diversos campos do conhecimento da natureza, mas acabamos nos acostumando com a ideia de que um professor de português – ou mesmo um aluno- deve ter sempre certezas sobre tudo, respostas prontas e claras. É que a imagem de língua apresentada é uma imagem simplificada (p. 54)

Adiante, Possenti (2009) destaca que as pautas sobre língua portuguesa na mídia brasileira não apresentam desdobramentos mais aprofundados sobre o tema. A narrativa jornalística, portanto, acaba por apenas endossar o que vigora no âmbito social sobre a língua, ou seja, que saber uma língua é tão somente aplicar as regras gramaticais. Assim, sotaque, desvios de norma padrão e de ortografia configuram pautas únicas nas matérias que tratam de língua portuguesa no Brasil:

Os valores associados à linguagem são os relativos ao sotaque e a pequenas questiúnculas gramaticais. Toda a imprensa valoriza os que conhecem ridículos quebra-cabeças (concordâncias e regências raras, o feminino de cupim, essas coisas). Quando alguém quer exemplificar a decadência, vem sempre o mesmo “a nível de”, ou a variante “tv a cores”. Ninguém fala em texto. Na verdade, poucos sabem falar de texto. Por isso, falam de questões pequenas, resolvidas nos livrinhos de sempre, que, aliás, não citam. (pág. 50)

Outro ponto importante quando se pensa o processo noticioso sobre a língua na mídia é o acontecimento. Ora, para que um tema seja pauta dos veículos de comunicação é necessário um elemento novo ou de impacto para o público. Mais precisamente, sobre essa questão, os critérios de noticiabilidade- já discutidos anteriormente- aparecem como guias para a seleção dos acontecimentos.

Mas, o que são acontecimentos? Uma premissa importante que pontua bem a diferença entre fato e acontecimento- termos cujo sentido ora se confunde- é que nem sempre um fato é um acontecimento, mas todo acontecimento é, por essência, um fato. Dessa forma, a diferenciação do significado dá-se pelo impacto que a ocorrência – situado num tempo e num espaço- gera na vida do ser humano. O acontecimento, portanto, está arraigado pela intriga, pela imprevisibilidade, pelo impacto. Para Ricoeur (2010), o fato se dá dentro do âmbito cronológico, cuja leitura traz à tona a sequencialidade do tempo. Já o acontecimento reside na esfera da singularidade, ou seja, singular no sentido de extrapolar a necessidade de inserção numa esteira do tempo:

Um acontecimento tem de ser mais que uma ocorrência singular. Recebe sua definição de sua contribuição para o desenvolvimento da intriga. Uma história, por outro lado, tem de ser mais que uma enumeração de acontecimentos numa ordem serial, tem de organizá-los numa totalidade inteligível, de modo tal que se possa sempre perguntar qual é o “tema” da história. Em suma, a composição da intriga é a operação que tira de uma simples sucessão uma configuração (RICOEUR, 2010, p. 114).

Nessa esfera conceitual que busca diferenciar os termos fato e acontecimento, sobretudo para a orientação da produção noticiosa, vale ter em mente que o aspecto sequencial/ temporal dos fatos também importa nessa diferenciação. Já que o tema central da presente pesquisa é a língua portuguesa como pauta de matérias jornalísticas, em diálogo com conceitos de narrativa e acontecimento, vale tentarmos exemplificar, dentro do universo linguístico, o que seria um fato e um acontecimento.

Ao cometer um deslize gramatical, o ministro da Educação do governo federal brasileiro foi pauta de diversos veículos noticiosos em janeiro de 2019, ao grafar em uma rede social a palavra “empressionante”, em vez de “impressionante”, conforme preceitos dicionaristas. Esse seria um fato, cujo desenrolar é passível de situar no tempo e que não impacta diretamente na vida dos cidadãos.

Já quando ficou definido que a Nova Ortografia da língua portuguesa para os países que têm português como língua materna (L1) seria estabelecida e exigida, pode-se inferir que tal novidade impactou diretamente a vida dos cidadãos de língua portuguesa, uma vez que foi necessário implementar as novas regras ortográficas tanto no âmbito educacional como em todos os textos que veiculam nos âmbitos comunicacionais mais monitorados e formais, como veículos de comunicação, as leis, documentos oficiais, exames escolares, concursos etc.

Portanto, coube nesta pesquisa investigar se as matérias analisadas foram impulsionadas por fatos ou acontecimentos, considerando ainda quais critérios de noticiabilidade sustentaram essas pautas.

4. UMA DÉCADA DA CRIAÇÃO DO DIA INTERNACIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA CULTURA LUSÓFONA- ANÁLISE DO CORREIO BRAZILIENSE E DIÁRIO DE NOTÍCIAS

As questões que envolvem o universo da Lusofonia são, por vezes, contraditórias e ambíguas. A data escolhida para a presente pesquisa não é a única que se tem para celebrar a língua portuguesa. É importante mencionar que há duas outras datas referentes, a saber: o dia 10 de junho, instituído pelo órgão legislativo do Estado Português no ano de 1981 e faz referência à morte de Luís Vaz de Camões, importante escritor lusitano, que faleceu em 10 de junho de 1579; e o dia 5 de novembro, uma data mais brasileira, a qual foi instituída pela lei nº 11.310, de 12 de junho de 2006 e tem o nome de Dia Nacional da Língua Portuguesa. A referida data é uma homenagem ao escritor brasileiro Ruy Barbosa, que nasceu em 5 de novembro de 1849 e foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Sendo Brasil e Portugal os dois países de maior representatividade política e social no mundo lusófono, por que então se criou uma data específica para se comemorar a língua portuguesa em cada país, quando os dois falam o mesmo idioma? Pode-se tentar concluir que houve tentativa de nacionalização da língua em cada território, ou, ainda, o propósito de destacar um escritor eminente da história literária de cada um dos países. No entanto, as duas iniciativas de criação de uma data específica para comemorar o Dia da Língua aconteceram antes da instituição do Dia Internacional da Língua Portuguesa e Cultura Lusófona, que se deu no dia 5 de maio de 2009. Porém, ainda assim, a data não tem o mesmo impacto no Brasil, como em Portugal.

Com a criação de uma data que engloba o aspecto de extrafronteira dos países em questão (Brasil e Portugal), incluindo o adjetivo internacional, que se propõe a elevar a língua para o patamar de idioma que ultrapassa continentes, buscou-se entender, durante esta pesquisa, se houve aceitação da referida data como dia importante a ser lembrado pelos meios de comunicação português e brasileiro e, aqui, mais precisamente, pelos websites do Diário de Notícias e Correio Braziliense.

Datas comemorativas são pautas recorrentes na redação dos veículos noticiosos. É uma maneira de discutir assuntos, tornando-os factuais, porque naquele dia o calendário é comemorativo. Seguindo essa linha, é possível que, a partir do dia 5 de maio de 2009, anualmente, jornais portugueses, brasileiros ou de qualquer outro país cujo idioma oficial seja a língua portuguesa, use o dia para apresentar eventos, acontecimentos ou discutir simplesmente a língua, aproveitando-se o dia comemorativo.

Já que a referida data, recorte temporal desta pesquisa, foi criada pela instituição de maior reconhecimento da língua, a Comunidade dos Países de Língua

Portuguesa (CPLP)- que já tem 24 anos de existência-, acreditamos que a produção noticiosa dos dois jornais em questão poderia dar espaço para as questões de língua.

A efeito de organizar melhor o material coletado, será apresentado ano a ano, o que cada jornal pesquisado publicou no período citado, mantendo, inclusive, lacunas, que sinalizarão que não houve material veiculado a respeito.

4.1 A década

Um ano após a criação do Dia Internacional da Língua Portuguesa e Cultura Lusófona, ocorrida em 2009, o Diário de Notícias não fez menção sobre o tema, nem trouxe matérias de cunho linguístico. Por outro lado, o brasileiro Correio Braziliense trouxe dezoito postagens, todas apenas veiculadas no Blog da Dad Squarisi. Destas, sete foram sobre ortografia, quatro tratam de concordância. Outros temas que apareceram foram a má construção textual, falta de clareza e vozes verbais. Interessante mencionar que há postagem que não apresenta texto da autora e tem apenas o título de “Dicas de concurso”.

No ano seguinte, 2011, o Diário de Notícias publicou um material referente ao Dia Internacional da Língua Portuguesa. O título “Afirmção da língua portuguesa no mundo” faz menção à data comemorativa e a narrativa sublinha a agenda proposta pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, com eventos em seus países-membros, ao passo que reforça a necessidade de se promover maior protagonismo da língua, destacando seu aspecto econômico e cultural. Interessante salientar que o material saiu na editoria de Opinião e é de autoria de Gabriela Canavilhas, que já foi ministra da Cultura de Portugal. Já o Correio Braziliense não trouxe material neste ano.

Em 2012, o Diário de Notícias não publicou material referente ao universo linguístico. Importante destacar que a semana do dia 5 de maio foi o recorte completo da presente pesquisa, sobretudo para o DN, que pulverizou matérias em editorias diversas, o que não aconteceu no CB. O Correio Braziliense, por sua vez, trouxe neste ano 31 postagens no Blog da Dad Squarisi, tendo como tópicos mais abordados: semântica (sete), ortografia (quatro), etimologia (quatro) e concordância (três), novamente todos os tópicos relacionados às regras gramaticais.

Já em 2013, o Correio Braziliense publicou 18 postagens sobre a Língua, também no Blog da Dad Squarisi, um compilado de temas. Os temas mais abordados

neste ano foram: morfologia (cinco), concordância (quatro) e ortografia (três), além de regência verbal, uso de hífen e o vocabulário decorrente do contato entre o português com duas outras línguas: francês e inglês. O mote foi uma referência feita à propaganda de uma operadora de Telefonia, que não cometeu “desvios da Norma”. O Diário de Notícias apresentou lacuna na semana analisada.

Em 2014, o Correio Braziliense apresentou 16 materiais, também no Blog da Dad Squarisi. Novamente, a ortografia configurou num dos temas mais abordados, tendo sete postagens, seguido de morfologia (três) e concordância (três). Vale destacar que no referido ano, o Blog apresentou uma carta do leitor com trecho de outro jornal, cuja estrutura continha um deslize ortográfico cometido pela modelo Gisele Bündchen, Aqui, foi possível constatar uma característica comum nas narrativas jornalísticas sobre língua no Brasil: a de utilizar falas de celebridade para pontuar erros da língua e destacar o uso correto- no ponto de vista normativista/gramatical, apenas. Quanto ao Diário de Notícias, encontramos lacuna, com total ausência de material sobre o tema.

Em 2015, Diário de Notícias apresentou pelo quarto ano consecutivo lacuna de material acerca do tema língua portuguesa. O Correio Braziliense, por sua vez, trouxe 18 materiais tratando, em sua maioria, de escrita/ortografia (seis). A morfologia e a semântica também apareceram com número maior de postagens, sendo quatro e seis, respectivamente.

Dando continuidade ao recorte temporal, em 2016, foi a vez do Correio Braziliense apresentar lacuna sobre o tema. O Diário de Notícias trouxe dois materiais: ambos fazendo correlação sobre o Novo Acordo Ortográfico e o Dia da Língua Portuguesa. Importante salientar que o Novo Acordo Ortográfico entrou em vigor no Brasil apenas em 2016, mas já vinha sendo utilizado sem a obrigatoriedade desde 2009. O uso obrigatório das novas regras chegou a ser adiado três vezes no Brasil, devido a críticas da sociedade em geral e do meio acadêmico.

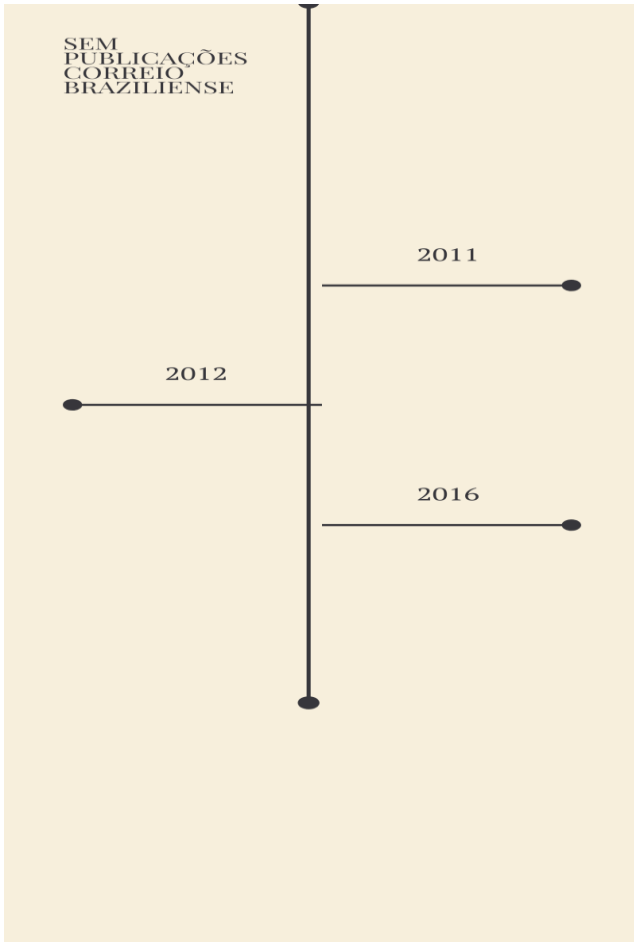
Em 2017, os dois jornais publicaram sobre a língua materna. O Correio Braziliense publicou nove materiais, tendo como principais temas abordados: ortografia (três) e a concordância e pontuação, ambas com três postagens. Vale ressaltar que foi encontrada uma errata sobre mau uso de concordância verbal do próprio CB em chamada de capa, e outra tratando sobre o hífen. Por outro lado, o Diário de Notícias publicou três matérias cuja pauta foi a língua pátria e destacou os temas: a língua portuguesa no Timor Leste, sotaques da língua, duas com programação da CPLP no Dia

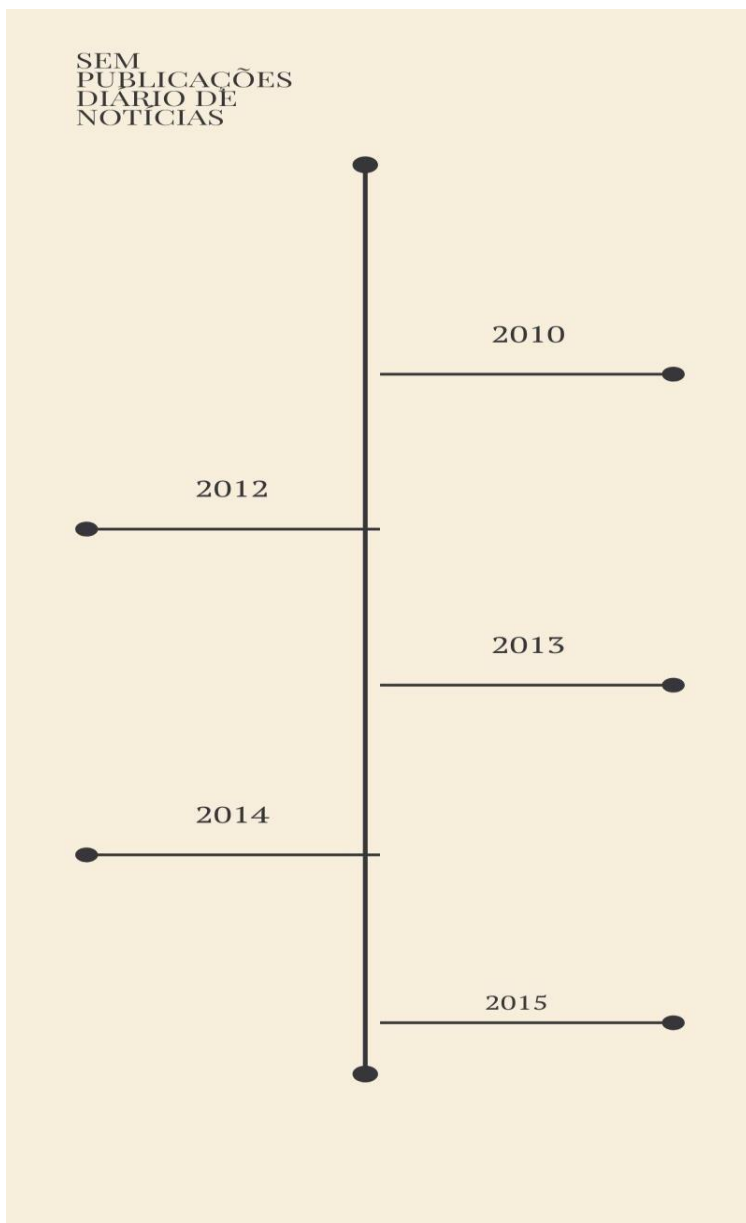
da Língua Portuguesa. Importante salientar que somente uma delas foi publicada no dia 5 de maio, sendo as demais nos dias 02 e 03 de maio.

Em 2018, o Correio Braziliense apresentou 22 materiais no Blog da Dad Squarisi. Desta vez, o tema pontuação foi o de maior número de publicações, apresentando oito postagens, seguido da ortografia (cinco). Vale mencionar que o espaço trouxe citações aleatórias de provérbios brasileiros e chineses, tendo apenas a própria citação, sem desdobramentos ou contextualizações que explicassem ao público a razão do material ser publicado. Já o Diário de Notícias abordou a língua em nove matérias, sendo os temas: celebrações para o Dia da Língua Portuguesa e Cultura Lusófona, educação a distância da língua portuguesa, identidade cultural, mensagem do presidente de Portugal, adesão de países de língua estrangeira à CPLP, a língua como memória coletiva, expansão da língua portuguesa no mundo e um texto na editoria de Opinião, cujo teor é de saudosismo e reverência à língua-considerada como casa. As matérias foram publicadas do dia 1º a 7 de maio.

Encerrando o ciclo de uma década analisada, apresentamos o material coletado no ano de 2019. O Diário de Notícias trouxe, de 1º a 7 de maio, 14 matérias sobre a língua, sendo os temas: programação do Dia da Língua Portuguesa e Cultura Lusófona, educação, cultura lusófona, propostas da CPLP, língua em Macau. Guiné-Equatorial e Angola. Foi o ano que mais teve volume de matéria sobre o tema no Diário de Notícias e no Correio Braziliense. O periódico brasileiro trouxe 22 publicações, cujos temas mais abordados foram: ortografia (seis), morfologia (quatro), etimologia e semântica, ambos com três publicações. Vale mencionar que o Blog trouxe novamente uma citação, desta vez do autor norte-americano Robert Fulghum. No entanto, o jornal brasileiro continuou sem menção alguma à data comemorativa do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura Lusófona.

Consideramos importante destacar os anos em que não foram encontrados materiais sobre a língua portuguesa. Tanto o Correio Braziliense como o Diário de Notícias apresentaram lacunas de publicação durante a década analisada, conforme os infográficos a seguir:





A fim de ilustrar de forma mais objetiva a análise do material coletado, apresentamos as tabelas abaixo, outrora já mencionados, com o conteúdo separado por quatro questionamentos, que funcionaram como instrumentos de análise da narrativa do material. O propósito foi o de criar um panorama direto e enxuto sobre como os dois periódicos pautaram o tema língua portuguesa durante a semana do dia 05 de maio, data correspondente ao marco do recorte temporal feito nesta pesquisa. Esse panorama propiciou entendimento acerca do enquadramento feito pelos jornais, ou seja, qual a

imagem da língua- construída por meio da narrativa escrita- estava sendo exposta para o público.

Esses questionamentos foram fundamentais para que a análise acontecesse de forma a satisfazer o que foi proposto: colocar a língua portuguesa em correlação com narrativa, mídia, o que resultou na tríade temática definida e seguida durante todo o processo de produção da pesquisa. Abaixo, apresentamos os quadros explicitados:

Figura 1: Tópicos/itens criados para análise da narrativa

	Seção/editoria	Tem voz de especialista	Aspecto da língua abordado	Temporalidade do fato/tema	Total de publicações
2010	Apenas Blog da Dad Squarisi	Não	Gramática, ortografia e texto	Fatos do dia, matérias jornalísticas do dia anterior	18
2011					
2012	Apenas Blog da Dad Squarisi	Não	Ortografia, Semântica e Etimologia	Fatos do dia, material publicitário	31
2013	Apenas Blog da Dad Squarisi	Não	Gramática, ortografia e vocabulário	Material publicitário publicado no dia	18
2014	Apenas Blog da Dad Squarisi	Não. Mas trouxe um a participação de um leitor	Ortografia e Gramática	Fatos/materiais do dia	16
2015	Apenas Blog da Dad Squarisi	Não. Mas trouxe um a participação de um leitor	Ortografia	Fatos do dia	18
2016					

2017	Apenas Blog da Dad Squarisi	Não	Gramática e uso do hífen	Fatos do dia	09
2018	Apenas Blog da Dad Squarisi	Não	Pontuação e ortografia	Fatos do dia	22
2019	Apenas Blog da Dad Squarisi	Não	Etimologia, Gramática, crase	Fatos do dia	22

Figura 2 : Tópicos/itens criados para análise da narrativa

JORNAL 2 DIÁRIO DE NOTÍCIAS					
	Seção/editoria	Tem voz de especialista	Aspecto da língua abordado	Temporalidade do fato/tema	Total de publicações
2010					
2011	Opinião	Não	Aspecto político e econômico da língua nos países lusófonos	Dia Internacional da Língua Portuguesa	01
2012					
2013					
2014					
2015					
2016	Opinião e Editoria Sociedade	Não	Aspecto da língua voltada para o tema vigência do Novo Acordo Ortográfico	Dia Internacional da Língua Portuguesa	02

2017	Opinião e Lusa	Não	Dia da Língua Portuguesa e programação da CPLP	Dia Internacional da Língua Portuguesa	03
2018	Editorias Sociedade/Lusa e Opinião	Sim	Programação do Dia da Língua Portuguesa, ensino a distância, memória da língua, expansão da língua para outras regiões, língua como identidade	Dia Internacional da Língua Portuguesa	09
2019	Editoria Sociedade/Lusa, Cultura	Sim	Programação do Dia da Língua Portuguesa e Cultura Lusófona, educação, cultura lusófona, propostas da CPLP, língua em Macau. Guiné-	Dia Internacional da Língua Portuguesa	14

			Equatorial e Angola.		
--	--	--	-------------------------	--	--

Texto elaborado pela autora

Ao verificar os dois materiais, conforme os questionamentos elencados no quadro, constatamos que as publicações do Correio Braziliense apresentam menos variações de tema, editoria e a total ausência de fonte especializada, além da própria Dad Squarisi. A única voz que aparece é de leitores, que entram em contato para sanar dúvidas sobre a língua portuguesa. Ainda que a autora do Blog tenha formação em Letras, não há vozes variadas na narrativa. O que existe no espaço midiático é um compilado de tira-dúvidas, com textos curtos, sem desdobramentos ou aprofundamentos sobre a pauta.

Um ponto positivo encontrado no material é que as pautas surgem de acordo com o que aconteceu no dia. Um pronunciamento de ator político importante, a capa de algum veículo de comunicação, incluindo o próprio CB, alguma data comemorativa—ainda que as datas relacionadas à língua portuguesa não tenham sido abordadas durante uma década. É válido registrar que, no decorrer da década analisada, tanto no CB como no Blog da Dad Squarisi, não houve menção ao Dia Internacional da Língua Portuguesa e Cultura Lusófona, 5 de maio, nem no Dia Nacional da Língua Portuguesa, data brasileira comemorada no dia 5 de novembro. No entanto, em 2020⁶, os dois espaços midiáticos abordaram o tema, considerando a data, como se pode ver na imagem abaixo do Blog da Dad Squarisi, no dia 5 de maio de 2020:

6. Pesquisamos o Blog da Dad Squarisi no site do Correio Braziliense na semana do dia 5 de maio de 2021, a fim de encontrar material sobre a data como ocorreu em 2020. Mas, a última postagem do blog é do dia 7 de fevereiro de 2021.

SOBRE A AUTORA



Dad Squarisi fez curso de letras na UnB. Tem especialização em linguística e mestrado em teoria da literatura. É editora de Opinião do Correio Braziliense e comentarista da TV Brasília.

Veja a Biografia

Dia Mundial da Língua Portuguesa

Publicado em 05/05/2020 - 08:25 Dad Squarisi português

Hoje se comemora o Dia Mundial da Língua Portuguesa. O português nosso de todos os dias cultiva mitos. Outras línguas também. Quer ver?

As línguas têm mitos. Para os muçulmanos, o árabe é a língua de Deus. Entre 6.800 idiomas, o Senhor escolheu o deles pra ditar a mensagem divina. O recado encontra-se no Corão, jóia da literatura mundial. Só se pode lê-la no original. As traduções não são o livro do Todo-Poderoso. São interpretações. Quem quiser ouvir a palavra do Criador só tem uma saída – aprender o árabe.

Para os nascidos na terra de Goethe, o alemão é sinônimo de precisão. O inimigo da ambigüidade não tem alternativa. É estudar alemão, ou estudar alemão. Por isso nove entre 10 filósofos escrevem no idioma que tem declinações e montões de palavras coladas umas nas outras.

Os franceses se consideram donos da clareza. Montaigne, há 400 anos, disse que o estilo tem três virtudes – clareza, clareza e clareza. Parisienses & cia. afirmam que o estilo francês tem quatro – clareza, clareza, clareza e... clareza. O privilégio tem explicação. Chama-se escola de qualidade.

E o português? O idioma de Camões cultiva vários mitos. Um deles: língua linda, mas muito difícil, ninguém consegue dominá-la. Verdade? Não. As línguas de cultura apresentam dificuldade. O chinês, por exemplo, desafia os chinesinhos a interpretar 68 mil ideogramas. O árabe fala uma língua e escreve outra. Sai-se bem em ambas. O segredo? Seriedade e dedicação. O português também exige empenho pra revelar os mistérios. Quanto mais se aprende, mais se sobe na escala do conhecimento. E mais liberdade se ganha.

A língua é um sistema de possibilidades. Dominá-lo significa ampliar o leque de escolhas. Exercitar a liberdade. A criança se vira muito bem com a palavra casa. À medida, porém, que descobre as nuances de lar, residência, domicílio, morada, moradia, habitação, pousada & cia., comunicar-se-á com mais precisão e consciência. Voar-se mais alto. E ultrapassará obstáculos. Embora pequenos, tropeços em crases, preposições, concordâncias e outras manhas da língua causam estragos. Evitá-los é possível. O texto agradece.

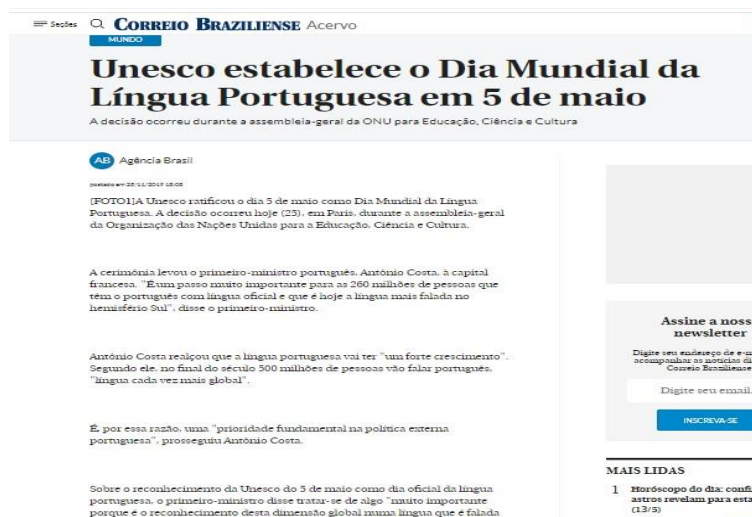
Acesso em 10 de abril de 2021. <https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/dia-mundial-da-lingua-portuguesa/>

A professora construiu uma narrativa conduzida pela comparação entre as línguas. *Hoje se comemora o Dia Mundial da Língua Portuguesa. O português nosso de todos os dias cultiva mitos. Outras línguas também. Quer ver?* Após falar sobre a língua árabe, francesa e alemã, Dad se questiona sobre qual seria o idioma mais difícil. Em seguida, referindo-se às dificuldades do uso da língua portuguesa como mitos, ela declara: *“O português também exige empenho pra revelar os mistérios. Quanto mais se aprende, mais se sobe na escala do conhecimento. E mais liberdade se ganha.”*

Importante destacar que, ainda de forma indireta, a ideia de que a língua é difícil persiste como centralizadora da narrativa. Essa imagem de língua complicada deriva do entendimento equivocado do que seja, de fato, dentro da esfera da ciência, a língua. Ora, os mistérios, mitos, ou dificuldades mencionados pela autora do Blog está no uso da crase, no cumprimento das regras de concordância e regência, na ortografia. A liberdade sobre a qual ela comenta, de que sabendo a norma padrão é possível ultrapassar obstáculos, seria em qual esfera da vida do falante da língua portuguesa? Entraves de ascensão social, de aprovação em testes e concursos, ou na comunicação diária, instintiva e mais imediata? Não ficou claro.

Já o Correio Braziliense publicou matéria em 2019, 2020 e 2021, tendo como mote o Dia Internacional da Língua Portuguesa. Em 25 de novembro de 2019, o jornal

trouxe matéria para informar acerca da consolidação do dia 5 de maio pela Agência das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), ato ocorrido na 40^a sessão da Conferência Geral do Órgão, realizada em novembro de 2019.. A narrativa da matéria dava conta do pronunciamento do primeiro-ministro de Portugal, Antônio Costa, em tom de exaltação à língua, destacando que o ato da Unesco é *“muito importante porque é o reconhecimento desta dimensão global numa língua que é falada oficialmente em nove países, em quatro continentes e que é a quinta língua mais utilizada no espaço da internet”*. No entanto, a matéria, publicada na editoria Mundo, é assinada pela Agência Brasil:



Acesso em 15 de abril de 2021:
https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2019/11/25/interna_mundo,809093/unesco-estabelece-o-dia-mundial-da-lingua-portuguesa-em-5-de-maio.shtml

Já no ano seguinte, 2020, às vésperas do dia 5 de maio, o CB publicou matéria sobre a data, com o título “Primeiro Dia Internacional da Língua Portuguesa é comemorado nesta terça (5/5)”. O título já sugere que o jornal somente passou a considerar a data, após a Unesco ratificar o dia. Até então, não houvera matérias sobre a língua portuguesa, aproveitando o gancho da data comemorativa, mesmo tendo sido criada em 2009. O conteúdo foi publicado na editoria Educação, como se pode visualizar abaixo:

Primeiro Dia Mundial da Língua Portuguesa é comemorado nesta terça (5/5)

Data foi instituída pela Unesco em 2019. Secretário-geral da OEI, Mariano Jabonero comenta a importância do idioma. Na avaliação dele, melhor desempenho na disciplina exige leitura

AP Ana Paula Lisboa

postado em 04/05/2020 19:47

O Dia Mundial da Língua Portuguesa é nesta terça-feira (5). A data foi instituída pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e, em 2019, ratificada pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Em 2020, celebra-se a ocasião mundialmente pela primeira vez: antes disso, o dia era considerado internacional, mas não global. O objetivo é destacar a importância do quinto idioma mais falado no mundo e o mais falado no hemisfério Sul, com 280 milhões de falantes. No entanto, a verdade é que, no Brasil, não há tanto assim a festejar.

A cada 10 brasileiros, três são analfabetos funcionais, tendo dificuldade de entender ou de se expressar por meio de letras no cotidiano. O dado é do Indicador do Alfabetismo Funcional (Inaf), que entrevistou mais de 2 mil jovens e adultos de 15 a 64 anos. A aplicação das conclusões do estudo à população total leva a crer que o problema atinge 38 milhões de pessoas. A deficiência no idioma não é exclusiva de quem não teve acesso a escola. O último resultado divulgado do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 2017, mostra que, a cada 10 estudantes do 3º ano do ensino médio, sete têm nível insuficiente em português; sendo que apenas 1,64% dos alunos têm proficiência adequada na disciplina.

Na prática, a maior parte dos adolescentes não é capaz de achar informações explícitas em textos, por exemplo. [O resultado da última edição do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes \(Pisa, na sigla em inglês\)](#), divulgado em dezembro de 2019, aponta a estagnação dos alunos brasileiros em leitura: o país manteve a mesma posição que tinha em 2015 nesse quesito, mas ainda atrás de 50 nações. O teste avaliou 600 mil jovens de 15 anos em 80 países. No Brasil, 10,6 mil alunos fizeram a prova, e tiveram desempenho muito abaixo da média da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), formada por países ricos.

Acesso em 10 de abril de 2021 https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/educacao/ensino_educacaobasica/2020/05/04/interna-educacaobasica-2019,851281/primeiro-dia-mundial-da-lingua-portuguesa-e-comemorado-nesta-terca-5.shtml

A repórter Ana Paula Lisboa conduziu sua narrativa de maneira elucidativa, pontuando a questão do analfabetismo funcional, habilidade de leitura e de língua como um todo. A jornalista trouxe uma pesquisa que monta ranking do nível da educação, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), no qual o Brasil configurou, em 2019, na 51ª posição, dentre os 80 países avaliados. Logo no primeiro parágrafo da matéria, a afirmação “No entanto, a verdade é que, aqui no Brasil, não há tanto assim a festejar” já anuncia o tom da matéria “comemorar a língua pra quê?”

Em 2021, o jornal voltou a abordar a data, destacando um ano do reconhecimento da Unesco acerca da data, que já fora estabelecida há mais de uma década pela CPLP. Dessa forma, pode-se inferir que a data só ganhou espaço no jornal,

após o reconhecimento da Unesco, o que sugere que a CPLP tem menos importância na produção de pautas do veículo. A Unesco, criada em 1945, é uma entidade que não possui restrição geográfica de implementação de suas políticas, ou seja, é voltada para o mundo inteiro e tem eixos para sua atuação, como Ciências, Educação, Cultura. Esses dois pontos podem ter sido a justificativa de, somente quando a Unesco reconheceu a data, o periódico resolveu incluir a data na sua agenda de pautas.

A matéria foi produzida pela Agência Estado e repercutida no site do CB. A editoria escolhida para veiculação do material foi a “Diversão &Arte”, e a pauta foi destacar a programação do Museu da Língua Portuguesa para celebrar a data. Além desta, o jornal também se referiu à data, em novembro de 2020, quando a Unesco instituiu oficialmente o Dia Internacional da Língua Portuguesa. A narrativa da matéria dava conta do pronunciamento do primeiro-ministro de Portugal, António Costa, em tom de exaltação à língua, destacando que o ato da Unesco é “muito importante porque é o reconhecimento desta dimensão global numa língua que é falada oficialmente em nove países, em quatro continentes e que é a quinta língua mais utilizada no espaço da internet”.



O Dia Internacional da Língua Portuguesa é em 5 de maio e, para comemorar a data, o Museu da Língua Portuguesa contará com uma programação especial, com cinco dias de atividades gratuitas. De 3 a 7 de maio será possível acompanhar as atividades online, como lives e exibição de vídeos, e ainda participar de uma visita presencial especial à exposição temporária Língua Solta.

A previsão de reabertura do museu é no próximo semestre. Por isso, a visitação será para um público restrito, 160 pessoas no total, com o máximo de 10 pessoas por vez, entre os dias 4 e 7 de maio, às 9h30, 10h30, 14h30 e 15h30. Para ter acesso, é preciso emitir o ingresso antecipadamente no endereço eletrônico da Exposição Língua Solta. As entradas serão disponibilizadas em dois lotes: o primeiro foi liberado na sexta-feira (30/4) e o outro na segunda-feira (3/5), sempre ao meio-dia.

Para quem ainda não quiser se aventurar na atração presencial, as opções online também são boas alternativas. Haverá uma aula do músico e ensaísta José Miguel Wisnik, uma performance do músico Tom Zé, um encontro virtual ao vivo com os escritores Mia Couto (de Moçambique), José Eduardo Agualusa (de Angola) e Inês Pedrosa (de Portugal), além de uma mesa, também ao vivo, sobre o funk e a literatura, com participação de produtores de conteúdo dos perfis Funkeiros Cults, Se Poema Fosse Funk e Favela Business no Instagram e do coletivo PerifaCon.

A intensa e diversificada programação conta ainda com a participação dos escritores Geovani Martins e Amara Moira, além da pesquisadora e curadora de Literatura Indígena Julie Dorrico, que vão bater um papo com Marcelino Freire sobre os falares do Brasil. Tem ainda Linn da Quebrada, Dino D`Santiago e Sara Correia que se juntam ao compositor e ativista cultural Vinícius Terra em

Acesso em 25 de novembro de 2021 <https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/04/4921372-museu-reabre-para-celebrar-a-semana-da-lingua-portuguesa.html>

Por outro lado, o Diário de Notícias, durante o período analisado, apresentou quatro lacunas, ou seja, sem publicações sobre o tema. No entanto, ao pautar a língua portuguesa tendo como gancho o Dia Internacional da Língua Portuguesa, trouxe conteúdo diferenciado, deixando de lado o aspecto normativo-gramatical. O leitor entrou em contato com a língua falada em outros países da CPLP, como Angola, Moçambique, pode conhecer mais as ações da CPLP para promover a língua, a agenda de comemorações referentes ao Dia, além de textos opinativos em tom de exaltação ao idioma.

A narrativa dessas matérias do Diário de Notícias traz temas diferenciados, abordando, com tom descritivo, situações e entraves vivenciados em outros países lusófonos, o que dá um tom geopolítico ao universo da língua, um ponto que, de fato, existe e merece ser abordado a fim de levar ao público leigo noções de língua que vão além das páginas de dicionários e da gramática.

Esse aspecto geopolítico da língua, que norteia a narrativa dessas matérias, é um ponto que falta aos países de língua portuguesa, Brasil e Portugal, para efetivamente promover ações que possam difundir a língua, sem que as diversidades étnico-culturais sejam violadas. Para Fernando dos Santos Neves, autor de “A Hora da Lusofonia, para uma crítica da razão lusófona”, não é viável entender os propósitos de difusão do idioma português, impulsionados pelo ideal de Lusofonia, considerando apenas aspectos

linguísticos. *“Mais que projecto (sic) ou questão cultural, a Lusofonia é , obviamente, um projecto ou uma questão linguística e, embora talvez menos obviamente, também e até sobretudo, um projecto ou uma questão de estratégia geopolítica”*. (<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/lusofonias/uma-questao-de-estrategia-geopolitica/105#> acesso em 10 de fevereiro de 2021)

É o recorte que se faz da língua e se imprime na narrativa jornalística que pode impactar diretamente como o público vai lidar com o tema. Se a pauta for tão somente expor o caráter normativo, naquilo que é ou não correto, segundo os preceitos gramaticais e dicionaristas, consequentemente no meio social vai continuar vigorando que não há língua fora dos compêndios gramaticais, atitude que rechaça a variação linguística legítima daqueles que, por razões sociais, econômicas e políticas, não tiveram e não têm acesso à formação escolar, mas que são capazes de conviver em sociedade, fazendo-se entender, no mínimo, em nível da fala.

Contudo, importa destacar que a educação linguística não precisa estar atrelada apenas ao sistema educacional- seja ele de nível superior ou não. Pensar sobre a questão de língua é direito de todo falante. E é no meio midiático, tão presente na vida de cada cidadão, seja por meio televisivo, impresso, radiofônico ou das redes sociais, que consideramos essencial a mudança de conduta das pautas que versam sobre esse universo tão intrinsecamente cultural do ser humano, que é o da língua.

A análise dos dois jornais, brasileiro e português, mostrou que, como herança linguística, vigora no Brasil o entendimento de que falar o português é tão somente obedecer à gramática e ao dicionário. Questões que estejam além disso não encontram espaço na mídia. Situação que difere no jornal lusitano, cujas pautas trazem narrativas de exaltação, difusão e geopolítica da língua.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar uma década de comemoração de uma data alusiva ao Dia da Língua Portuguesa possibilitou ter um panorama de como dois jornais, localizados cada um em um dos países de maior relevância no cenário sociopolítico e econômico no mundo lusófono apontou, entender que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)

galgou espaço midiático somente no periódico português, o que não aconteceu com o jornal brasileiro pesquisado.

Uma vez que a CPLP já tem pelo menos longa existência, 25 anos, pretendia-se visualizar como o órgão, sendo o maior representante do mundo lusófono, criado para promover integração dos países e propagar a língua portuguesa, ganhava espaço em um veículo de comunicação, sobretudo, quando este manteve durante o período analisado, um blog específico para tratar do universo da língua portuguesa. Assim, a hipótese era que por ser uma mídia voltada para o tema, teríamos encontrado alusão ao Dia 5 de maio, ou no mínimo, ao Dia 5 de novembro- data criada especificamente no Brasil em celebração ao idioma português.

No entanto, mesmo considerando tais propósitos como propulsores de material sobre o tema, não houve nenhuma menção no Correio Braziliense, seja em alguma editoria ou, até mesmo, no Blog da Dad Squarisi. O que nos foi revelado com a pesquisa mostrou que somente quando a Unesco reconheceu a data e alcunhou como Dia Mundial da Língua Portuguesa, o CB noticiou o fato e se pautou, como é de costume no meio jornalístico, impulsionado pela data comemorativa, a exemplo de datas de saúde, como Dia Mundial da Diabetes, em que se costuma produzir pautas a fim de alertar sobre a doença e seus meios de prevenção e/ou tratamento. Dessa forma, podemos inferir que o Correio Braziliense considera de maior relevância os atos da Unesco, deixando a CPLP em outro plano.

O jornal brasileiro, quando avaliado segundo os objetivos gerais da pesquisa, sendo estes focados na concepção de língua que sustenta e norteia a narrativa jornalística, bem como nos valores-notícia e acontecimentos que impulsionam as pautas para a produção do referido jornal, não trouxe elementos outros que pudessem apontar que o periódico insere no seu fazer jornalístico as descobertas da ciência da linguagem, sendo, assim, um equívoco quanto a um critério tão basilar no jornalismo: que é o da atualidade.

Além disso, foi notório a falta de vozes diferenciadas e de desdobramentos no material encontrado. Nesse aspecto, é importante destacar que somente citações soltas e sem propósito informativo claro foram publicadas. A voz dominante é da profissional que assina o Blog, Dad Squarisi, que não é jornalista, mas tem formação em Letras. Válido salientar que, uma análise do material com propósito de examinar a narrativa

somente dentro da esfera da linguagem, Dad não apresentou informações atuais sobre a língua, centralizando-se, portanto, tão somente no aparato gramatical.

Outro ponto relevante a ser registrado é que, ainda que o Correio Braziliense tenha se pautado sobre o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura Lusófona, o jornal repercutiu matéria de outros veículos de comunicação – a saber, a Agência Brasil. Portanto, mesmo que, finalmente, o jornal tenha noticiado o tema, este foi retratado sem o registro do próprio periódico e de sua equipe, ou seja, sem a identidade do seu editorial impresso nessas narrativas.

Por outro lado, o Diário de Notícias trouxe matérias com narrativas variadas, aproveitando o gancho da data comemorativa, antes e depois do reconhecimento da Unesco, em novembro de 2019. O jornal não se pautou em questões de cunho gramatical, como ocorreu com o Correio Braziliense. A narrativa das matérias dava conta da programação organizada pela CPLP em Portugal e em outros países de língua portuguesa. Há também presença de narrativa de cunho de prestígio e exaltação da língua, bem como a tentativa de expor como o idioma está se espalhando mundo afora.

Logo, as narrativas encontradas apontaram que a concepção de língua que norteou e sustentou as pautas no periódico não está somente no aspecto normativista/gramatical. Em oposição clara ao jornal brasileiro, o Diário de Notícias apresentou a língua sob ângulos e enquadramentos que extrapolaram o dualismo do certo versus o errado, tão presente no material veiculado pelo Correio Braziliense. Ainda que a Linguística não tenha aparecido por meio de vozes de especialistas na área, podemos inferir que, ao apresentar a língua nas matérias jornalísticas, o jornal trouxe a linguagem dentro de um conceito mais plural e abrangente, trazendo mais luz a características importantes da língua, como seu caráter cultural e identitário de um povo e de uma comunidade.

Outro ponto importante é que as narrativas encontradas nos dois jornais divergem quanto ao sentimento nacionalista da língua. Em Portugal, encontramos textos saudosos e de amor ao português. No jornal brasileiro, além de expor a língua mediante apenas o dualismo do certo x errado, segundo as normas gramaticais e dicionaristas, encontramos a única matéria no Blog da Dad, pautada pela data 5 de maio, sendo guiada pelo mote de “língua difícil” e “mitos da língua”. Essa visão purista e centralizada num único entendimento de língua costuma direcionar as narrativas no jornalismo brasileiro, quando a pauta aborda questões da língua portuguesa.

O que podemos apontar, com base no material avaliado, é que Portugal, como país colonizador, ainda está enraizado na tentativa de difundir seu idioma e promover ações que busquem atrair suas ex-colônias, mantendo, assim, laços culturais que subjazem na imposição do idioma português a povos que tentam manter suas línguas nativas, mas que se deparam com um sistema educacional que não respeita essas línguas maternas e tentam alfabetizar as crianças no português, sob o pretexto de que o idioma é o caminho para o sucesso desses alunos. Artigos produzidos por pesquisadores moçambicanos, angolanos, cabo-verdianos, dentre outros, dão conta de que o ideal da lusofonia é imposto de maneira não democrática, ou seja, o poder político desses países impôs o idioma, mesmo que nem mesmo a classe docente estivesse preparada para lecionar a língua do colonizador.

Além disso, há razões sociais e econômicas que interferem diretamente nesse ideal de lusofonia. Países que integram a CPLP e fazem parte do continente africano enfrentam altos níveis de pobreza e um sistema escolar muito deficitário, cenário que não difere tanto do que ocorre no Brasil. Dessa forma, fazer parte do mundo lusófono, tendo a língua como meio para isso, não assegurou até agora avanços nesses países, que continuam enfrentando entraves econômicos e sociais, amargando ainda as consequências da colonização exploratória de Portugal.

O propósito lusitano de manter relações com suas ex-colônias por meio da sua herança linguística requer mais comprometimento da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, em prol da difusão do português, mas, concomitantemente, oferecendo amparo econômico e político para que os demais países consigam, de fato, avançar não só na esfera da aquisição da língua portuguesa, como no âmbito social e econômico, sobretudo.

Nesse ponto, os veículos de comunicação, como difusores de conhecimento e um meio de promoção de debate, podem ajudar sobremaneira. Não só pautar o que a CPLP promove, mas dar espaço para que a língua portuguesa surja com sua pluralidade e diversidade, sem deixar que as línguas maternas de cada país do mundo lusófono sejam desrespeitadas e alvo de preconceito.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDULA, R. A. M.; TIMBANE, A. A.; QUEBI, D. O. **As políticas linguísticas e o desenvolvimento endógeno nos PALOP**. RILP . Série 4, nº31, p.23-46, 2017
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- _____. **Dramática da Língua Portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social**. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. **A norma oculta - língua & poder; poder na sociedade brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____. **Língua, Linguagem e Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- _____. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BERNARDO, E. P. J. **Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola**. RILP . Série 4, nº31, p.39-54.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, P. **O mercado dos bens simbólicos**. In. A Economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 99-181.
- BRASIL. **Censo escolar 2016** . Brasília: Ministério da Educação, 2017
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística- Uma Introdução Crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CARDOSO, E. A. **A formação histórica do léxico da língua portuguesa**. in: SILVA, L. A. (Org.). A língua que falamos. São Paulo: Globo, 2015. p.163-182.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. **O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo**. Intercom 2009. Acesso em 07/02/2020.
- COMUNIDADE DE PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. Estatística da CPLP-2012 . Lisboa: INE, 2013.
- CHONG, D; DRUCKMAN, J. N. **A Theory of Framing and Opinion Formation in Competitive Elite Environments**. Journal of Communication 57 (2007) 99–118 ^a International Communication Association, 2007.

D'ANGELO, P. **News Framing as a Multiparadigmatic Reseach Program: A Response to Entman.** Journal of Communication, dez. 2002.

ENTMAN, R. M. **Framing: toward clarification of a fractured paradigm.** Journal of Communication, n. 43, 1993

ERBOLATO, L. Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo.** São Paulo: Editora Ática, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2016

_____. **História da Língua Portuguesa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

_____. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Gilson Pôrto Jr.; Nelson Russo de Moraes; Daniela Barbosa de Oliveira; Leila Adriana Baptaglin (Orgs.) **Media effects: ensaios sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo, Vol. 2: Efeitos da Terceira Pessoa, enquadramento e teoria do cultivo [recurso eletrônico]** / -- Porto Alegre, RS: Editora Fi /Boa Vista: Editora da UFRR, 2018.

Gilson Pôrto Jr.; Nelson Russo de Moraes; Daniela Barbosa de Oliveira; Vilso Junior Santi (Orgs.) **Media effects: ensaios sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo, Vol. 1: Teorias do agendamento, priming e framing [recurso eletrônico]** -- Porto Alegre, RS: Editora Fi /Boa Vista: Editora da UFRR, 2018.

GONÇALVES, R.; HAGEMEIJER, T. **O português num contexto multilíngue: o caso de São Tomé e Príncipe.** Rev. Cient. da UEM . v.1, n.1, p.87-107, 2015

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH). **Sustentar o progresso humano: reduzir as vulnerabilidades e reforçar a resiliência.** Washington: PNUD, 2014.

KRAMSCH, C. **Language and culture** . London: OUP, 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos** . Trad. Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R.Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEMOS, A. F. F. **Língua e cultura em contexto multilíngue: um olhar sobre o sistema educativo em Moçambique**. Educar em Revista. Curitiba, v.34, n.69, p.17-32, mai.-jun. 2018.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013

MOTTA, Gonzaga Luiz. **Análise Crítica da Narrativa**. Rio de Janeiro. Editora. UNB, 2013.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte. Letramento, 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, Pontes, 2000 .

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PERINI, Mário. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 2009.

PORTO, M. **Enquadramentos da mídia e política**. In: RUBIM, A. A. C. (org). Comunicação e política: conceitos e abordagens. Salvador: EDUFBA, 2004.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. Tomo I. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SCHEUFELE, D. A. **Framing as a Theory of Media Effects**. *Journal of Communication*, dez/mar 1999.

TIMBANE, A. A.; REZENDE, M. C. M. **A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique**. Travessias. v.10, n.3, 28.ed. p.388-408. 2016.

TIMBANE, A. A.; VICENTE, J. G. **Políticas públicas e linguísticas: estratégias e desafios no combate às desigualdades sociais em Moçambique**. Revista Brasileira de Estudos Africanos. v.2, n.4, p. 114-140, jul./dez. 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. Volume 1**. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. Volume 2**. Florianópolis: Insular, 2004.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

TUCHMAN, G. **A objectividade como ritual estratégico uma análise da noção de objectividade dos jornalistas**. In: TRAQUINA, N. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: VEJA, 1999.

TUCHMAN, G. **As notícias como uma realidade construída**. In: Pissarra, E.J. (org.). *Comunicação e Sociedade – os efeitos sociais dos meios de comunicação de massa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. WEBER, M. *Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa*. In *Revista Española de Investigaciones Sociales – REIS*, nº 57/1992, p. 251-259.

UNESCO. Guiné-Bissau: **Relatório do sistema educativo**. Dakar: UNESCO, 2013.

VIEIRA, Francisco Eduardo. **Gramática Tradicional- História Crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018

Weedwood, Bárbara. **História concisa da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

Acesso em 25 de março de 2021:

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/lusofonias/uma-questao-de-estrategia-geopolitica/105#>

<https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2014/08/05/burro-nao-e-quem-escreve-errado-burro-e-quem-discrimina/>

Acesso em 20 de março de 2021

https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/viva_a_vivo/

Acesso em 20 de março de 2021

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/erramos-1065/>

Acesso em 20 de março de 2021

https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/leitores_a_beira_de_ataque_de_nervos_2/

Acesso em 20 de março de 2021

https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/leitores_a_beira_de_ataque_de_nervos_1/

Acesso em 20 de março de 2021

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/erramos-71/>

Acesso em 20 de março de 2021

https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/nobres_e_pobres/

Acesso em 20 de março de 2021

https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/leitor_pergunta-22/

Acesso em 20 de março de 2021

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/erramos-1330/>

Acesso em 20 de março de 2021

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/leitor-pergunta-28/>

Acesso em 20 de março de 2021

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/virgula-7-com-travessao/>

Acesso em 20 de março de 2021

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/gemeos-siameses-etimologia/>

Acesso em 20 de março de 2021

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/dar-a-luz-emprego/>

Acesso em 20 de março de 2021

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/parir-conjugacao/>

Acesso em 20 de março de 2021

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/gemeo-significado/>

Acesso em 20 de março de 2021

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/robert-fulghum-alertou/>

Acesso em 20 de março de 2021

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/dia-mundial-da-lingua-portuguesa/>

Acesso em 20 de março de 2021

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2019/11/25/interna_mundo,809093/unesco-estabelece-o-dia-mundial-da-lingua-portuguesa-em-5-de-maio.shtml

Acesso em 20 de março de 2021

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2020/05/04/interna-educacaobasica-2019,851281/primeiro-dia-mundial-da-lingua-portuguesa-e-comemorado-nesta-terca-5.shtml

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/afirmacao-da-lingua-portuguesa-no-mundo-1844385.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/portugal/defensores-de-revisao-do-acordo-ortografico-saudam-posicao-de-marcelo-5157070.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/rejeitar-o-acordo-ortografico-5158596.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/lingua-portuguesa-e-elemento-diferenciador-para-timorenses---reitor-untl-6259744.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/no-dia-da-lingua-portuguesa-7207190.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/dia-da-lingua-portuguesa-assinala-se-em-49-paises-com-210-iniciativas-7202651.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/porto-editora-elogia-a-diversidade-dos-sotaques-no-dia-da-lingua-portuguesa-7208490.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/presidente-timorense-defende-politica-clara-para-a-lingua-portuguesa-no-pais-7204301.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/centro-portugues-na-praia-promove-sarau-para-celebrar-dia-da-lingua-na-cplp-9299761.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/historias-cinema-musica-e-poesia-na-semana-da-lingua-portuguesa-em-dili-9297115.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/semana-da-lingua-portuguesa-em-bissau-arranca-a-discutir-identidade-da-cplp-9299431.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/marcelo-sauda-todos-os-cidadaos-da-cplp-no-dia-da-lingua-portuguesa-9310516.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/adesao-de-franca-e-de-outros-paises-associados-a-cplp-e-um-contributo-valioso-9304905.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/arquivos-e-bibliotecas-materializam-memoria-coletiva-da-cplp-diz-secretaria-executiva-9305498.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/ferreira-fernandes/o-meu-dia-sao-todos-os-dias-9306479.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/artes/em-longes-lugares-e-tanta-gente-9310425.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/dia-internacional-da-lingua-portuguesa-comemorado-na-maior-cidade-do-brasil--10864691.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/viva-a-lingua-portuguesa-10860693.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/maioria-dos-alunos-que-entram-na-escola-portuguesa-de-macau-sem-portugues-como-1-lingua--10870897.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/escolas-portuguesas-no-estrangeiro-reunem-se-em-cabo-verde-para-debater-futuro-do-ensino--10853647.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/musica-cinema-teatro-marcam-celebracao-do-dia-da-lingua-portuguesa-na-guine-bissau-10858829.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/sarau-cultural-em-cabo-verde-assinala-dia-da-lingua-portuguesa-e-da-cultura-na-cplp-10858418.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/cultura/dia-da-lingua-portuguesa-186-aco-es-celebram-lingua-e-cultura-da-cplp-em-55-paises--10858201.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/ministro-da-educacao-diz-que-lingua-portuguesa-e-diferenciadora-para-quem-a-domina--10872569.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/dia-da-lingua-portuguesa-e-da-cultura-da-cplp-assinalado-com-iniciativas-em-56-paises-10858872.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/prchina-lingua-portuguesa-e-hoje-mais-falada-em-macau-e-ira-permanecer-apos-2049----marcelo--10851303.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/parlamento-timorense-assinala-semana-da-lingua-portuguesa-e-garante-promocao-e-difusao-do-portugues--10865555.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/missao-da-cplp-a-guine-equatorial-composta-por-16-elementos-e-liderada-por-cabo-verde-10859993.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/cplp-dicute-propostas-para-garantir-meios-financeiros-ao-instituto-da-lingua-portuguesa-10856570.html>

Acesso em 21 de março de 2021

<https://www.dn.pt/lusa/angola-quer-aspetos-da-linguistica-bantu-no-acordo-ortografico-da-cplp-10863840.html>

7. ANEXOS

PRINTS DO MATERIAL COLETADO E ANALISADO

ANO DE 2010

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS

-Sem publicações sobre o tema

JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

Erramos

📅 Publicado em 04/05/2010 - 17:00 👤 Dad Squarisi 🗂 Erramos, Geral

"O administrador Fabrício Carone, 33 anos, estava em uma academia de ginástica em um prédio ao lado do cinema quando foi avisado do problema no cinema", escrevemos na pág. 23. Reparou? A repetição torna o texto pobre e monótono. Que tal mandar os excessos plantar batata na esquina? Xô, artigos indefinidos! Xô, excessos! Eis a frase lipoaspirada: O administrador Fabrício Carone, 33 anos, estava na academia de ginástica no prédio ao lado quando foi avisado do problema.

Quem é que manda?

Publicado em 06/05/2010 - 18:00 | Dad Squarisi | Geral

Mensagem



DAD SQUARISI / dadsquarisi@poder.com.br

O que faz um país desenvolvido? A respeito é uma só — um povo desenvolvido. O que faz um povo desenvolvido? É a consciência da cidadania. Ela se sustenta em três pilares. Um: o poder do eleitor. Dois: o poder do contribuinte. Três: o poder do consumidor. O domínio se traduz em três ações — manifestar a vontade, facilitar a realização e cobrar resultados. Qual nossa avaliação nesses quesitos?

Queremos educação de qualidade. Mas nossos filhos saem da escola sem habilidades de ler, escrever e calcular. Queremos saúde humanizada. Mas nossos hospitais estão na UTI. Queremos segurança. Mas ataques, sequestros, homicídios, balas perdidas nos privam até da liberdade de ir e vir. Queremos transporte público decente. Mas os ônibus quebram no caminho e o metrô descaminha.

Condividamos com profissões de cartei. Sem concorrência, bancos cobram tarifas autorizadas. Farmácias proliferam na cidade. Mas o preço dos medicamentos parece tabelado. Postos de gasolina se ofendem em cada esquina. Mas desembolsamos o mesmo valor em todos. Levamos o carro à concessionária para conserto. Ops! 'Não há peças'. Informam. E lá se vão 30, 40, 120 dias de espera. Reclamar? O bicho é suado.

Exigimos deputados, senadores, governador, prefeito. Eles prometem mundos e fundos. Mas perdem a memória. O dono do voto, porém, que paga impostos e movimenta a economia, manda nos escolhidos. Como fazer as obrigações? É queda de braço. Vence o mais forte. Quem? O povo organizado. Vale o exemplo do Projeto Ficha Limpa. Nada menos que 1,7 milhão de brasileiros assinaram a Iniciativa. Dois milhões aderiram pela Internet. Queremos candidatos que tenham currículo, não folha corrida. A Câmara fez corpo mole. ONGs pressionaram. A proposta andou.

O brasileiro ainda não descobriu a própria força. Espere que o governo o defenda. A atitude tem a ver com a nossa história. A educação é precária; o nível de informação, reduzido. Em 50 anos, vivemos duas ditaduras. Ao grande pai de família sempre couberam as iniciativas. A sociedade acha que recebe favor. Não se dá conta de que paga — a caro — pela generalidade. (O pai não é pai. É patrão.) O cenário começa a mudar. Mas ainda há um longo caminho a percorrer.

Erramos

Publicado em 06/05/2010 - 18:00 | Dad Squarisi | Erramos, Geral

"A dificuldade de atendimento e a falta de materiais básicos podem ter afetado o quadro de saúde do atleta", escrevemos na pág. 33. Ops! Material, no singular, indica plural. Material de construção, por exemplo, inclui cimento, tijolo, madeira, prego, etc. e tal. Material básico engloba seringa, algodão, esparadrapo e por aí vai. É o nosso caso.

Compartilhe:



Bento ou benzido?

Publicado em 07/05/2010 - 08:00 Dad Squarisi Geral

Mensagem v:* {behavior:url (#default#vml);}

Prezada Dad,

Por favor, me tire uma dúvida: o verbo BENZER tem o particípio BENZIDO ou somente BENTO? P. ex., em: "...o padre já tinha benzido (ou bento) a água"? Em meu entender, a forma correta seria BENZIDO, mas ã consigo ajuda nos dicionários. Àguardo...

Muito obrigada! Um abç,

Tânia Loureiro Peixoto

Tânia, bento é adjetivo; benzido, particípio do verbo benzer:

Adjetivo: água benta, pão bento.

Particípio: O padre tinha benzido o bebê. O bebê foi benzido. A água é benzida todos os dias.

Erramos

Publicado em 07/05/2010 - 17:30 Dad Squarisi Erramos, Geral

Flatônio José da Silva escreveu a propósito desta passagem da pág. 19: "O corte para a colocação do silicone pode ser feito ao redor da **auréola**". Corrigindo: O corte para a colocação do silicone pode ser feito ao redor da **aréola**. Segundo o Houaiss, aréola é pequena área; região circular de cor acastanhada ou rosada no meio da qual se eleva o mamilo. Auréola, círculo dourado ou peça de metal circular com que pintores e escultores circundam muitas vezes a cabeça de Cristo, da Virgem e dos santos". É isso. O leitor tem razão.

Cada povo com sua mania

📅 Publicado em 05/05/2010 - 13:00 👤 Dad Squarisi 🗂 Geral

Os povos têm marcas registradas. O francês poupa dinheiro. O árabe acredita no fatalismo. O inglês confia no *Times*. O espanhol se fascina com a morte. O americano adora gravata colorida. O japonês fotografa. O brasileiro? Nós adiamos. Deixamos pra amanhã o que podemos fazer hoje. Se possível, empurramos pra depois de amanhã, pra segunda, pro próximo ano, pro Dia de São Nunca.

Nem todos conhecem a idiosincrasia verde-amarela. Por isso reagem. É o caso do Comitê da Fifa. Ele está com as barbas de molho. Preocupa-se com o atraso das obras necessárias para a Copa de 2014. A reforma dos estádios não saiu do papel. A construção dos novos continua na promessa. Enquanto fiscalizavam, os mandachuvas do futebol se encucaram com uma questão de ortografia. Por que atraso se escreve com s e fiscalizar com z? Afinal, a pronúncia é igualzinha.

A resposta está na formação das criaturas. *Atrasar* pertence ao clã de *tras*, *atrás*, *traseiro*, *atraso*. A família nasceu com s. Os descendentes mantêm a letrinha. *Fiscalizar* vem de *fiscal*. Sem s no radical, precisa do -izar para vir ao mundo. Daí o z em toda a filharada: *fiscalização*, *fiscalizado*, *fiscalizador*.

Deu bobeira

Publicado em 05/05/2010 - 14:01 | Dad Squarisi | Geral

"`Pode-se imaginar os sentimentos de que um pai brasileiro é tomado quando pela primeira vez se dá conta de que, com a bola nos pés, seu rebento é um prodígio', escreveu Roberto Pompeu de Toledo na última página da *Veja*. O verbo poder não deveria estar no plural?" A pergunta é de Paula Aparecida.

Trata-se da voz passiva sintética. A danada confunde gregos e troianos. Esquecidos do sujeito, deixamos a concordância pra lá. Há jeito de escapar da cilada? Há. Pra acertar sempre, recorra ao troca-troca. Substitua a voz passiva sintética pela analítica, construída com o verbo ser. Aí, o sujeito aparece claro. O verbo concorda com ele. E a dúvida bate asas e se vai. Compare: *Os sentimentos de um pai brasileiro podem ser imaginados. Podem ser imaginados os sentimentos de um pai brasileiro. Podem-se imaginar os sentimentos de um pai brasileiro.*

Erramos

Publicado em 05/05/2010 - 18:00 | Dad Squarisi | Erramos, Geral

"Foi o único jogador liberado pela diretoria do Flamengo, no sábado de carnaval, para curtir o sambódromo na véspera, em plena preparação Flamengo para a final da Taça Guanabara contra o Botafogo, na quarta-feira de cinzas", escrevemos na pág. 2 do Super Esportes. Que confusão! Você entendeu? O leitor tampouco.

Compartilhe:



Três diquinhas

📅 Publicado em 02/05/2010 - 21:00 🧑 Dad Squarisi 🗉 Geral

Velha cilada

"Vão ser colhidas 12 milhões de caixas de tangerina", disse o repórter. Falava da supersafra da fruta em São Paulo. Sem perceber, caiu em velha cilada da língua. Milhão é substantivo masculino. Colhido tem de concordar com ele. Assim: Vão ser colhidos 12 milhões de caixas de tangerina.

Novo vilão

O vilão do momento? É o sal. Ele tomou o trono do ovo. E desbancou o café. Não é pra menos. O tempero responde pela pressão alta. "Xô", ordenam os médicos. Manjerição, salsa, alecrim, coentro e outros temperos driblam a exigência do paladar. "Eles mantêm o mesmo sabor do sal?", pergunta o cliente curioso. Bobeou. Manter o mesmo é baíta pleonasma. Só se mantém o mesmo. Basta "mantêm o gosto dos alimentos".

Se não é o mesmo, outro verbo pede passagem: Eles mudam o gosto dos alimentos? Eles alteram o gosto dos alimentos? Eles deturpam o gosto dos alimentos?

Ficou melhor

Viva! Pesquisadores descobriram o caminho de tornar a mortadela mais saudável. A delícia terá menos gordura. Os paulistas comemoraram. Em primeiro lugar, porque adoram a italianinha gostosa. Em segundo, porque, doravante, ninguém mais escreverá "mortandela". Na tentação, os desavisados vão parar e pensar. O embutido ficou mais leve. A letra penetra pesa. Xô!

Estudante pergunta (1)

Publicado em 03/05/2010 - 00:00 Dad Squarisi Geral

Gabriela Carvalho Guerra pergunta: "Há situações em que é possível substituir o pronome relativo que por cujo?"

Não. Um é uma coisa; o outro, outra. O cujo é pra lá de especial. Pra figurar na frase, impõe uma condição - indicar posse. Fora isso, é bom bater em outra freguesia. Examine a caminhada do danadinho:

A mulher mora em Brasília. O filho da mulher morreu no acidente.

Que tal juntar as duas orações? O pronome relativo se presta ao papel.

Ele substitui o termo repetido. Qual é ele? Mulher. Da mulher exprime posse. (Filho de quem? Dela.) O cujo pede passagem:

A mulher cujo filho morreu no acidente mora em Brasília.

Muitos trocam o cujo pelo que. O resultado? Mostrengos. Veja esta:

Paulo Coelho, que os livros fazem sucesso nos cinco continentes, pertence à Academia Brasileira de Letras.

Cruz-credo! Alguma coisa está mal. O quê? Vamos ao desmembramento do período:

Paulo Coelho pertence à Academia Brasileira de Letras. Os livros de Paulo Coelho fazem sucesso nos cinco continentes.

Há um usurpador no pedaço. Que roubou o lugar de cujo. Afinal, de Paulo Coelho fala de posse:

Paulo Coelho, cujos livros fazem sucesso nos cinco continentes, pertence à Academia Brasileira de Letras.

Mais esta:

Brasília, que o trânsito é o mais civilizado do país, tem, proporcionalmente, a maior frota de carros do Brasil.

Alguma coisa cheira mal. O que será? O desmembramento dirá:

Brasília tem, proporcionalmente, a maior frota de carros do Brasil. O trânsito de Brasília é o mais civilizado do Brasil.

Eureka! De Brasília indica posse. Abram alas, que o cujo quer passar:

Brasília, cujo trânsito é o mais civilizado do país, tem, proporcionalmente, a maior frota de carros do Brasil.

Erramos

Publicado em 03/05/2010 - 22:00 Dad Squarisi Erramos, Geral

"A tragédia só não aconteceu, porque um vendedor ambulante alertou os policiais sobre uma fumaça que saía do veículo", escrevemos na capa. Pra que a vírgula? A oração adverbial está no lugar dela. Sem deslocamento, a mocinha não dá a vez ao sinal de pontuação. Xô!

Estudante pergunta (3)

📅 Publicado em 04/05/2010 - 00:00 👤 Dad Squarisi 🗃 Geral

Angélica Félix pergunta: "O correto é "deixe-me ver" ou "deixe eu ver"?"

É *deixe-me ver*. Sabe por quê? Na língua como na vida, nem todos são iguais perante as regras. Alguns são mais iguais. No infinitivo, os mais iguais são os verbos mandar, fazer, deixar, ver e ouvir. Com eles, a flexão é facultativa.

Assim, você pode dizer: *Vi os dois sair (ou saírem) da sala. Ouvei os cães latir (ou latirem). Deixai vir (ou virem) a mim as crianças. Fiz os alunos estudar (ou estudarem) mais. Governo manda os funcionários devolver (ou devolverem) o dinheiro.*

Cuidado. A exceção tem limite apertado. Se o sujeito for um pronome átono, acabou a farra do infinitivo. Ele só pode ficar no singular: *Vi-os deixar a sala mais cedo. Ouvei-as chegar. Deixei-os sair. Pressão sindical fê-los recuar. Governo manda-os devolver dinheiro.*

Estudante pergunta (2)

📅 Publicado em 04/05/2010 - 00:05 👤 Dad Squarisi 🗃 Geral

Davi Pereira pergunta: "Pode me dizer qual é a sílaba tônica de *habitat*?"

Habitat é proparoxítona. A sílaba tônica é *ha*. O acento? A *danadinha* é latina. Na língua dos Césares, não há acento.

Olha o fogo

📅 Publicado em 04/05/2010 - 14:00 👤 Dad Squarisi 🗃 Geral

Valha-nos, Deus! Três salas da Academia de Tênis pegaram fogo. O espaço brasiliense tem 10 salas de cinema. Por sorte, na hora do fogaréu não havia sessão. Ninguém se feriu. O susto manda dar uma espiadinha no verbo *incendiar*. Ele se conjuga como *odiar*: *odeio (incendeio), odeia (incendeia), odiamos (incendiamos), odeiam (incendeiam)*. E por aí vai.

Compartilhe:

Quem entende?

Publicado em 04/05/2010 - 14:05 Dad Squarisi Geral

Blitz tem plural? Os dicionários não se entendem a respeito do assunto. O Aurélio fala em blitze. O Houaiss, em blitzen. Diante da confusão, jornais tomaram uma decisão. Naturalizaram a alemã. Escrevem blitzes.

Compartilhe:



Terror em Nova York

Publicado em 04/05/2010 - 14:10 Dad Squarisi Geral

Atentados em Nova York há muito excitam os autores de obras de ficção. A cidade, coração do capitalismo e símbolo do American way of life, oferece os elementos necessários para alimentar a trama. Ruas charmosas convivem com guetos cheios de perigos. Moradores de diferentes etnias e variadas religiões circulam com seus segredos e mistérios ao lado de milhares de turistas. Vidas fervilham 24 horas por dia. Em 2007, o consagrado John Updike lançou *O terrorista*. O enredo gira em torno da preparação de um grupo de pessoas para praticar atos terroristas. O atentado se frustra. Será que a ficção se torna realidade?

Que medão! No sábado, carro-bomba apareceu em Times Square. Um vendedor ambulante suspeitou do veículo ali, dando sopa. Chamou a polícia. Viva! Salvou muita gente que circulava pela praça mais movimentada da cidade. O autor do atentado? Procura daqui, pesquisa dali, as câmeras mostraram um homem trocando a camisa no meio da rua. Seria ele? O jeito foi interrogá-lo. Ele depôs na polícia. Isso mesmo. Ninguém depõe a alguém ou para alguém. A gente depõe em algum lugar: *depõe na CPI, depõe na delegacia, depõe no tribunal*.

Compartilhe:



Água e azeite

Publicado em 04/05/2010 - 14:15 Dad Squarisi Geral

Bem-vindo se escreve assim — um lá e outro cá.

Bebês destrocados

Publicado em 04/05/2010 - 14:30 Dad Squarisi Geral

Você viu? A cena foi triste. Depois de um ano, as mães descobriram que os filhos foram trocados no hospital. A Justiça mandou destrocá-los. O assunto ganhou destaque na mídia. Jornais, rádios e tevês falaram no assunto. Aí, não deu outra. Muitos tropeçaram na expressão *dar à luz*. Disseram "dar à luz a um menino". Nada feito. O a sobra. A forma é esta: *dar à luz um menino, dar à luz gêmeos, dar à luz três crianças*.

Compartilhe:



ANO DE 2011

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS

dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/afirmacao-da-lingua-portuguesa-no-mundo-1844385.html

MENU 🔍 🌤️ 20 **Diário de Notícias**

“ Afirmação da língua portuguesa no mundo

Hoje é o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP, e, pela segunda vez, através de um vasto corpo de iniciativas nos mais diversos cantos do mundo os países membros celebram este dia, instituído em 2009 na XIV Reunião Ordinária do Conselho de Ministros da CPLP em Cabo Verde.

Este ano, sob a presidência angolana, a multiplicidade de iniciativas da CPLP responde aos esforços de difusão e promoção internacional previstos no Plano de Ação de Brasília de 2010. Trata-se de mais um vigoroso impulso na projeção da nossa língua e na consolidação do papel da CPLP, tornando-o mais consentâneo com a representação de cerca de 250 milhões de cidadãos que têm o português como sua língua.

A língua portuguesa encerra um potencial extraordinário que pede maior protagonismo nas políticas dos Estados membros da CPLP, necessariamente, na Cultura, Educação e Economia. Recordo que num estudo elaborado pelo ISCTE, a pedido do Instituto Camões, é referido que o conteúdo linguístico do português, associado aos vários setores da atividade económica em Portugal, gera um valor

GABRIELA CANAVILHAS
05 Maio 2011 — 01:00

f t +

TÓPICOS
Opinião

JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

_Sem publicações

ANO DE 2012**JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

_Sem publicações

JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

Diquinhas úteis 2

📅 Publicado em 04/05/2012 - 00:02 👤 Dad Squarisi 📁 Geral

Ele é todo-poderoso. E ela? É todo-poderosa sim, senhores.

Compartilhe:

Diquinhas úteis 3

📅 Publicado em 04/05/2012 - 00:05 👤 Dad Squarisi 📁 Geral

Ele é pão-duro. E ela? Ela é pão-duro. Eles são pães-duros. Elas também.

Compartilhe:



Perguntas que não querem calar

📅 Publicado em 04/05/2012 - 08:00 👤 Dad Squarisi 🗂 Geral

A LOURA SE FORMOU EM DIREITO, MAS ESTÁ COM 15 DÚVIDAS. ENTÃO, RESOLVEU FORMULAR UMA LISTA PARA A OAB:

01. Qual a capital do estado civil?
02. Dizer que gato preto dá azar é preconceito racial?
03. Com a nova Lei Ambiental, afogar o ganso passou a ser crime?
04. Pessoas de má-fé são as que não acreditam em Deus?
05. Quem é canhoto pode prestar vestibular para direito?
06. Levar a secretária eletrônica para a cama é assédio sexual?
07. Quantos quilos por dia emagrece um casal que optou pelo regime parcial?
08. Tem algum direito a mulher em trabalho de parto sem carteira assinada?
09. A gravidez da prostituta, no exercício de suas funções profissionais, caracteriza acidente de trabalho? (Essa até eu fiquei na dúvida.)
10. Seria patrocínio o assassinato de um patrão?
11. Cabe relaxamento de prisão nos casos de prisão de ventre?
12. A marcha processual tem câmbio manual ou automático?
13. Provocar o Judiciário é xingar o juiz?
14. Se um motel funciona somente das 8 às 18 horas, podemos dizer que ali só ocorrem transações comerciais?
15. Para tiro à queima-roupa é preciso que a vítima esteja vestida?

(Colaboração de Josemar Dantas)

Adeus, Tinoco

📅 Publicado em 04/05/2012 - 10:15 👤 Dad Squarisi 🗂 Geral

Tinoco se foi. Os fãs repetem:

– Adeus, Tinoco.

A vírgula se explica: separa o vocativo. Marginal da oração, o termo nunca se mistura. Vem sempre, sempre mesmo, isolado.

Erramos

📅 Publicado em 04/05/2012 - 17:00 🧑 Dad Squarisi 🗑 Erramos, Geral

"...o projeto foi realizado de acordo com as normas que adaptam o espaço à competições de nível nacional", escrevemos na pág. 30. A crase não foi feita pra humilhar ninguém, mas nos pega pelo pé. *Competições*, nome plural, exige artigo no plural. Fosse antecedido de **às**, receberíamos nota 10. Mas **a** é solitária preposição. Sem artigo, não ocorre crase. Xô, grampinho: ... *o projeto foi realizado de acordo com as normas que adaptam o espaço a competições de nível nacional.*

Compartilhar

O berço da palavra 1

📅 Publicado em 06/05/2012 - 13:00 🧑 Dad Squarisi 🗑 Geral

Barba Azul

Márcio Cotrim

Figura principal do conto infantil escrito por Charles Perrault e publicado em 1687 no livro *Les contes de ma mère l'Oye, Contos da Mamãe Gansa*. Vamos conhecer seu berço.

Rico aristocrata, feíssimo e portador de assustadora barba azul, casou-se seis vezes, mas, estranhamente, todas as esposas sumiram. Barba Azul procurou um vizinho e lhe pediu a mão da filha caçula. A família se apavorou, mas o pretendente convenceu a moça e ambos se casaram.

Tempos depois, Barba Azul viajou. Deixou as chaves do castelo com a esposa, inclusive a de um pequeno quarto de acesso proibido. A esposa comentou o fato com a irmã, e ela a convenceu a entrar no aposento. Ao fazê-lo, descobriu o macabro segredo do marido: o chão todo manchado de sangue e os corpos das ex-esposas pendurados na parede. Apavorada, trancou o quarto, mas não percebeu que o sangue havia sujado a chave.

Quando Barba Azul voltou e descobriu o que sua esposa tinha feito, cego de raiva a ameaçou, mas ela conseguiu trancar-se junto da irmã na torre mais alta do castelo. Quando Barba Azul tentou derrubar a porta, chegaram dois irmãos da esposa e mataram o nobre enlouquecido.

A mulher do Barba Azul herdou a fortuna do marido morto. Com parte do dinheiro, ajudou a irmã a se casar com o amado, outra parte deu aos irmãos e o restante guardou para si até se casar com um cavalheiro que lhe fez esquecer o suplício pelo qual passara.

A história virou telenovela, exibida pela pioneira TV Tupi, dos Diários Associados, entre 1974 e 1975. Escrita por Ivani Ribeiro e dirigida por Henrique Martins, alcançou altos índices de audiência. No elenco, Eva Wilma, Carlos Zara e outros artistas famosos, ao som de tema musical composto por César Camargo Mariano. Vivendo, aprendendo e recordando.

O berço da palavra 2

📅 Publicado em 06/05/2012 - 13:05 👤 Dad Squarisi 🗪 Geral

Turíbulo

Márcio Cotrim

É um pequeno incensário utilizado na liturgia católica, mas o que é incensário? Com a forma de um coração, representa o progresso do ser humano na vida espiritual. Apagado e frio, é trabalhoso acendê-lo. Para isso, é necessário preparar os carvões em seu interior para que o fogo se torne mais intenso, e depois colocar as brasas dentro do turíbulo. Se, mesmo assim, o incensário apagar, o coroinha deve agitá-lo constantemente. Da mesma forma o homem, em sua vida espiritual, deve cuidar de mantê-la bem viva e acesa. Caso contrário, como o turíbulo, ela se apagará.

No incensário se queimam substâncias aromáticas em honra a Deus e aos santos. Nas igrejas tradição nos leva ao século 4 depois de Cristo. O berço da palavra é o latim *tus*, *incenso*, com um sufixo grego derivado de *ballein*, lançar, atirar. O equipamento litúrgico lança incenso no ar e essência aromática como elemento de estímulo olfativo, inspira as orações dos fiéis e lhes revigora a fé. Até hoje, nos templos católicos, tem presença destacada e, quando acionado, desperta profundo fervor. Bendito seja ...

Compartilhe:



O berço da palavra 3

📅 Publicado em 06/05/2012 - 13:10 👤 Dad Squarisi 🗪 Geral

Bigode

Márcio Cotrim

Bigode é o conjunto de pelos faciais humanos entre o nariz e o lábio superior, comumente preservado por alguns homens. As mulheres, em sua grande maioria, optam por raspá-lo. O uso do bigode - e da barba - sempre foi um símbolo que representava nobreza e coragem. Historicamente, é um traço facial que identifica diferentes culturas. Na sociedade ocidental, o bigode tem caído em desuso, em favor de crescente exigência de limpeza visual.

Seu berço é germânico. Segundo hábito muito antigo, os guerreiros, antes de entrar numa batalha, acariciavam o bigode encomendando-se a Deus e dizendo *bi God*, ou seja, "por Deus". Famosos bigodes contemporâneos foram os de Salvador Dalí, de Hitler e de Charles Chaplin como Carlitos.

Entre nós, o de Jânio Quadros, mas a torcida brasileira nunca vai esquecer o zagueiro Bigode, um dos jogadores que levaram o país à amargura coletiva na derrota para o Uruguai em 1950. Em países orientais, sobretudo os que não se contaminaram pela influência ocidental, o apêndice peludo continua tendo seu lugar. No Afeganistão, por exemplo, os barbeiros pouco têm o que fazer.

Leitor pergunta 1

📅 Publicado em 07/05/2012 - 00:00 👤 Dad Squarisi 🗑 Geral, Leitor pergunta

Sou recém-formado em comunicação social, mas estou fora do mercado. Minha meta é estudar para concursos, porém, com renda abaixo do que gostaria, não tenho como pagar cursinhos. O português pra mim sempre foi uma dificuldade. Como vou estudar em casa, qual seria a melhor forma de aprender bem a língua e assim passar em concursos?(Gustavo)

Guarde isto: a dificuldade não é só sua. Todos estão no mesmo barco. A saída: estudar. Qual o ponto de partida? Leia uma gramática de ponta a ponta. Resolva questões de provas (você as encontra na internet). Acesse todos os dias os blogues de língua portuguesa. Há vários. Eles abordam os assuntos em pequenas doses, de forma divertida. Leia bons textos. Editoriais de jornais são boa pedida. Mantenha a disciplina. Estude muito e sempre. Não perca um dia sequer.

Compartilhe:

Leitor pergunta 2

📅 Publicado em 07/05/2012 - 10:00 👤 Dad Squarisi 🗑 Geral, Leitor pergunta

Gostaria que você me explicasse o significado de *o não menos famoso, o não menos rico, o não menos charmoso*. (Antonio Andrade)

"O não menos famoso" quer dizer "o igualmente famoso": *Neymar atraiu a atenção da imprensa e do público. O não menos famoso Loco Abreu foi também assediado por jornalistas e torcedores.*

Compartilhe:



Pai e mãe do verbo

📅 Publicado em 07/05/2012 - 16:00 👤 Dad Squarisi 🗑 Geral

Se eu *vir* Maria? Se eu *ver* Maria? O futuro do subjuntivo pega meio mundo pelo pé. É fácil escapar da cilada. Basta lembrar-se de pormenor pra lá de importante: os tempos têm pai e mãe.

O futuro do subjuntivo nasce do pretérito perfeito do indicativo. Mais precisamente: da 3ª pessoa do plural. Assim:

Pretérito perfeito: *vi, viu, vimos, viram*

Da 3ª pessoa do plural tira-se o *-am* final. Ops! Parece mágica. Surge a 1ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. Depois, é só seguir a conjugação:

Eles *VIR(am)*

se eu *vir*

se ele *vir*

nós *virmos*

eles *virem*

Logo:

Se eu *vir* Maria, darei o recado.

Viva!

Erramos

📅 Publicado em 07/05/2012 - 17:15 👤 Dad Squarisi 🗑 Erramos, Geral

A capa de *Cidades* enumerou as infrações que levam à perda da carteira. São seis. Cinco começam com verbo: *dirigir, conduzir, acumular, participar, transpor*. A última quebrou o paralelismo: "Condutor condenado por delito de trânsito". Que tal pô-la nos eixos? Assim: *Ser condenado por delito de trânsito*.

Os chineses ensinam

📅 Publicado em 07/05/2012 - 17:30 👤 Dad Squarisi 🗑 Geral

"Pense antes de falar. Mas não fale tudo o que pensar."

Criemostilher

Outra lição chinesa

Publicado em 07/05/2012 - 17:41 • Dad Squarisi • Geral

“Dois bons oradores não valem um bom ouvinte.”

Compartilhe:



Casado ou solteiro

Publicado em 07/05/2012 - 17:55 • Dad Squarisi • Geral

Carlos Alberto está se preparando para o vestibular de medicina. Como a disputa é séria, o rapaz faz cursinho e estuda três horas em casa todos os dias. O ponto fraco dele é português. Por isso dedica à matéria atenção especial. Outro dia, estava revisando os pronomes pessoais. Viu escrita a duplina “com nós”. Achou esquisito. Na dúvida, consultou o blogue. Eis a pergunta:

— Com nós existe?

Existe. Quando usá-lo? Eis a questão.

Conosco

Quando o pronome *nós* se encontra com a preposição *com*, não dá outra. É amor à primeira vista. Eles se casam imediatamente. Viram *conosco*: *As crianças saíram conosco. Conosco ninguém pode. Alguém tem coragem de ficar conosco aqui à noite?*

Com nós

O *com nós* só tem vez numa situação: quando estiver acompanhado de palavras reforçadoras. É o caso de *mesmo, todo, próprio*. Quer exemplos? Ei-los:

Os livros ficarão com nós mesmos. Os livros ficarão com nós dois. Queremos estar de bem com nós mesmos. Saiu com nós todos sem reclamar.

Resumo da ópera

Deu pra entender? O *com nós* só aparece acompanhado. Sem companhia, dê passagem ao coladinho. É a vez do *conosco*.

Teste

Qual das frases merece nota mil? a. Fale com nós. b. Fale com nós mesmos. A resposta? É a b, claro.

O peso das palavras

Publicado em 01/05/2012 - 09:00  Dad Squarisi  Geral

Al Martin

Estante e prateleira são sinônimos? Sim e não. A linguagem popular não faz muita diferença, usa um pelo outro. Mas o fundo das coisas é o seguinte: **estante** é um móvel composto de um certo número de **prateleiras**. Portanto, *stricto sensu*, não são sinônimos exatos.

Estada e estadia são sinônimos? À primeira vista, sim. Acontece que cada um desses dois termos se especializou. Quando recebemos uma visita, dizemos que ela veio para uma **estada** de três dias. Se deixamos o automóvel num estacionamento, pagaremos um montante correspondente à duração da **estadia** do veículo. Navios também fazem **estadia** no porto. Convém, portanto, usar **estada** para gente e **estadia** para veículos.

Foi noticiado estes dias que um artista de origem britânica, estabelecido em nossa terra há vários decênios, está lançando um disco com músicas cantadas exclusivamente em inglês. Li em algum lugar que o referido cantor usava o **codinome** Ritchie.

Nome, **codinome**, apelido, alcunha, **cognome**, denominação, epíteto são palavras semelhantes, mas estão longe de ser sinônimos perfeitos. Cada uma delas tem seu valor e seu peso. Para não trocar os pés pelas mãos, convém respeitar essas particularidades.

Nome, **apelido**, **denominação** e **epíteto** são neutras, não trazem embutida nenhuma ofensa. O **apelido** de Roberto é Beto. Já o mesmo não se dá com os outros aparentes sinônimos.

Alcinha e **cognome** são termos com forte carga depreciativa que caem bem na linguagem policial. Tirofijo era a **alcunha** de um dirigente terrorista. Beira-mar é o **cognome** de um conhecido traficante.

Por último, sobrou o estranho **codinome**. Não se pode cobrar de jovens jornalistas o conhecimento profundo de uma realidade que não viveram. Mas vale a pena aprender. Nos anos 1970, pequenos grupos, às vezes armados, se insurgiam contra o poder central. Na tentativa de burlar a repressão, seus membros ocultavam o nome de batismo e adotavam nome(s) de fachada, nome(s) de código. Foi nessa época que o vocábulo **codinome** se popularizou.

Aos remanescentes daqueles indivíduos — alguns dos quais ocupam hoje postos de mando na república — não agrada que se tragam à tona símbolos que marcaram fortemente aqueles tempos duros. Um desses símbolos é justamente a palavra **codinome**.


Melhor evitar esse termo. Aplicá-lo, então, a um artista atual pega mal pra caramba. Ele certamente não merece.

Outra colaboração

Publicado em 01/05/2012 - 10:00  Dad Squarisi  Geral

João Manoel Moreira Aparecida escreve: "A ordem dos fatores altera o produto, sim, senhor. No Correio de 29 de abril, está escrito: "Pedro, que é filho do também cantor Leonardo, segundo boletim médico divulgado ontem, continua na UTI". O que o texto dá a entender é que foi o boletim médico que atestou a filiação de Pedro com Leonardo. Altere-se a ordem das orações e veja-se a clareza do recado: "Segundo boletim médico divulgado ontem, Pedro, que é filho do também cantor Leonardo, continua na UTI". Melhor, não?"

Por falar em concordância...


Publicado em 01/05/2012 - 10:29  Dad Squarisi  Geral

Lembra-se? O verbo fazer joga em dois times. Num, é pessoal. Flexiona-se em todas as pessoas (faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem). Noutra, é impessoal. Sem sujeito, só se flexiona na 3ª pessoa do singular. Essa equipe entra em campo na contagem de tempo ou indicação de fenômenos da natureza: *Faz dois anos que trabalho aqui. Ontem fez 2 graus em São Joaquim.*

Compartilhe:



Que friiiiiiiiiiiiiio

Publicado em 01/05/2012 - 10:30  Dad Squarisi  Geral

A Região Sul está congelada. Em São Joaquim, lá em Santa Catarina, a temperatura quase encostou no zero. O frio virou notícia, claro. Repórteres, batendo o queixo, não pisaram só a neve. Pisaram a língua. "A temperatura chegou a 0,2 graus", disse um deles. Bobeou. O nome concorda com o número que vem antes da vírgula. Assim: *A temperatura chegou a 0,2 grau.*



Compartilhe:

Erramos

Publicado em 01/05/2012 - 11:30  Dad Squarisi  Erramos, Geral

"Entre 15h e 16h, 231.605 pessoas enviaram as decçarações pelo site", escrevemos na capa. Cadê o artigo? A indicação de horas vem obrigatoriamente acompanhada do pequenino. Assim: *Entre **as** 15h e **as** 16h, 231.605 pessoas enviaram as declarações pelo site.*

Nomes com pedigree

Publicado em 01/05/2012 - 15:00  Dad Squarisi  Geral

Dia do Trabalhador é nome próprio. Escreve-se com as iniciais maiúsculas. Outras datas comemorativas seguem a regra: Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, Dia da Árvore, Dia dos Namorados.

Compartilhe:

Mais do mesmo

📅 Publicado em 01/05/2012 - 17:00 👤 Dad Squarisi 🗉 Geral

“Luta do trabalhador ainda continua”, disse o repórter. Baita pleonasma. O CONTINUA dispensa o AINDA. Melhor: Luta do trabalhador continua.

Leitor pergunta

📅 Publicado em 02/05/2012 - 00:00 👤 Dad Squarisi 🗉 Geral, Leitor pergunta

Entrega em domicílio ou a domicílio? Como devo grafar a palavra reestruturação, com hífen ou sem hífen? O novo acordo diz que, se a letra final do prefixo e a inicial do segundo elemento forem iguais, devemos usar o hífen. Mas essa palavra sempre é escrita sem o hífen. E daí? (Dávia Regina)

Dávia, você entrega em casa, em hospitais, em escolas, em lojas. Domicílio não foge à regra. Entregue em domicílio sim, senhora.

O hífen é castigo da Deus. A reforma manda separar letras iguais (anti-imperialismo, super-região, contra-ataque). Mas há exceções. Co- e re- têm alergia ao tracinho. Com eles é tudo colado: coordenação, cooperar, reeleição, reestruturação.

Veja só

📅 Publicado em 02/05/2012 - 08:30 👤 Dad Squarisi 🗉 Geral

No Japão, a única pessoa que não precisa se curvar diante do imperador é o professor. Segundo os japoneses, numa terra em que não há professores não pode haver imperadores.

Não é bem assim

📅 Publicado em 02/05/2012 - 12:00 👤 Dad Squarisi 🗉 Geral

A propósito do post anterior, japonesa da gema explica:

Várias pessoas já me perguntaram se isso é verdade. Para esclarecer a questão, é preciso entender o que significa "não precisar se curvar".

Nenhum professor deixará de se curvar diante do imperador. Nenhum. Isso é ponto pacífico. Se porventura algum professor ousasse não se curvar, todos os presentes, incluindo os professores, se sentiriam envergonhados.

No caso presente, o "não precisar se curvar" significa que, quando um professor se inclina diante do imperador, este último amenizará o ato de humildade do professor. Para fazê-lo, curvar-se-á ele próprio em respeito ao lente. É claro que não será aquele curvar-se de um súdito, mas um movimento perceptível. Vindo de parte do imperador, esse gesto é considerado honra extrema.

Erramos

📅 Publicado em 02/05/2012 - 17:00 👤 Dad Squarisi 🗉 Erramos, Geral

"O agrônomo Marcelo Okayama colhe 2 mil dúzias de copos de leite por semana em Planaltina", escrevemos na capa. Ops! Olha a confusão. A reforma ortográfica cassou o hífen de palavras compostas por três vocábulos ou mais ligados por preposição, conjunção, pronome. É o caso de pé de moleque, tomara que caia, mão de obra. Mas manteve o tracinho nos nomes que designam seres dos reinos animal e vegetal. *João-de-barro*, *cana-de-açúcar*, *pimenta-do-reino* servem de exemplo. E *copo-de-leite*, claro.

Castigo

Publicado em 03/05/2012 - 08:00  Dad Squarisi  Geral

Al Martin

Manchete pescada na edição eletrônica de um grande quotidiano desta quinta-feira: «Câmara aprova punição para quem solicitar cheque-caução em hospital».

Esquisito, não? É daquele tipo de frase inteligível somente para iniciados. Deixa a impressão de que a lei visa a proteger infelizes pacientes contra o esbulho provocado pela ganância de funcionários hospitalares.

Não é a lei que se engana de culpado: é o jornalista quem troca os pés pelas mãos. Teria ficado melhor assim:

Câmara aprova punição para hospitais que solicitarem cheque-caução.

Virando anedota

Publicado em 03/05/2012 - 12:25  Dad Squarisi  Geral

LF.Veríssimo

A oposição entre corpo e alma não existia em tempos bíblicos, ou pelo menos na linguagem bíblica. Mas a versão em latim antigo das Escrituras que Santo Agostinho lia usava "anima" para traduzir "nefesh", que em hebraico não quer dizer alma mas algo como sopro vital, ser, uma forma exaltada do "eu". E foi nesse engano que tudo começou. A alma e o corpo se separaram e nunca mais se encontraram. E nunca mais se pode ler o Velho Testamento a não ser como Agostinho o lia, não como um relato da aventura do corpo humano no mundo como Deus o fez, cheio de som, fúria, sangue e sacanagem, mas como uma alegoria espiritual, em que até os cantares eróticos de Salomão queriam dizer outra coisa: a luta da alma para transcender o corpo, que para Agostinho significava a sexualidade. Tudo culpa de um mau tradutor.

Freud tentou, de certa maneira, retransformar "anima" em "nefesh", mas como muito do que ele escreveu em alemão também foi mal traduzido em outras línguas, a confusão só aumentou. No fim a grande danação sob a qual vive a humanidade não é a da História nem da carne, é a insanável danação de Babel. Deus disse "que haja muitas línguas, e que cada língua tenha muitos dialetos". E depois, para ter certeza que os homens nunca mais se entenderiam, completou: "E que haja tradutores".

Um estudo, mesmo superficial como o meu, da etimologia e das transformações que as palavras sofrem através do tempo e das más traduções revela coisas fascinantes. "Escândalo" – uma palavra que nos diz muito respeito – está indiretamente ligado, na sua origem, aos pés. Sua raiz indo-europeia é "skand", pular ou subir, de onde também vem escalada. Quem pula ou sobe precisa cuidar onde põe os pés e o grego "skandalon" significa um obstáculo ou uma armadilha. "Scandalum" em latim tanto pode significar tentação como armadilha. No francês antigo "scandal" era um comportamento anti-religioso que agredia a Igreja toda-poderosa e, da mesma origem, existia a palavra "sclandre", de onde vem o inglês "slander", ou difamação.

Alguns escândalos não investigados, como acontece muito no Brasil, acabam virando anedotas. "Anedota" vem, através do francês "anecdote", do grego "anekdotos", história não publicada, presumivelmente tanto no sentido de inédita quanto no sentido de versão não oficial, secreta, clandestina, enfim, tipo "em Brasília não se fala em outra coisa". Em francês queria dizer pequeno relato ilustrativo à margem de um relato maior. No seu sentido brasileiro continua sendo uma história marginal, só que engraçada, ou se esforçando para ser. Sobrevive, na anedota, a tradição homérica da literatura oral, passada de geração a geração sem necessidade de escrita. Se for escrita, deixa de ser anedota.

Muitos contadores anotam o fim da anedota para não esquecer-lá, mas se sentiriam heréticos se a escrevessem toda. E assim correm o risco de esquecerem o resto e ficarem com uma coleção de últimas frases sem sentido.

(Publicado no jornal Zero Hora de 23.4.12)

Diquinhas úteis 1

📅 Publicado em 03/05/2012 - 14:00 👤 Dad Squarisi 🗑️ Geral

O lugar do *i* e do *u*

Caju, Xingu, Aracaju, urubus são oxítonas terminadas em u. Aqui, ali, abacaxis, Piratini, parti, aboli são oxítonas terminadas em i. Conclusão: as oxítonas terminadas em *i* e *u* têm alergia ao acento. Nunca, nunca mesmo, toleram grampos ou chapéus. **Um lá, outro cá**

O *au* de *berimbau*, *saudade* e *caução* forma ditongo. Pronuncia-se em uma só emissão de voz. Não é ditongo? O acento pede passagem. Ele diz que uma letra fica lá e outra cá. Assim: baú, saúde, ataúde.

O *ai* de *pais*, *caí*, *sai* e *gaita* joga no time de berimbau, saudade e caução. Forma ditongo. Como quebrá-lo? Vem, agudão: *pais*, *caí*, *sai*, *saída*.

Erramos

📅 Publicado em 03/05/2012 - 15:30 👤 Dad Squarisi 🗑️ Erramos, Geral

"Há dois anos, rapaz de 29 mantinha relações sexuais com menina, de 13. Ele poderá ser condenado a 15 de reclusão", escrevemos na pág. 29. Reparou na falta de clareza? Para não repetir *anos*, prejudicamos o entendimento do texto. Que tal partir pra outra? *Em 2010, rapaz de 29 anos iniciou relações sexuais com menina de 13. Ele poderá ser condenado a 15 anos de reclusão.*

Compartilhe:

Louis Nizer ensinou

📅 Publicado em 04/05/2012 - 00:00 👤 Dad Squarisi 🗑️ Geral

"Uma zombaria cortês vale por mil insultos."

ANO DE 2013

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS

_Sem publicações

JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

Duas perguntas

📅 Publicado em 03/05/2013 - 10:00 👤 Dad Squarisi 🗉 Geral

Tenho duas dúvidas. Pode me ajudar?

1. Bem vindo, bem-vindo, benvindo. Qual o certo?
2. "Dez por cento das vagas no concurso são reservadas – a, à, às, as – pessoas com deficiência". Qual o correto? (Janete Maia)

Como ensina o esquetejador, vamos por partes:

Bem-vindo se escreve assim, separadinho da silva. *Benvindo* é nome de pessoa: *Bem-vindo a Brasília, Benvindo. Benvindo, seja bem-vindo à cidade. Você, Benvindo, é pra lá de bem-vindo à capital do Brasil.*

Com o acentinho indicador da crase? Sem o acentinho? Vamos ao tira-teima. Basta substituir a palavra feminina por uma masculina. Não precisa ser sinônima. Mas precisa manter o número — singular ou plural. Se no troca-troca aparecer **ao (aos)**, é sinal de crase: *Dez por cento das vagas no concurso são reservadas aos estudantes com deficiência.* Logo: *Dez por cento das vagas no concurso são reservadas às pessoas com deficiência.*

Compartilhe

Erramos

📅 Publicado em 03/05/2013 - 16:00 👤 Dad Squarisi 🗉 Erramos, Geral

"Todos os 25 réus da Ação Penal 470 apresentam recursos ao STF e aguardam a análise dos ministros", escrevemos na pág. 2. Reparou? O pronome indefinido sobra. O artigo informa que são todos os réus. Melhor tirar o pneuzinho inimigo da boa forma. Assim: *Os 25 réus da Ação Penal 470 apresentam recursos ao STF e aguardam a análise dos ministros.*

Vida inteligente

📅 Publicado em 06/05/2013 - 11:00 👤 Dad Squarisi 🗉 Geral

Oba! Há vida inteligente neste país continental. Lya Luft serve de prova. Em artigo na Veja, escreve na pág. 24: "Eram três mulheres de uns 50 anos, simples, robustas, cansadas e suadas, esperando ônibus havia mais de uma hora". Reparou no emprego do havia? Na contagem de tempo, o verbo haver tem duas manhas:

1. impessoal, só se conjuga na 3ª pessoa do singular: Moro aqui há 10 anos. Há duas semanas não vai ao cinema. Chegamos há pouco.
 2. exige respeito à correlação verbal — presente com presente, passado com passado. Compare a diferença: São três mulheres de uns 50 anos, simples, robustas, cansadas e suadas, esperando ônibus há mais de uma hora. Eram três mulheres de uns 50 anos, simples, robustas, cansadas e suadas, esperando ônibus havia mais de uma hora.
- É isso: lé com lé, cré com cré — cada chinelo no seu pé.

Erramos

Publicado em 06/05/2013 - 16:00  Dad Squarisi  Erramos, Geral

“Quem está no banco traseiro sem cinto será jogado para frente, a 6km/h, contra o encosto do banco dianteiro”, escrevemos na pág. 17. Cadê o artigo? Joga-se “para a frente”. Na dúvida sobre a presença do artigo, basta substituir o nome feminino por um masculino. O pequenino fica claro como a luz do sol: ...será jogado para o lado.

Propriedade vocabular

Publicado em 07/05/2013 - 10:00  Dad Squarisi  Geral

“Sai da frente, que atrás vêm rodas”, dizem motoristas sem juízo. Eles transformaram o volante em arma. Enchem a cara de álcool ou droga e pisam o acelerador. Resultado: de cada 100 mortos no país, 25 perderam a vida em batidas e atropelamentos. Muitos pedem penas mais duras para os irresponsáveis. Pedem passagem, então, dois tipos de crime — o doloso e o culposo.

O doloso ocorre quando a pessoa resolve praticar ato violento ou assume o risco de produzi-lo. Valem exemplos dos dois casos. No primeiro, alguém discute com outro alguém. No auge do bate-boca, dispara tiro de revólver contra o interlocutor. Quer matá-lo. No segundo, alguém dispara um tiro em meio à multidão para comemorar a vitória do time. Atinge um adulto ou uma criança. Ele não queria agredir ninguém. Mas sabia que um disparo em meio à multidão poderia ferir ou matar.

O culposo ocupa outro patamar. É fruto da imprudência, imperícia ou negligência. Exemplos pululam a torto e a direito. Um: o médico vai operar uma pessoa que tem um tumor no rim esquerdo. Mas opera o direito. Ele não examinou o enfermo. Foi negligente. Outro: o cirurgião plástico deixa o pobre cliente com a boca torta, o nariz descentrado e os olhos fechadinhos. É imperícia. Em bom português: barbearagem.

Copyright © 2013

Raymond Queneau concluiu

Publicado em 07/05/2013 - 13:00  Dad Squarisi  Geral

“A ortografia é mais que um mau hábito. É uma vaidade.”

Chove chuva

Publicado em 07/05/2013 - 14:00  Dad Squarisi  Geral

Oba! Choveu Que bom! Choveu em Brasília. Foram quatro meses de seca, A umidade relativa do ar rivalizava com a do deserto. Beirava os 10%. Ufa! Explica-se, assim, por que chover é o verbo mais conjugado nas redondezas. Quem suplica pela generosidade dos céus conhece as manhas do dissílabo. Não é pouco. O danado é cheio de artes. Você as conhece? Antes de responder, faça o teste. Marque a opção nota mil. Ao indicar fenômeno da natureza, chover é: a. pessoal b. impessoal **E daí?** Escolheu a letra **b**? Acertou em cheio. Ao se referir à água que cai do céu, banha as árvores, alivia a sede da grama e umedece o ar, chover é impessoal. Sem sujeito, só se conjuga na 3ª pessoa do singular: *chove, choveu, choverá, choveria*. **Contágio** Como os irmãozinhos *haver* e *fazer*, a impessoalidade do chover é contagiosa. Contamina os auxiliares. Eles também só dão vez à 3ª pessoa do singular: *Vai chover logo, logo em todo o Brasil. Deve chover nos próximos dias nas regiões secas. Poderá chover no sertão antes do fim de outubro?* **Olho vivo** Não generalize. Chover é impessoal quando indica fenômeno da natureza. Se o dissílabo aparece em outros contextos, entra no time dos vira-latas. Conjuga-se em todas as pessoas, tempos e modos: *Chove gente nos shows de Maria Bethania. Chovem fãs nos shows de Maria Bethania.* Moleza? Pode ser. Mas há gente que boboia. Mistura alhos com bugalhos. Jogam no time dos confusos as pessoas que escrevem: a. Vai chover elogios. b. Vão chover elogios. Chover, aí, não indica fenômeno da natureza. Pessoal, tem sujeito e deve concordar com ele sem tossir nem mugir: *Vão chover elogios (elogios vão chover).* Entendeu? Que chovam palmas pra você. **Mãos à obra** Está do jeitinho que o professor gosta a opção: a. Chovem críticas sobre o comportamento dos senadores. b. Chove críticas sobre o comportamento dos senadores. *** A resposta? Na próxima coluna. Até lá. *** Na semana passada, você marcou a frase que merece banda de música e tapete vermelho. É ela: a. Faz duas horas que cheguei aqui. b. Fazem duas horas que cheguei aqui. Escolheu a letra a? Acertou. Vá em frente.

Erramos

Publicado em 07/05/2013 - 15:30  Dad Squarisi  Erramos, Geral

“Com diversas exposições realizadas e livros publicados, sendo co-autor de seis livros com Luis Fernando Veríssimo, o autor comemora a boa fase”, escrevemos na pág. 7 de *Diversões&arte*. Ops! Esquecemos pormenor pra lá de importante. O prefixo co- tem alergia ao hífen. Com ele é tudo colado: *coautor, corresponsável, coordenação*.

Compartilhe

Viva a Vivo

Publicado em 05/05/2013 - 00:00 Dad Squarisi Geral

Oba! A Vivo prova que há vida inteligente na publicidade. Em anúncio publicado em jornais de norte e sul do país, a operadora apregoa: "Por que ter um 4G? 4G é internet até 10x mais rápida para você ter a melhor experiência de conexão. Você pode assistir a vídeos em alta definição sem interrupções, jogar on-line e ainda baixar músicas e arquivos com muito mais velocidade". O texto estende tapete vermelho para a norma culta. Por quê?

A pergunta

"Por que ter um 4G?" Nota 10 para a questão. Em perguntas diretas, o pronome aparece separadinho — um pedaço lá e outro cá. Na resposta, as duas partes ficam coladas como unha e carne: *Por que ter um 4G? Porque 4G é internet até 10x mais rápida.*

Internet

Houve tempo em que se tratava internet com nobreza. Escrevia-se a palavra com inicial maiúscula. Agora a rede de computadores entrou no time de rádio, jornal e televisão. Grafia-se com letra pequenina — perfeita vira-lata.

Assistir

Parece brincadeira. Mas não é. Assistir aparece no texto com a regência aplaudida pela norma culta: "Você pode assistir a vídeos em alta definição". Viva! No sentido de *presenciar*, o verbo pede a preposição *a*. Na acepção de *prestar assistência*, é direto — dispensa intermediários: *Prefiro assistir a filmes de arte. Assistimos a todas as aulas antes das provas. O governo assiste os flagelados da seca. Os bombeiros assistem as pessoas acidentadas nas estradas.*

On-line

As línguas adoram bater papo. Um influenciam as outras. Quanto maior o contato, maior o contágio. No século 19, o português sofreu grande assédio do francês. Assimilou várias palavras do idioma de Victor Hugo. Entre eles, abajur, garagem, bufê. No 20, o inglês chegou com força total. Falado pela potência planetária, que vende como ninguém sua música, seu cinema e sua tecnologia, impôs-se como língua internacional. O português incorporou vocábulos pra dar e vender.

On-line é um deles. Alguns o grafam colado. Outros, separado. Não falta quem o brinde com o hífen. E daí? Qual é a da inglesinha? O Vocabulário ortográfico da língua portuguesa (Volp) traz relação de palavras estrangeiras mais usadas no dia a dia tupiniquim. Ali está on-line — assim, com hífen.

Trabalhadeiras e boas-vidas

Publicado em 01/05/2013 - 11:00  Dad Squarisi  Geral

A língua imita a vida. No mundo das palavras ou no mundo dos homens, existem dois grupos de criaturas. Um trabalha. Cumpre horário, dá duro, concretiza as tarefas. O outro fica no bem-bom. Cultiva o faz de conta. Anda, telefona, toma cafezinho, espera o tempo passar. Em suma: o primeiro faz agora o que pode fazer depois. O segundo deixa pra amanhã o que pode fazer hoje. Se puder, pra depois de amanhã. Se der no jeito, deixa pra lá.

Vocábulo agem do mesmo jeitinho. Há os que se viram. Flexionam-se pra facilitar a vida do falante. Também há os que não estão nem aí. Deixam a bomba na mão de auxiliares ou do receptor — quem lê e quem escuta. Lidar com eles remete a velho provérbio popular: "Pra vencer o diabo, recorra a todos os demônios". Vamos lá?

Não estou nem aí

A maior parte dos substantivos dá duro. *Garoto* serve de exemplo. Varia o gênero (garota), o número (garotos), o grau (garotinho). Mas há os que não estão nem aí. *Ônibus*, *lápiz*, *bônus* mantêm-se invariáveis. Masculino, feminino, singular e plural — com eles é tudo igual.

Turma do sem

Ganhar o pão com o suor do trabalho? Valha-nos, Deus. Melhor dar asas às pernas. Como? Criativa, a língua oferece saídas. Uma delas: aliar-se ao monossílabo *sem*. Com ele é *sem-sem-sem-sem* — *sem* masculino, *sem* feminino, *sem* singular, *sem* plural. Assim: *o sem-terra, a sem-terra, os sem-terra, as sem-terra; o sem-emprego, a sem-emprego, os sem-emprego, as sem-emprego; o sem-teto, a sem-teto, os sem-teto, as sem-teto*.

Compartilhe:

Trabalhadeiras e boas-vidas 2

Publicado em 01/05/2013 - 11:05  Dad Squarisi  Geral

Há cores malandras de nascença. Desde que vieram ao mundo, negam-se a mover uma palha. É o caso da turma do azul. Os casaizinhos *azul-marinho*, *azul-celeste* e *azul-ferrete* se fazem de mortos. Em qualquer circunstância, conservam a forma. Assim: *blusa azul-celeste, blusas azul-celeste, tecido azul-celeste, tecidos azul-celeste; vestido azul-ferrete, vestidos azul-ferrete, bolsa azul-ferrete, bolsas azul-ferrete; sapato azul-marinho, sapatos azul-marinho, saia azul-marinho, saias azul-marinho*.

Trabalhadeiras e boas-vidas 3

📅 Publicado em 01/05/2013 - 11:20 👤 Dad Squarisi 🗉 Geral

“Inveja mata”, dizem os psicólogos. Com razão. Pra não dar chance ao azar, impõe-se prevenir. É o que fizeram certas cores. Loucas pra deitar na sombra e banhar-se na água fresca, as sabidonas lançaram mão de brincadeira pra lá de conhecida. Trata-se do esconde-esconde. Elas ocultam um pedacinho de si. Mas ele não some. Conta como se estivesse expresso.

Quem é? Quem é? Acertou. É o trio *da cor de*. Ele se faz de morto. Mas está vivo da silva. Observe a artimanha: *vestido (da cor da) rosa, vestidos (da cor da) rosa; calça (da cor da) laranja, calças (da cor da) laranja; terno (da cor da) cinza, ternos (da cor da) cinza; sapato (da cor da) cereja, sapatos (da cor da) cereja*.

Superdica *Cor-de-rosa* se escreve com hífen. *Cor de laranja* dispensa o tracinho. Por quê? Trata-se de arte da reforma ortográfica. A lei cassou o hífen dos compostos de três ou mais palavras ligadas por preposição, conjunção, pronome. Daí por que pé de moleque, tomara que caia, mão de obra, bicho de sete cabeças ficam assim – soltas, sem lenço nem documento.

Exceção? Há duas:

1. compostos que pertencem ao reino animal ou vegetal escaparam da tesourada: *joão-de-barro, cana-de-açúcar, castanha-do-pará, castanha-do-brasil, bicho-de-pé*.
2. palavras referidas como exceção no texto da lei: *cor-de-rosa, água-de-colônia, pé-de-meia* (poupança).

Erramos

📅 Publicado em 01/05/2013 - 16:00 👤 Dad Squarisi 🗉 Erramos, Geral

“Na quarta-feira, estava pronto o mandado de prisão do autor, cuja identidade havia sido revelada à imprensa e as equipes começaram as buscas”, escrevemos na pág. 24. Cadê a vírgula? O sinalzinho abriu a oração explicativa, mas não a fechou. A frase virou o samba do texto doido. Melhor devolver-lhe o juízo: *Na quarta-feira, estava pronto o mandado de prisão do autor, cuja identidade havia sido revelada à imprensa, e as equipes começaram as buscas.*

Compartilhe:

Leitor pergunta

📅 Publicado em 02/05/2013 - 00:00 👤 Dad Squarisi 🗃 Geral, Leitor pergunta

Leitor pergunta Sabe-se que o "você", pessoa com quem se fala, exige o verbo na 3ª pessoa. Por que razão? O verbo deveria ser flexionado na 2ª. Como fica a cabeça do aprendiz? **Simão Guimarães, Brasília** A língua, Simão, tem mistérios que o próprio falante desconhece. Um deles é o você. Ele pertence à equipe dos pronomes de tratamento como Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Senhoria. Quando nasceram, eles tinham uma função — evitar que a criatura falasse diretamente com o rei. Quando o súdito dizia Vossa Majestade, não se dirigia ao rei. Dirigia-se à majestade do rei. O mesmo ocorre com os irmãozinhos. Entre os quais, você. Quando veio ao mundo, o dissílabo tinha duas palavras — Vossa Mercê (graça, favor). Assim, embora pertença à segunda pessoa (o ser com quem se fala), exige o verbo na 3ª porque se refere à mercê do ouvinte ou leitor.

Compartilhe

Deixei pra amanhã. E agora?

📅 Publicado em 02/05/2013 - 11:00 👤 Dad Squarisi 🗃 Geral

Brasileiro tem uma marca. Deixa pra amanhã o que pode fazer hoje. Há quem deixe pra depois de amanhã. Com o Imposto de Renda não é diferente. Os dias voam. A declaração vai sendo empurrada com a barriga. Aí, não dá outra. Chega o fatídico 30 de abril. É véspera de 1º de maio. Muitos aproveitam o feriado pra viajar, receber amigos ou beber um chopinho com a turma do bar.

Passada a farra, ops! E agora? A Receita, que não nasceu ontem, fez os cálculos de multas & cia. faminta. Não é pouco. Corra, porque a coisa piora sem compaixão. Enquanto você azeita as canelas, lembre-se de diquinha pra lá de útil. Ei-la: quem perde o prazo entra no time do s — de atrasado. Filho de trás, atrasado faz companhia aos familiares atrás, detrás, traseiro, atraso, atrasar e demais retardatários.

Compartilhe

Curiosidades pra dar e vender

📅 Publicado em 02/05/2013 - 11:30 👤 Dad Squarisi 🗃 Geral

O atentado de Boston provocou algo mais do que pânico. Gerou curiosidades. Uma delas: como se chama a pessoa nascida no Cazaquistão? É cazaque sim, senhores.

Compartilhe

Cochilos da revisão

Publicado em 02/05/2013 - 13:00 Dad Squarisi Geral

Flatônio José da Silva

No título "O 'fico' de Serra", saiu o seguinte:

1. "Espera-se no partido que hoje, na convenção da seção paulista, o ex-governador e ex-ministro José Serra deixe claro que não sairá do PSDB para se filiar ao **Mobilização Democrática** nascido da fusão do PPS-PMN".

Corrigindo: ... para se filiar ao **Mobilização Democrática**, nascido da fusão do PPS-PMN.

Explicação - A vírgula é obrigatória porque "Mobilização Democrática" é substantivo próprio (final, existe apenas um partido político com esse nome). A frase que se segue ("nascido da fusão do PPS-PMN") tem, pois, caráter explicativo, não restritivo.

2. "Certamente **contribuíram** também para o esperado 'fico' de Serra o fato de nenhum de seus mais leais seguidores tucanos **estarem dispostos** acompanhá-lo numa eventual migração para o MB".

Corrigindo: Certamente **contribuiu** também para o esperado "fico" de Serra o fato de nenhum de seus mais leais seguidores tucanos **estar disposto a** acompanhá-lo numa eventual migração para o MB.

Explicação - (a) Sujeito no singular (o fato) exige verbo igualmente no singular (contribuiu); (b) Seguido de pronome ou substantivo plural, **nenhum** (a) exige o verbo no singular: Nenhum de nós chegou lá. / Nenhuma das feras nos atacou. / Nenhum deles é inocente. / Nenhuma de vocês assistiu ao festival?; (c) O adjetivo "disposto" rege a preposição "a".

Erramos

Publicado em 02/05/2013 - 16:00 Dad Squarisi Erramos, Geral

"A Medida Provisória sobre a destinação dos recursos perde a validade em 16 de maio", escrevemos na pág. 2. Letras maiúsculas pra quê? Texto legal só pede grandonas em duas ocasiões. Uma: quando acompanhado de número. A outra: quando recebe nome. No mais, é tudo pequenino. Veja exemplos: *Lei 5.312, Medida Provisória nº 134, Lei das Falências, Medida Provisória das Mensalidades Escolares. A medida provisória sobre a destinação dos recursos perde a validade em 16 de maio.*

Compartilhe:



ANO DE 2014

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS

_Sem publicações

JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

Erramos

📅 Publicado em 01/05/2014 - 17:00 👤 Dad Squarisi 📁 Erramos, Geral

“Raposa vence o Cerro Portenõ por 2 x 0, em Assunção, e avança para as quartas de final. O atual campeão brasileiro terá pela frente o San Lorenzo”, escrevemos na pág. 3 do *Superesportes*. Reparou nos excessos? Deperdiçamos vírgulas e adjetivo. Melhor economizar. Assim: *Raposa vence o Cerro Portenõ por 2 x 0 em Assunção e avança para as quartas de final. O campeão brasileiro terá pela frente o San Lorenzo.*

Compartilhe:



Sobre o Erramos de ontem

📅 Publicado em 02/05/2014 - 00:00 👤 Dad Squarisi 📁 Erramos, Geral

Tenho observação sobre o Erramos de ontem. Para simplificar o texto, não seria melhor substituir 'terá pela frente' por 'enfrentará'?

Assim: *Raposa vence o Cerro Portenõ por 2 x 0 em Assunção e avança para as quartas de final. O campeão brasileiro **terá pela frente** o San Lorenzo.*

Roberto Barreto
Ipatinga-MG

Compartilhe:

Olho no estômago, gente

Publicado em 02/05/2014 - 00:03  Dad Squarisi  Geral

Roberto Barreto, da mineira Ipatinga, navegava na internet. Interessou-se por notícia do G1.com. Ei-la: “Pizza Brazuca, criada por Grazia Frascini, é eleita a melhor do mundo em campeonato na Itália. A receita leva berinjela marinada, tomate seco, mussarela de búfala e rúcula orgânica, além de um toque especial com azeite de oliva apimentado, preparado por ela mesmo”.

Adeus, apetite! Adeus, gula! Pizza preparada com “mussarela”? Dá indigestão. Nenhum dicionário abona a grafia com ss. O queijo que acompanha a delícia italiana tem duas grafias. Uma: muçarela — com ç sim, senhor. A outra: mozzarella. Ambas corretas. Ambas gostosas. Qual a preferível? A que está na boca do povo. É muçarela.

“Preparado por ela mesmo”? Nãooooooooooooo! Mesmo, quando reforça nome ou pronome, concorda com o o termo a que se refere: *O molho é preparado por ela mesma. O molho é preparado por elas mesmas. O molho é preparado por ele mesmo. O molho é preparado por eles mesmos. Nós mesmos (mesmas) comentamos o fato. O pai mesmo fez o trabalho.*

Erramos

Publicado em 02/05/2014 - 15:00  Dad Squarisi  Erramos, Geral

“Integrante do MPT, o procurador Paulo Douglas de Moraes informa que vai representar formalmente a Câmara dos Deputados”, escrevemos na pág. 3. Representar a Câmara? Não. Sem poder para tanto, ele vai enviar representação para a Câmara.

Diquinhas infantis 17

Publicado em 03/05/2014 - 00:00 Dad Squarisi Diquinhas, Geral

A 4ª viagem de Simbad, o marujo

O navio de Simbad se aproxima de terra firme. De repente, começa a afundar. Todos nadam em direção a uma ilha. Quando chegam, ops! Que medão! Canibais nus dão a eles uma erva mágica. Loucos de fome, eles comem. Sabe o que acontece? Eles enlouquecem. Só Simbad escapa porque banca o esperto. Faz de conta que mastiga a planta. Mas não mastiga. Joga a droga fora.

E vai pra outra ilha. Lá, conhece o poderoso rei local. O soberano gosta do marinheiro. Oferece a ele uma linda e rica mulher. Eles se casam. Pouco depois, a moça morre. Aí Simbad descobre um costume assustador. Quando um cônjuge morre, o outro é jogado vivo em uma enorme caverna subterrânea. Leva junto roupas lindas, joias, água e comida para sete dias. Já imaginou?

No sétimo dia, quando não tinha mais nada pra comer, uma viúva é atirada na caverna. Simbad a mata e rouba as joias e a comida. Repete a façanha com muitos outros. Mas não consegue escapar. Um dia, aparece um animal pra lá de esquisito. Simbad o segue. Oba! Encontra a saída. Lá fora, vê um navio que passa. Embarca e parte pra outra aventura. Qual será?

A diferença

Leia as duplinhas em voz alta: o cônjuge, a cônjuge o estudante, a estudante o jovem, a jovem o profissional, a profissional o doente, a doente

Reparou na diferença? Então diga pra nós como sabemos se a palavra é masculina ou feminina:

.....

Escolha a resposta nota 10:

Sete dias depois é o mesmo que: a. uns dias depois b. uma semana depois c. um mês depois d. uma década depois

Caçada

Viúvo tem acento pela mesma razão que outra palavra do

texto. Qual é ela?

É só escolher

Publicado em 06/05/2014 - 00:00 Dad Squarisi Geral

Recife? O Recife? Tanto faz. Os pernambucanos fazem questão do artigo. Os demais brasileiros dispensam-no. Resultado: é acertar ou acertar.

Compartilhe:



Leitor pergunta 1

Publicado em 06/05/2014 - 13:00 Dad Squarisi Geral, Leitor pergunta

Na prova da Secult-DF, havia uma questão sobre a espinhosa crase. A questão 2 de português afirma que em "à época" o uso do acento é obrigatório. Não será facultativo?
(Daniel Lacerda)

Trata-se, Daniel, de locução adverbial formada por palavra feminina. Joga no time de *à noite*, *à tarde*, *à meia-noite*, *às 14h*. O grampinho é obrigatório.

Leitor pergunta 2

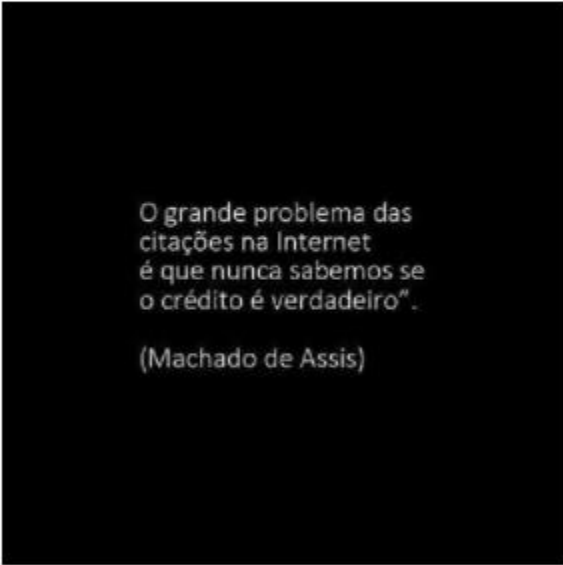
📅 Publicado em 06/05/2014 - 14:00 👤 Dad Squarisi 🗃 Geral, Leitor pergunta

Tenho uma dúvida quanto à flexão do verbo haver. Há de existir dias melhores? Hão de existir dias melhores? Sei que, em locução verbal, o verbo principal é o segundo e se mantém no infinitivo. O auxiliar se flexiona concordando com o sujeito. Existe sujeito nessa frase? (Fernando Cavalcanti)

No seu exemplo, haver é verbo auxiliar. Flexiona-se em todas as pessoas (hei de estudar, há de estudar, havemos de estudar, hão de estudar). Basta mudar a ordem para descobrir o sujeito. Veja: *Dias melhores hão de existir. Hão de existir dias melhores.*

Veracidade das citações

📅 Publicado em 06/05/2014 - 16:02 👤 Dad Squarisi 🗃 Geral



O grande problema das citações na Internet é que nunca sabemos se o crédito é verdadeiro”.

(Machado de Assis)

(Colaboração de Roldão Simas Filho)

Erramos

📅 Publicado em 06/05/2014 - 16:10 👤 Dad Squarisi 🗑️ Erramos, Geral

“O acesso ao Park Way, Lago Sul, Candangolândia e Núcleo Bandeirante ganha pistas exclusivas”, escrevemos na pág. 21. Esquisito, não? Misturamos artigos femininos e masculinos num saco só. Melhor separar alhos de bugalhos. Que tal assim? *O acesso à Saída Sul — Park Way, Lago Sul, Candangolândia e Núcleo Bandeirante — ganha pistas exclusivas.*

Loucuras verde-amarelas

📅 Publicado em 07/05/2014 - 00:01 👤 Dad Squarisi 🗑️ Geral

O Brasil enlouqueceu? Não. Mas há comportamentos muito doidos. Valem dois exemplos. Um vem de Recife. No Estádio Arruda, vaso sanitário voa e mata torcedor que tira foto da torcida. O outro, do Guarujá: justiceiros lincham dona de casa. Por quê? Confundem-na com retrato falado de sequestradora de crianças. Simples assim.

Além de indignação e protestos, os crimes suscitaram dúvidas. Uma sobre grafia. *Voa* tem acento? Não. A dissílabo joga no time de *pessoa, perdoa, abençoa, coroa*. Em todas aparece o hiato o/a. Ele é irmãozinho de o/o (voo, coroo, abençoo, coroo). A família tem um denominador comum — adora a leveza. Anda livre e solta, sem lenço e sem documento.

Outra questão: qual a origem da palavra linchar? O vocábulo deriva de nome de pessoa. William Lynch, lá por 1.776, criou tribunal pra lá de cruel. Sem julgamento sério, condenava criminosos a morte por enforcamento. A Lei de Lynch fez escola e ganhou adeptos. Grupo de pessoas sente-se no direito de fazer justiça com as próprias. Mata antes, pergunta depois. É a barbárie. Valha-nos, Deus!

Compartilhe:

Erramos

📅 Publicado em 07/05/2014 - 14:15 👤 Dad Squarisi 🗑️ Erramos, Geral

“Marcha à ré na lei dos caminhoneiros é a reação de um Brasil que repele a modernidade econômica”, escrevemos na pág. 9. Viu? Deperdiçamos um acento. *Marcha a ré* se escreve assim — sem crase e sem hífen.

Compartilhe:

Leitores à beira de ataque de nervos 1

📅 Publicado em 05/05/2014 - 10:00 👤 Dad Squarisi 🗉 Geral

As pessoas compram jornal pra não ficar de fora. Querem saber as notícias da cidade, do país e do mundo. Novidade? Não. Até as pedras conhecem a motivação que leva homens e mulheres a assinar periódicos ou a comprá-los em bancas. O surpreendente é a informação sobre a internet. Mais de 80% dos navegadores buscam informação. Não só. Os consumidores do texto impresso ou do digital têm outro ponto em comum — a exigência de qualidade.

O papel e a tela aceitam tudo? Aceitam. Mas o leitor não. Bobeia quem pensa que ele engole o prato sem mastigar. Não engole. Ele impõe condições. Entre as tantas exigências, sobressai o português correto. Nada justifica tropeços de ortografia, flexões, concordâncias, regências. Erros pegam mal. Desacreditam o conteúdo, o repórter e o veículo. Valha-nos, Deus. Quer exemplos? Com a palavra, leitores e internautas:

Relax & cia.

Apreciador de suas observações acerca de erros do Correio Braziliense, registro-lhe (caso tenha passado despercebido) o conteúdo da coluna Fama, de 30 de abril. Na nota "Momento relax", Gisele Bündchen, sem "exitar", pratica ioga." (Diniz de Oliveira Imbroisi)

Ops! Trata-se de descuido pra lá de comum. Talvez por causa da semelhança de sons, muita gente confunde a grafia de *êxito* e *hesito* (*do verbo hesitar*). Foi o caso do repórter. Bastava consultar o dicionário para escapar da cilada. O pai de todos nós não registra "exitar". Sem o verbete, acende-se a luz: o verbo não existe. Mas hesitar está lá, firme, forte e à disposição — louquinho pra servir.

Leitores à beira de ataque de nervos 2

Publicado em 05/05/2014 - 10:40  Dad Squarisi  Geral

Isto e aquilo?

O Diário de Pernambuco e outros jornais fazem companhia a revistas, blogues e sites. Ora escrevem necrópsia, ora necropsia. Sou perito papiloscopista. A presença ou a ausência do acento me deixam inseguro. Qual a grafia correta? Serão as duas? (Paulo Nogueira)

Relaxe, Paulo. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa (Volp)*, maior autoridade no assunto, registra as duas formas. Faça a sua escolha. Não há erro.

Compartilhe:

Erramos

Publicado em 05/05/2014 - 17:00  Dad Squarisi  Erramos, Geral

“A alegação é de que o líder da greve de policiais militares na Bahia responde a ação penal por crimes previstos na Lei de Segurança Nacional”, escrevemos na pág. 4. A gente responde a alguma coisa. Cadê a crase? Melhor: A alegação é de que o líder da greve de policiais militares na Bahia responde à ação penal por crimes previstos na Lei de Segurança Nacional.

Compartilhe:

Como perguntar?

Publicado em 01/05/2014 - 12:00 | Dad Squarisi | Geral

“O que seu bairro vai ser quando crescer?”, pergunta manchete do caderno Gerais, do Estado de Minas. Há tempos, ouvi (ou imagino ter ouvido) um professor dizer que não se deve usar o “o” em frases como a publicada no jornal. O correto seria, então: “Que seu bairro vai ser quando crescer?” Me acuda, por favor, suplica Amaury Machado.

No duro, no duro, Amaury, o ozinho é desnecessário. Mas a eufonia o impõe. Daí por que clássicos da língua portuguesa o usaram sem cerimônia. “O que sois?”, pergunta Gonçalves Dias. “O que será, padre?”, indaga Garrett. “O que será feito de Frei Timóteo?”, questiona Alexandre Herculano.

O povo sabido adota o o porque a frase soa melhor. Leia a pergunta da manchete em voz alta — com o e sem o. Qual lhe parece melhor? Escolha-a. É acertar ou acertar.

Mas há casos em que não há escolha. Numas perguntas, o o não cabe. Veja: Que horas são? Que dia é hoje? Que remédio você tomou contra a gripe.

Noutras — quando o quê vem depois do verbo —, o o se impõe: Você disse o quê? Pediremos o que no encontro com o diretor? Eles recomendaram o quê para os estudantes em recuperação?

ANO DE 2015

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS

_Sem publicações

JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

Leitor pergunta

Publicado em 01/05/2015 - 15:00 | Dad Squarisi | Geral, Leitor pergunta

Acho curioso o nome da energia que vem do vento. Por que se chama eólica? (Carlos Sampaio)

A história vem de longe. Nasceu na mitologia grega. Éolo é o senhor dos ventos. Prende todos eles nas ilhas Eólias. Dois irmãos se destacam entre os prisioneiros. Um deles: Bóreas. Deus do vento norte, ele só ganha a liberdade no inverno. Ao soprar, o mundo vira freezer. O outro: Zéfiro, o deus do vento oeste. Solta-se na primavera. Alado, o belo jovem voa mundo afora. Espalha flores e calores. O poderoso Éolo dá nome à energia do vento — energia eólica. Com ela, movimentam-se cataventos para extrair água do subsolo, acionam-se moinhos para triturar grãos, etc. e tal.

Diquinhas infantis 48

Publicado em 02/05/2015 - 00:00  Dad Squarisi  Diquinhas, Geral

Boitatá, a cobra de fogo

Ele mora no fundo de rios e lagos. Mas não se afoga. É de fogo, mas não se apaga. Tem chifres, mas não é boi. Tem só um olho no meio da testa. Mas enxerga tudo. Quem é? Quem é?

É o Boitatá. O fogo dele é mágico. Não se apaga em contato com a água nem queima as árvores e as plantas da floresta. Aliás, ele tem a missão de proteger as matas contra os incendiários.

Se alguém tentar pôr fogo numa árvore, num tronco ou num arbusto, paga caro: morre, enlouquece ou fica cego. Que medão! **Coisa de índio**

O Boitatá é lenda de origem indígena. Os índios o chamavam de Mbaê-Tatá. O nome quer dizer coisa de fogo. **Louco por fogo**

Você conhece alguém louco pra atear fogo em alguma coisa? A mania perigosa tem nome. É piromania. A pessoa se chama:

piromaniacapiromântico **Mesmo time**

Sabia? Os verbos formam times. *Atear e passear* jogam na mesma equipe. Por isso se conjugam do mesmo jeitinho:

eu passeio, eu ateio ele passeia, ele ateia nós passeamos, nós ateamos eles passeiam, eles ateiam **Agora você:**

Complete as frases com o verbo atear ou passear:

Eu no jardim, mas nãofogo nas plantas. Paulo mora no campo, mas nãofogo nas folhas caídas. Recolhe todas elas e as transforma em adubo. Você fogo na grama? Eu não **Resposta** piromaniaca Eu passeio no jardim, mas não ateio fogo nas plantas. Paulo mora no campo, mas não ateia fogo nas folhas caídas. Você ateia fogo na grama? Eu não ateio.

Lua de mel

Publicado em 03/05/2015 - 00:00  Dad Squarisi  Geral

Casamento está na moda. Depois da tal união estável, tornou-se mais seguro juntar os trapinhos com papel passado. A razão é simples: as regras são claras e objetivas. Não dependem da interpretação do juiz. A indústria dos casórios entra em cartaz. Roupas, festa, presentes, cabelo, maquiagem, cerimonial, álbuns, filmagens... ufa! A lua de mel faz parte do pacote. Além da escolha do local, uma questão quebra a cabeça dos apaixonados. Trata-se da grafia do trio. Com hífen ou sem hífen? Antes era com o tracinho. Depois da reforma ortográfica, afrouxaram-se os laços. Ficou tudo livre e solto. Assim: *Lua de mel, pé de moleque, mão de obra, testa de ferro, dor de cotovelo.*

Compartilhe

Com e sem pedigree

Publicado em 03/05/2015 - 00:02 Dad Squarisi Geral

Lua ou lua? Sol ou sol? Nome próprio ou comum? Depende. O astro tem pedigree (eclipse do Sol, eclipse da Lua, chegada à Lua). A luz do Sol e a claridade da Lua pertencem ao time dos vira-latas: *É bom tomar sol até as 11h. O sol do meio-dia é prejudicial à pele. A claridade da lua entrava pelas frestas da janela.*

Compartilhe:

Luau ou lual, eis a questão

Publicado em 03/05/2015 - 00:03 Dad Squarisi Geral

Luau ou lual? A discussão vem de longe. Há décadas os brasileiros se dividem. Uns grafam a palavra com *u* porque dizem ser o vocábulo importado do Havai. A população de lá costuma promover festas ao ar livre, em geral na praia em noites enluaradas. Na ocasião, serve um prato típico chamado luau.

Outros apostam na escrita com *l*. Seria derivada de lua com a convocação do sufixo *al*. Jogaria no time de musical (música), visual (visão) e anual (ano). O dicionário acabou com o bate-boca. Nele só aparece o verbete luau. Mas nem todos se conformaram. Há quem queira fazer homenagem à rainha da noite.

É o caso de empresários de Brasília. Inspirados na segunda maior festa familiar da China (Festa da Lua), eles sonham homenagear o luão que navega num dos mais belos céus do mundo. Como chamar o evento? Aí, não há saída. É lual sim, senhores.

Compartilhe:

Show da política

Publicado em 04/05/2015 - 00:00 Dad Squarisi Geral

Você ouviu discursos de políticos? Se a resposta for sim, deve levar sucessivos sustos. Suas Excelências pisam a pronúncia sem cerimônia. Uma das vítimas é rubrica. Por alguma razão que até Deus ignora, eles a brindam com vistoso acento no *u*. Uiiiiiiiiiiiiiii! Os ouvidos reclamam. Com razão. *Rubrica* e *fabrica* são irmãzinhas inseparáveis. A força delas mora na casa do meio — a paroxítona (*bri*). A dupla tem vizinhos legais. À direita, a senhora oxítona. À esquerda, a dona proparoxítona. Confundir endereços? Valha-nos, Deus. Papai Noel entregará os presentes para quem não pediu. Convenhamos: ninguém merece pagar tal mico.

Compartilhe:



Grife



Publicado em 04/05/2015 - 00:01  Dad Squarisi  Geral

A Revista do Correio publicou esta frase: "A caneta não é uma Mont Blanc estrelada, tão comum nos bolsos de médicos renomados. É uma sem marca de grife". O leitor Roldão Simas Filho leu. Levou um baiiiiiiiiiiiiiiiiiita susto. Passado o espanto, comentou: "Marca de grife é redundância. Grife já significa marca, rótulo, logotipo. Lembro que grifar é sublinhar; marcar palavra ou número com sublinha a fim de chamar a atenção".

Compartilhe:



Erramos

Publicado em 04/05/2015 - 12:00  Dad Squarisi  Erramos, Geral

"Isso sim é que é: `Faça o que eu digo; não faça o que eu faço.'" escreveu na pág. 8. Viu? As aspas fecham a citação, não o período, que começa antes. O ponto deve vir depois da duplinha. Assim: Isso sim é que é: "Faça o que eu digo; não faça o que eu faço".

Compartilhe:

Duas mortes

Publicado em 06/05/2015 - 10:00  Dad Squarisi  Geral

Que tal mandar o transmissor da dengue pro quinto dos infernos? São duas mortes. Uma: real. Sem água limpa parada, o bandido morre de inanição. A outra: metafórica. Grafar o nome do vilão como manda o dicionário, mata-o de raiva. São dois passos. Escreva-o em itálico. *Aedes* tem inicial maiúscula; *aegypti*, minúscula. Xô, *Aedes aegypti*.

Bem aberto

Publicado em 06/05/2015 - 12:00 Dad Squarisi Geral

A dengue se espalha. Virou epidemia. Sobram enfermos e faltam hospitais. No país do jeitinho, improvisam-se tendas para os atendimentos inadiáveis. Ao expor o quadro dramático de São Paulo, repórter se referiu aos prontos-socorros. Ops! Duvidou da pronúncia. Socôrrros ou socórrros? *Socorro* joga no time de *corpo*. O ó é aberto como se tivesse baita acento agudo sobre a letra: *corpos* (*córrpos*), *prontos-socorros* (*prontos-socórrros*).

Compartilhe:

Realeza inglesa

Publicado em 06/05/2015 - 13:00 Dad Squarisi Geral

Realeza se grafa com z. Inglesa, com s. Por quê? A resposta não está na pronúncia. Nos dois vocábulos, o som é o mesmo. A diferença tem a ver com a origem da palavra:

1. Os sufixos -eza e -ez formam substantivos abstratos derivados de adjetivo: *limpo* (*limpeza*) *grande* (*grandeza*), *rico* (*riqueza*), *safado* (*safadeza*), *sutil* (*sutileza*), *macio* (*maciez*), *honrado* (*honradez*), *altivo* (*altivez*), *lúcido* (*lucidez*), *mudo* (*mudez*), *sensato* (*sensatez*), *surdo* (*surdez*).

2. Os sufixos -es e -esa formam adjetivos derivados de substantivo: *Inglaterra* (*inglês, inglesa*), *Portugal* (*português, portuguesa*), *Escócia* (*escocês, escocesa*), *França* (*francês, francesa*), *freguesia* (*freguês, freguesa*), *burgo* (*burguês, burguesa*).

Superdica

Na dúvida, seja esperto. Respire fundo, pare e pense. A palavra deriva de substantivo? Dê passagem ao s. De adjetivo? Dê a vez ao z. A origem é a chave do enigma.

Compartilhe:

Erramos

Publicado em 06/05/2015 - 13:30 Dad Squarisi Erramos, Geral

"Medo de perder receita leva Planalto a pressionar parlamentares para que não reduzam, de 8% para 12%, a contribuição de patrões à Previdência", escrevemos na capa. Trocamos os números, não? Reduzir é diminuir. A ordem deve ser esta: ... *para que não reduzam, de 12% para 8%, a contribuição de patrões à Previdência*.

Compartilhe:

Menos, mais, mais ainda

Publicado em 07/05/2015 - 00:00 Dad Squarisi Geral

É epidemia? Não é epidemia? O ministro da Saúde esperneou. Mas não teve saída. Precisou reconhecer que o número de casos registrados caracterizam epidemia. Nove estados têm mais de 300 casos por 100 mil habitantes. Até 18 de abril, somaram-se 745,9 mil infectados. Valha-nos, Deus! Reconhecido o drama, vale jogar luz sobre três parentes que provocam senhora confusão — endemia, epidemia e pandemia.

O trio se refere a doença contagiosa. Mas não é qualquer doença. É doença que atinge grande número de pessoas. A endemia incide em dada população ou região (a malária é endemia na Amazônia). A epidemia infecta mais de uma cidade, mais de uma região, mais de um estado (dengue). A pandemia se espalha por continentes ou pelo mundo (peste).

Compartilhe:

Erramos

Publicado em 07/05/2015 - 10:05 Dad Squarisi Erramos, Geral

“O título é o primeiro dos oito que são anunciados todo ano”, escrevemos na pág. 5 do *Diversão&arte*. Viu? Tropeçamos nas manhas do pronome todo. Todo ano quer dizer qualquer ano. Não é caso da frase em questão. Vem, *todos os anos*, que significa *anualmente*. A regra vale para todos os meses (mensalmente), todos os dias (diariamente) e por aí vai. Melhor: ... *anunciados todos os anos*.

Compartilhe:

CORREIO
BRAZILIENSE

Blog da Dad

Leitor pergunta

Publicado em 05/05/2015 - 11:00 Dad Squarisi Geral, Leitor pergunta

Está correta a afirmação: "o melhor pós-venda"? Ou seria "a melhor pós-venda"? (Itanair Guilherme)

O prefixo, Itanair, não altera o gênero da palavra primitiva. Venda é feminino. Pós-venda também: a melhor pós-venda.

Compartilhe:



Nobres e pobres

Publicado em 05/05/2015 - 14:00 | Dad Squarisi | Geral

Todos são iguais? Qual o quê! Existem os mais iguais. É o caso dos nobres. Nas veias de tão especiais criaturas, circula sangue azul. O vermelho fica pros outros mortais. Até no nome os aristocratas sobressaem. É o caso da Charlotte Elizabeth Diana.

A princesa recém-nascida carrega o peso da tradição milenar da realeza britânica. Daí por que, logo que veio ao mundo, a menininha excitou curiosidades e levantou questões. Uma se relaciona com o português nosso de todos os dias e de todos nós: bebê tem feminino?

Antes, bebê era como os anjos. Não tinha costas nem sexo. O bebê dava conta dos dois gêneros. Veio o movimento feminista. As mulheres quiseram dar visibilidade ao feminino. Conseguiram. Bebê agora joga no time de nobre e estudante. O artigo diz se nos referimos a ele ou a ela: o nobre, a nobre, o estudante, a estudante, o bebê, a bebê.

Erramos

Publicado em 05/05/2015 - 15:00 | Dad Squarisi | Erramos, Geral

“Louco e fanfarrão, o bufão não se prende muito a códigos de condutas sociais e nem se preocupa com etiquetas”, escrevemos na capa do *Diversão & Arte*. Olho no desperdício. Nem significa e não. Ao usá-lo, a conjunção sobra. Melhor: *Louco e fanfarrão, o bufão não se prende muito a códigos de condutas sociais nem se preocupa com etiquetas*.

Compartilhe:



TAMBÉM EM BLOG DA DAD

Erramos

Publicado em 01/05/2015 - 12:00 | Dad Squarisi | Erramos, Geral

"Amigo pessoal dele, o coronel Jair Tedeschi lembra a personalidade do professor", escrevemos na pág. 20. Ganha um bombom Godiva quem tiver amigo que não seja pessoal. O adjetivo sobra, não? Basta amigo.

Compartilhe:

ANO DE 2016

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS

dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/rejeitar-o-acordo-ortografico-5158596.html

TSF Dinheiro Vivo V Digital O Jogo Motor 24 Men's Health Women's Health Evasões Volta ao Mundo NM N-TV Delas

MENU Q 20 Diário de Notícias

INÍCIO / OPINIÃO / OPINIÃO DN / CONVIDADOS

“Rejeitar o Acordo Ortográfico?”

1 - Hoje é o Dia Internacional da Língua Portuguesa, um grande dia para todos os pensadores, escritores e falantes em Português.

Será decerto desnecessário realçar a importância desta efeméride: pena é que as instituições públicas e a sociedade civil pouco se lembrem dela e que circulem rumores presidenciais para reabrir a sua discussão.

2 - Desde já declaro a minha adesão ao Acordo Ortográfico de 1990, escrevendo segundo as suas normas, num processo que, tendo alguma dificuldade inicial, ocorre paulatinamente e sem qualquer drama. Contudo, não sendo linguista nem especialista da língua portuguesa, entendo e considero legítimas e boas as suas finalidades, bem como muito lógicas as suas soluções.

É essa, aliás, a opinião que colho de muitos colegas universitários que utilizam a escrita como instrumento de trabalho, sendo essa também a posição generalizada dos operadores públicos (legislativos, administrativos e judiciais).

Jorge Bacelar Gouveia
05 Maio 2016 — 00:20

f t +

TÓPICOS

- Opinião
- Jorge Bacelar Gouveia

JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

_Sem publicações

ANO DE 2017

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS

→ ↻ dn.pt/lusa/porto-editora-elogia-a-diversidade-dos-sotaques-no-dia-da-lingua-portuguesa-7208490.html

MENU 🔍 ☁️ 20 **Diário de Notícias**

Porto Editora elogia a diversidade dos sotaques no Dia da Língua Portuguesa

Um vídeo do realizador Miguel Gonçalves Mendes, rodado em vários lugares do mundo com pessoas a lerem um texto de Valter Hugo Mãe em português, mas com sotaques, assinala hoje o Dia da Língua Portuguesa e das Culturas.

Lusa
05 Maio 2017 — 13:31

TÓPICOS
• nacional

O vídeo, hoje divulgado, é uma iniciativa da Porto Editora com a produtora Jumpcut e apresenta várias pessoas a lerem o livro infantil "O paraíso são os outros", de Valter Hugo Mãe. A língua portuguesa é comum a todos, mas a leitura desvenda os sotaques que espelham a diversidade do português.

Miguel Gonçalves Mendes gravou as leituras em vários locais do planeta, durante a rodagem do filme "O sentido da vida", registando pessoas em Cochim, Goa, Damão, Diu e Macau.

Em Lisboa, convocou pessoas provenientes de países africanos de língua portuguesa, de Timor-Leste, do Brasil e de várias regiões de Portugal.

“ No dia da língua portuguesa



Augusto Santos Silva

05 Maio 2017 — 00:00



TÓPICOS

- Opinião
- augusto santos silva

Hoje, decorrem iniciativas sobre a língua portuguesa, organizadas ou apoiadas pelo Instituto Camões, em várias dezenas de países. Por exemplo: em Roma, Rabat e Colónia têm lugar jornadas de estudo; em Xangai, começa o Mês de Documentários em Língua Portuguesa; em Havana, inaugura-se o I Festival de Cinema no nosso idioma; na Feira do Livro de Bogotá, hoje será a Tarde Portuguesa; e em Tbilisi (Geórgia) e Montevidéu terminam programas multidisciplinares em torno da língua. Se contarmos também as iniciativas que têm lugar em dias próximos, elas somam, este ano, 210 ações, em 49 países diferentes, de todos os continentes.

Isto sucede porque, desde 2009, o 5 de maio foi escolhido como Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP. Queremos celebrar, com ele, quatro atributos essenciais da nossa língua. O primeiro é que é um dos fatores principais de constituição da identidade nacional de cada um dos países em que é língua materna, ou língua segunda, a língua oficial ou uma das línguas oficiais. O segundo

Dia da Língua Portuguesa assinala-se em 49 países com 210 iniciativas

As celebrações do Dia da Língua Portuguesa e das Culturas, na sexta-feira, vão este ano realizar-se em 49 países, com 210 iniciativas destinadas a assinalar o dia, anunciou hoje o Instituto Camões.

Lusa

03 Maio 2017 — 15:19



TÓPICOS

• Internacional

As atividades caracterizam-se pela "diversidade, nalguns casos são colóquios, conferências e encontros com escritores de língua portuguesa", e noutros são "peças de teatro, mostras de cinema em português, tanto documentários como curtas e longas-metragens, e artes do espetáculo de áreas multidisciplinares, como a música e a dança", disse o ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva.

Na sessão de apresentação das atividades promovidas pelo Instituto Camões, que decorreu hoje em Lisboa, o ministro vincou que o objetivo principal das sessões descentralizadas, que decorrem em vários continentes em datas próximas do dia 05, é valorizar o português como "uma das grandes línguas globais" da atualidade, falada por 261 milhões de pessoas e a língua mais falada no hemisfério sul.

JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

Maio

📅 Publicado em 01/05/2017 - 17:04 🗣️ Dad Squarisi 🗣️ português

Oba! Começou o quinto mês do ano. Com ele, o Dia do Trabalho. Nada de aula, batente, trânsito. Só têm vez pernas pro alto, encontro de amigos, papo gostoso. Vale, por isso, dedicar um tempinho a certas curiosidades a respeito das próximas 744 horas que nos aguardam até a virada do calendário.

Majestade

O nome dos meses têm pai e mãe. Maio não foge à regra. Ele homenageia a deusa Maia. Trata-se de antiga divindade identificada com grandeza divina. Era também chamada de Maiesta. Daí se originou a palavra majestade.

Mês bem feito

É de Jorge de Lima esta homenagem ao mês que começa amanhã: "Mês de maio / mês de maio! / Ai! Mês bem feito / que tem o dia primeiro / pra ser Dia do Trabalho. // Comemorando esse dia / vamos todos descansar // Mês de maio, mês de maio, / ai mesinho brasileiro! / O Brasil quis fazer anos — escolheu seu dia três. // Comemorando esse dia, vamos, meu bem, descansar!"

Sem nobreza

Olho vivo! Nome de mês é substantivo comum. Escreve-se com inicial pequena: *janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho*. E por aí vai.

Sangue azul

Generalizar é proibido. Em datas comemorativas, nome de mês muda de time. Em vez de sangue vermelho, sangue azul passa a lhe correr nas veias: *Os trabalhadores comemoram o 1º de Maio. Sete de Setembro é Dia da Pátria*.

Por falar em sangue azul...

Datas comemorativas também são nobres. Escrevem-se com inicial maiúscula: *Dia do Trabalho, Dia da Pátria, Dia dos Pais, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia das Crianças*.

Dois lá, um cá

📅 Publicado em 01/05/2017 - 17:08 👤 Dad Squarisi 🗨️ português

Maio tem duas sílabas. Uma delas é formada pelo ditongo *ai*. Cuidado! Ditongo é casazinho que fica sempre junto. Ao separar as sílabas, a duplinha fica assim: *mai-o, mei-o, i-dei-a, as-sem-blei-a*.

Lei, decreto, medida provisória e cia.

📅 Publicado em 02/05/2017 - 09:52 👤 Dad Squarisi 🗨️ português

Em 13 de maio de 1888, o Brasil deu uma guinada na história. A princesa Isabel bateu ponto final na escravidão. Assinou a Lei 3.353, batizada de Áurea. Ao referir-se a ela ou a qualquer ato legal, lembre-se da pontuação. Antes de tudo, escolha uma ordem — crescente ou decrescente. Observe o emprego da vírgula:

Crescente (do menor para o maior): *art. 1º da Lei 3.353; § 5º do art. 3º da Lei 3.214.*

Decrescente (do maior para o menor): *Lei 3.353, art. 1º; Lei 3.214, art. 3º, § 5º.*

Superdica: a data vem sempre, sempre mesmo, separada por vírgula: *Lei 3.353, de 13 de maio de 1888.*

Um ou mais de um

Maiúscula ou minúscula? Lei, medida provisória, decreto, portaria & cia. são vira-latas. Escrevem-se com inicial minúscula. Eles só ganham pedigree em duas ocasiões. Uma: se tiverem nome. A outra: se forem numeradas: *Lei Áurea, Lei Afonso Arinos, Lei de Falências, Lei 3.353, Medida Provisória das Mensalidades Escolares, Medida Provisória 135, Decreto 1.212.*

Erramos

📅 Publicado em 02/05/2017 - 11:18 👤 Dad Squarisi 🗨️ português

“Ele garante que a licitação da organização que irá gerir um serviço é desnecessária”, escrevemos na pág. 16. Viu? Pisamos na indicação do futuro. Para falar do porvir, a língua admite duas formas. Uma: futuro simples (gerirei, gerirá, geriremos, gerirão). A outra: futuro composto, formada pelo presente do indicativo do auxiliar + infinitivo (vou gerir, vai gerir, vamos gerir, vão gerir). Melhor: *Ele garante que a licitação da organização que vai gerir um serviço é desnecessária.*

Compartilhe:

Haver, o verbo elitista

Publicado em 03/05/2017 - 12:24 · Dad Squarisi · português

A maioria dos verbos são pessoais. Comuns, rítmicos e sem drama, conjugam-se em todas as pessoas. Veja, por exemplo, o laborioso trabalhar — eu trabalho, tu trabalhas, ele trabalha, nós trabalhamos, vós trabalhai, eles trabalham. Ufa! O **haver** joga em outro time. Diferente, que se especial. No sentido de **ocorrer e existir**, é impessoal. Na conjugação de tempo também. Sem sujeito, só se conjuga na 3ª pessoa do singular. Por isso o apelotonem de verbos singulares. Que tal conhecer os caprichos de tão sofisticado criatura?

Conjugação de tempo

A maioria tem dois tempos. Um, velho como usar sapatos e processar. Instâncias do **há** na conjugação de tempo. O outro, igualmente idoso, é pouco conhecido. Joga no time dos que escrevem latinista com *ph*. É o **havia** também na indicação de tempo. Ambos têm dois pontos comuns. Um indicam tempo passado. O outro são substituíveis por **foi**: **Há** três dias. **Havia** três dias. **Foi** no Rio **há** (ou) **dois** anos. **Chegou** **há** (ou) pouco. **Já** passou o fim de semana com o irmão. **Ele não se viu** **havia** (ou) **dois** meses. **Rafael mudou-se ontem**. **Morou** **ali** **havia** (ou) **dois** anos.

Superdica: o segundo está no ponto final do tempo. Com o **há**, a conjugação acaba no momento atual. Com o **havia**, antes — imperfeito pode imperfeito.

Existir e ocorrer

Alguém disse que a língua é um sistema de ciberias. Pensava, com certeza, no **haver**. Na conjugação de tempo passado e na aceção de **ocorrer e existir**, o arcaico só se lê fora na 3ª pessoa do singular. Lide com ele parece difícil. Mas não é. Basta entender-lhe as manhas. **Acompanha as tentativas que houve** (existiram) **até aqui**. **Houve** (ocorram) **poucas distúrbios no jogo**. **Houve** (existiu) **dois clientes na loja**.

Por que se faz tanta confusão com o **haver**? Muitas esperam que o sofisticado não tem sujeito. Com medo de erro, imaginam que o objeto direto seja o sujeito. Bobagem. Quando se diz "houve poucas distúrbios", **distúrbios** não é sujeito. É objeto direto. O verbo nem olha pra insignificante criatura.

Condição

A impessoalidade é contagiosa. De sustenta do **haver** não tem saída. Tornem-se impessoais. **Deve haver** **muitos distúrbios na cidade**. **Le** **haver** **clientes de** **caixa** **no** **mercado**. **Pode** **haver** **leilões** **no** **fim** **de** **semana**.

Superdica

Porque a tentação de focar no verbo **haver**? Ops! Não se pensa. No sentido de **ocorrer e existir**, ele é invariável, imediatamente foi à 3ª pessoa do singular. Por via das dúvidas, risque o **houverem** do seu vocabulário. Você nunca o usará.

Há e atrás

Olho vivo! O **há** existe o **atrás**. Usá-los na mesma frase é tanta pleonismo. **Há** indica passado. **Atrás** também. Fique com um ou outro. **Acabei o curso** **há** **dois** **meses**. **Acabei o curso** **atrás** **dois** **meses**.

O porvir

O futuro? Na indicação do porvir, só a preposição **e** tem voz. **Depoi** **e** **dois** **anos** **acabo** **o** **estágio**. O arcaico **chege** **depo** **e** **pouco**. A um ano de eleição, **leiam** **condições**.

Faça visto e faça vista

Haja **visto** **ou** **haja** **vista**? Depende. **Haja** **visto** é tempo composto do verbo **ver** (é importante que eu **haja** **visto** o fim pra poder opinar. Talvez. Talvez **haja** **visto** **o** **país**.) **Haja** **vista** quer dizer **vaja-se**. **Ele** **viu** **o** **filme**, **haja** **vista** **o** **comentário** **feito**.

Compartilhe



Erramos

Publicado em 03/05/2017 - 12:24 · Dad Squarisi · português

“O governo vai investir em propaganda voltada para os deputados e senadores nesse período de reforma da Previdência”, escrevemos na pág. 4. *Período* se refere ao tempo presente. É a vez do pronome *este*. Melhor: *O governo vai investir em propaganda voltada para os deputados e senadores neste período de reforma da Previdência*.

Sem-sem-sem

Publicado em 05/05/2017 - 13:34 · Dad Squarisi · português

O hífen é castigo de Deus. Até o Senhor tem dúvidas no emprego do tracinho. Você, portanto, se enquadra na regra. Mas o Todo-Poderoso dá a cruz porque confia nas criaturas. Elas podem carregá-la. O *sem*, por exemplo, sempre pede hífen: *sem-terra*, *sem-teto*, *sem-banco* e, *claro*, *sem-noção*. Quanto à flexão, lembre-se. A duplinha é sem-sem-sem — sem masculino, sem feminino e sem plural: *Ele é sem-teto e sem-noção. Eles são sem-teto e sem-noção. Ela é sem-teto e sem-noção. Elas são sem-teto e sem-noção.*

Compartilhe:



Erramos

Publicado em 05/05/2017 - 19:53 · Dad Squarisi · português

“Procuradoria da República investiga licitação em que proposta vencedora é R\$ 75 milhões superior ao das empresas que perderam a disputa”, escrevemos na capa. Ops! Pisamos a concordância. Melhor: *Procuradoria da República investiga licitação em que proposta vencedora é R\$ 75 milhões superior à das empresas que perderam a disputa.*

Compartilhe:



Erramos

Publicado em 01/05/2017 - 16:59 | Dad Squarisi | português

"Para mim ele tomou uma decisão filosófica como Leon Tolstói", escrevemos na capa. Viu? Desalojamos o ponto. As aspas começam e terminam o período. O ponto faz parte do pacote. Vai dentro dos urubuzinhos do texto. Assim: "Para mim ele tomou uma decisão filosófica como Leon Tolstói."

Compartilhe:

ANO DE 2018

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS

dn.pt/opiniao/opiniao-dn/ferreira-fernandes/o-meu-dia-sao-todos-os-dias-9306479.html

Diário de Notícias

O meu dia são todos os dias



Ferreira Fernandes
04 Maio 2018 — 00:00

Facebook Twitter +

TÓPICOS

- Por falar nisso
- Ferreira Fernandes
- Opinião

O dia da minha casa vai ser amanhã. Hoje vou escrever sobre a minha casa e, amanhã, 5 de maio, a minha casa sendo assunto vasto, quem quiser pode voltar a ler-me sobre o Dia da Língua Portuguesa. Entretanto, quero ir às origens, aos meus caboucos.

As vezes penso que vivo a 5875 quilómetros da minha casa - meço-os como os prisioneiros contam os dias e os rabiscam nas paredes da cela. A minha casa, o lugar onde pela primeira vez pensei "cheira a café", antes de saber dizer "cheira" e "café" e antes de saber que aquele solitário "a" era a primeira das vogais. E antes, também, de saber o que eram vogais.

E muito menos, claro, ainda antes de saber soletrar "torrefação", afinal o ato que me sugeriu aqueles factos iniciais e os transformou em sons e estes iam correspondendo a imagens e sentires. Acontecia a três quarteirões da minha casa, ao fundo da rua da Missão de São Paulo, numa outra casa térrea, pintada a cal, com rodapé de azul ultramarino que impedia os insetos de subir pelas paredes. Duas vezes por semana, pela manhã, tiravam-se grãos de sacos de ráfia, e torravam-nos. A brisa vinda da baía de Luanda trazia-me aquele saber que eu continuava a não saber mas que me levou um dia a pensar pela primeira vez: "Cheira a café." Ouvi de quem o mistério? Certamente de alguém que morava na minha casa e participava no milagre da minha língua.

Arquivos e bibliotecas materializam memória coletiva da CPLP, diz secretária executiva

Lisboa, 03 mai (Lusa)- A secretária executiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) disse hoje que os arquivos históricos e bibliotecas nacionais "dão corpo e materialidade" à memória coletiva e que os governos são responsáveis pela sua preservação.

Lusa
03 Maio 2018 — 18:57



TÓPICOS

▫ Internacional

Maria do Carmo Silveira, que falava na abertura de uma sessão solene das comemorações do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura da CPLP subordinada a este tema, assinalou que esta escolha serviu para "chamar a atenção para a relevância destas instituições".

"Os arquivos e bibliotecas reúnem e preservam o património documental e o saber formal que permite conhecer como decorreu o encontro de cultura dos nossos países, como se formaram as nossas identidades e o que nos torna singulares", salientou a responsável da CPLP, acrescentando que a memória e a identidade são dimensões fundamentais da soberania.

Maria do Carmo Silveira considerou igualmente que os governos devem ser responsáveis pela sua preservação e pela facilitação do acesso para que os arquivos e bibliotecas sejam "instituições vivas e dinâmicas".

Adesão de França e de outros países associados à CPLP é "um contributo valioso"

A secretária-executiva da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), Maria do Carmo Silveira, considerou que a adesão de França e outros Estados ao estatuto de países Observadores Associados da CPLP é "um contributo valioso" para organização.

Lusa

03 Maio 2018 — 17:04



TÓPICOS

- Economia

"O envolvimento desses países na nossa organização será um contributo valioso e poderá reforçar as relações que existem já entre os nossos países e esses Estados e abre a possibilidade de aprofundar a cooperação em várias outras áreas", destacou a responsável da CPLP, à margem da sessão de abertura das comemorações do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura

Maria do Carmo Silveira sublinhou ainda que "este interesse revela a visibilidade crescente que a CPLP tem vindo a conquistar" e dá maior visibilidade à língua portuguesa.

Esta manhã, o Presidente da República tinha também reagido à candidatura francesa a país associado da CPLP afirmando que Portugal a acolhe de braços abertos e considerando que esta comunidade está a ganhar peso no mundo.

INÍCIO / LUSA

Semana da língua portuguesa em Bissau arranca a discutir identidade da CPLP

A semana da língua portuguesa na Guiné-Bissau arranca hoje em Bissau com uma conferência para debater a identidade, os desafios e as oportunidades da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Lusa
02 Maio 2018 — 11:37



TÓPICOS

- Internacional

Até sábado, quando se assinala o dia da língua portuguesa, além da conferência Bissau vai acolher oficinas de escrita e produção literária, cinema, música e uma mostra de gastronomia dos países da CPLP em alguns restaurantes locais.

"É um programa variado que tem componentes diversos, literárias, linguísticas e uma componente gastronómica, tem também momentos de reflexão e, sobretudo, de discussão sobre aquilo que a CPLP hoje representa e deverá representar no futuro a partir de um território, de um país, de um Estado-membro da CPLP que é a Guiné-Bissau", afirmou o embaixador de Portugal em Bissau, António Alves de Carvalho.

Segundo o diplomata, o programa contou com a "colaboração das embaixadas de Angola, Brasil e o consulado geral de Cabo Verde" em Bissau.

Sobre a conferência, dedicada ao tema "Identidade da CPLP: Desafios e Oportunidades", o embaixador de Portugal disse que visa abordar o "multilateralismo muito particular", "muito exclusivo" da CPLP e discutir a sua afirmação como um "espaço de liberdade de circulação de pessoas, bens, capitais, de investimento, empreendedorismo e de afirmação de uma marca, CPLP, e que dê lugar também à voz dos empresários".

Histórias, cinema, música e poesia na Semana da Língua Portuguesa em Díli

Histórias, cinema, música e poesia são algumas das atividades que, a partir de quarta-feira, assinalam em Díli a Semana da Língua Portuguesa, num programa que envolve várias organizações e programas portugueses e timorenses.

Lusa

01 Maio 2018 — 04:20



TÓPICOS

- Internacional

Os eventos, que decorrem até sábado, começam com uma exposição sobre as "conquistas, desafios e alianças" no ensino da língua portuguesa, patente no Centro Cultural Português, que faz parte da Embaixada de Portugal em Díli.

A abertura da jornada contará com um espetáculo de música e poesia da Escola Portuguesa Ruy Cinnati, da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), do Seminário Menor de Nossa Senhora de Fátima e do CAFE (Centro de Aprendizagem e Formação Escolar), a escola de referência da capital timorense.

Na quinta-feira, o Arquivo e Museu da Resistência, em Díli, acolhe uma conferência sobre o ensino da língua. À tarde, no mesmo espaço, vai ser exibido do documentário "A língua, a luta, a nação" de Max Stahl, sobre o papel da língua portuguesa na luta da resistência

Centro Português na Praia promove sarau para celebrar dia da língua na CPLP

O Centro Cultural Português (CCP) na cidade da Praia organiza na sexta-feira um sarau cultural para celebrar o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na comunidade lusófona, que terá apresentações de quase todos os países lusófonos.

Lusa

02 Maio 2018 — 12:57



TÓPICOS

- Internacional

O sarau cultural por ocasião do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), que se celebra a 05 de maio, terá danças tradicionais da Guiné-Bissau e Timor-Leste, declamação de poesia de Angola e Moçambique e um momento musical de S. Tomé e Príncipe.

De Cabo Verde a atuação será do grupo Coral da Cesária Évora Academia de Artes enquanto Portugal apresentará o espetáculo "Muito Riso, Muito Siso", da Associação D'Orfeu.

O Sarau Cultural é uma iniciativa conjunta entre o CCP e o Centro de Língua Portuguesa do Camões, I.P., as embaixadas de Angola e da Guiné-Bissau em Cabo Verde, a Cesária Évora Academia de Artes (CEAA) e o Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP).

INÍCIO / ARTES

Em longes lugares e tanta gente

Em Dia da Língua Portuguesa, uma viagem longa por onde ela anda

Ferreira Fernandes

05 Maio 2018 — 00:20



TOPICOS

- lusofonia
- Artes
- CPLP
- língua portuguesa

Relacionados



CPLP

Hoje é dia de celebrar a língua portuguesa



© Reuters/ Rafael Marchante

Ah, a minha língua, aquela de que hoje é o dia! Deve acontecer a muitos, não necessariamente a todos, gostar da sua língua. A alguns até acontece gostar por razões que não posso nem imaginar: em Taiwan, existe uma língua, o kavalan, que tem apenas 24 falantes. Ou tinha, porque li isso no ano passado e os falantes do kavalan são velhos. Que posso saber eu dessa condição? Mas posso saber o que é ter uma língua que

→ ↻ 🔒 dn.pt/lusa/marcelo-sauda-todos-os-cidadãos-da-cplp-no-dia-da-lingua-portuguesa-9310516.html

MENU 🔍 🌤️ 20 **Diário de Notícias**

Marcelo saúda todos os cidadãos da CPLP no Dia da Língua Portuguesa

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, saudou hoje todos os cidadãos da CPLP, na data em que esta comunidade de países lusófonos celebra o Dia da Cultura e da Língua Portuguesa.

Lusa
05 Maio 2018 — 01:00

TÓPICOS
• Internacional

Numa nota divulgada hoje no portal da Presidência da República na Internet, o chefe de Estado defende que o português tem um "inestimável valor" e é "uma língua de futuro", com "um incontestável poder de criar laços e entendimentos" dentro e fora da lusofonia, referindo que tem atualmente "mais de 260 milhões de falantes".

Marcelo Rebelo de Sousa dirige "uma calorosa saudação a todos os cidadãos dos países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)" -- composta por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste -- "que diariamente a usam como instrumento de comunicação, reflexão, expressão e criação cultural".

O dia 05 de maio foi instituído em 2009 como Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP.

JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

Indicações-chave ou indicações-chaves?

📅 Publicado em 02/05/2018 - 10:09 👤 Dad Squarisi 🗂️ português

Ambos os plurais estão corretos. Em *indicações-chave*, há uma expressão oculta: *indicações (que servem de) chave*. Com um ou outro, a alternativa é acertar, ou acertar.

Compartilhe:



Vírgula 1 – termos coordenados

Publicado em 02/05/2018 - 10:13  Dad Squaral  português

A história é velha. Tão velha quanto andar pra frente. José Cândido de Carvalho conta o fato. Freixeiras, funcionário da Companhia de Água e Esgotos do Rio de Janeiro, tinha um grande orgulho. Era a única pessoa na repartição que sabia pôr as vírgulas no lugar certo. Todos o reverenciavam por isso. Ninguém ousava contrariá-lo. Mas não há bem que sempre dure nem mal que nunca acabe. Um dia...

Chegou novo chefe. O mandachuva assinava a correspondência. Um pouco distraído, pediu a Freixeiras que tirasse certa vírgula de certo lugar. Freixeiras tremeu. Que ousadia! Ficou duas horas remoendo tira-a-vírgula-não tira-a-vírgula. Finalmente, decidiu-se. Foi à sala do diretor e intimou-o:

— Ou eu ou a vírgula.

A demissão do Virgulino obrigou os demais servidores a deixar o comodismo. Para garantir o emprego, resolveram estudar. Consulta daqui, pesquisa dali, descobriram que o diabo não é tão feio quanto o pintam. O emprego da tão temida pausa obedece a três regras. A vírgula separa sempre. Um: termos coordenados. Dois: termos explicativos. Três: termos deslocados. Esta é a lição dos coordenados. Vamos a ela.

Que bicho é esse?

Coordenado significa "ordenado ao lado do outro". Imagine que você esteja no cinema. Há vários espectadores. Um é independente do outro. Cada um tem sua cabeça, suas pernas, seus olhos. Eles escolhem um lugar e sentam-se. Para não ficarem embolados, o descanso da poltrona os separa. Os cinéfilos ficam coordenados.

Imitação

A língua imita a vida. Na frase, também aparecem termos independentes. A única relação entre eles é estarem postos um ao lado do outro. Sempre que numa oração aparecer mais de um sujeito, mais de um objeto, mais de um adjunto, haverá termos coordenados. Como os espectadores do cinema, eles precisam ser separados. Como? Há dois jeitos. Um deles é recorrer à vírgula. O outro, pedir ajuda à conjunção:

Paulo, Luís, João e Maria (sujeito composto) foram ao cinema.

Gosto de cinema, teatro, música (objeto composto).

José viaja de trem, carro, ônibus, avião (adjunto adverbial composto).

Pras cucuias

Na separação dos termos compostos, o **e** brinca de esconde-esconde. Ora aparece. Ora some. É capricho? Não. Ele manda um recadinho aos leitores. Examine as duas frases:

Na feira, comprei laranja, pera, maçã, abacate **e** figo.

Na feira, comprei laranja, pera, maçã, abacate, figo.

Reparou? A presença do **e** diz: comprei só as frutas enumeradas. Nenhuma mais. A ausência significa que comprei outras frutas além das citadas. Funciona como o etc.

Compartilhe:

Vírgula 2 – orações coordenadas

67%

Publicado em 02/05/2018 - 10:15 Dad Squarisi português

Lembra-se das conjunções coordenativas? São aquelas cinco que os alunos sabem de cor e salteado:

Aditivas: e, nem

Adversativas: mas, porém, todavia, contudo, no entanto

Alternativas: ou, ou; ora, ora; já, já

Explicativas: pois, que, porque

Conclusivas: pois, portanto, logo

Quase igual

Assim como existem termos coordenados, existem as orações coordenadas. Elas se dividem em dois grupos:

1. Assindéticas. Elas querem distância da conjunção. Ficam só com a vírgula: *Cheguei, vi, venci. Trabalho, estudo, viajo.*

2. Sindéticas. Essas são gulosas que só. Exigem a conjunção e a vírgula. É dose dupla: *O senador falou muito, mas não convenceu. Ou estuda, ou trabalha. Feche a porta, que seu pai está dormindo. Penso, logo existo.*

Caso especial

O e ficou de fora? Ficou. Ele detesta excessos. Por isso, dispensa a vírgula: *Trabalho e estudo. Vou a Pernambuco e depois à Paraíba.*

Só num caso vai de dose dupla. Aí, impõe duas condições. Uma: as orações têm que ter sujeitos diferentes. A outra: a possibilidade de provocarem confusão. Veja:

Os Estados Unidos atacaram a Síria e a Rússia reagiu.

Percebeu? O período tem orações com sujeitos diferentes. Um é *Estados Unidos*. O outro, *Rússia*. Uma leitura rápida dá a impressão de que os Estados Unidos atacaram a Síria e a Rússia. O que fazer? Usar a vírgula antes do e: *Os Estados Unidos atacaram a Síria, e a Rússia reagiu.*

Erramos – reflete ou se reflete?

Publicado em 02/05/2018 - 12:06 Dad Squarisi português

“No clique o repórter Ed Alves, o prédio e seu anexo refletem no espelho d’água”, escrevemos na pág. 21. Uma frase, dois tropeços. Um: *espelho-d’água* se escreve assim, com hífen. O outro: no caso, o verbo refletir é pronominal. O espelho-d’água reflete o prédio, mas o prédio se reflete. Melhor: *No clique o repórter Ed Alves, o prédio e seu anexo se refletem no espelho-d’água.*

Compartilhe:

Acertamos — “por causa de” expulsa “por conta de”

Publicado em 02/05/2018 - 13:26  Dad Squarisi  português

“Candidatos a vagas nos legislativos local e federal, filhos, netos e até nora pretendem substituir antigos nomes da política candanga impedidos de concorrer **por causa de** doença e, em sua maioria, problemas com a Justiça”, escrevemos na pág. 17. Oba! Em vez do modismo “por conta de”, fizemos as pazes com a locução **por causa de**. Viva!

Compartilhe:



Aceito ou aceitado? Depende

Publicado em 02/05/2018 - 20:50  Dad Squarisi  português

A língua tem verbos generosos. Abundantes, eles oferecem dois participios. Um, terminado em -ado ou -ido, é regular (amado, vendido, partido). O outro, mais curtinho, irregular. Como usá-los? Depende da companhia.

Com os auxiliares *ser* e *estar*, é a vez do pequeno. Com *ter* e *haver*, do grandão: *Ele já havia aceitado os termos do contrato quando soube das mudanças. O contrato foi aceito. Paulo tinha imprimido o nome em todos os cartões. O nome está impresso.*

Aposentar ou aposentar-se?

Publicado em 02/05/2018 - 21:01  Dad Squarisi  português

Na língua há verbos hermafroditas. São criaturas que jogam em dois times. Um deles: transitivos diretos. O outro: pronominais. É o caso do aposentar.

Quem aposenta aposenta alguém: O Tesouro aposenta os servidores públicos. (Tesouro é o sujeito; servidores públicos, o objeto direto.)

Às vezes, o sujeito e o objeto são o mesmo ser. O verbo vira pronominal: O servidor público se aposentou (ele pratica e sofre a ação). Eu me aposento daqui a dois anos. Ele se aposentou na semana passada. Com a mudança na lei, nós não sabemos quando nos aposentaremos.

Compartilhe:

José Cândido de Carvalho ensinou

Publicado em 03/05/2018 - 09:46  Dad Squarisi  português

“A vírgula não foi feita pra humilhar ninguém.”

Vírgula 3 – termos explicativos

📅 Publicado em 02/05/2018 - 09:50 🗿 Dad Squarisi 🇵🇹 português

Há situações e situações. Nalgumas, a vírgula é facultativa. *Aí*, não há erro. Você acerta sempre. Noutras, obrigatória. É o caso da separação dos termos coordenados, explicativos e deslocados. Os coordenados foram assunto da lição anterior. Agora é vez dos explicativos.

O que é?

O termo explicativo tem várias caras. Uma é velha conhecida. Chama-se aposto. Lembra-se?

Pedro II, imperador do Brasil, morreu em Paris.

Os professores vivem dizendo que o aposto não faz falta.

Pode cair fora. Verdade? É. Ele facilita a vida do leitor. Mas a ausência dele não causa prejuízo ao entendimento da frase. Se eu não sei quem é D. Pedro II, tenho saída. Dou uma espiadinha no Google. Está tudo ali.

Chute?

Compare as frases:

O presidente da República, Michel Temer, cancelou a viagem.

O ex-presidente da República José Sarney presidiu o Senado.

Por que um nome vem entre vírgulas e outro não? As situações são tão parecidas. É chute?

Não. O segredo está no que vem antes do nome. No primeiro caso, é presidente da República. Quantos existem? Só um. Michel Temer é termo explicativo. Funciona como aposto. Daí as vírgulas.

Mas há mais de um ex-presidente. Se eu não disser a quem me refiro, deixo o leitor numa enrascada. Posso estar falando de Lula, Collor, Itamar Franco. *Aí*, só há um jeito: dar nome ao boi. José Sarney é termo restritivo. Não aceita vírgula.

Mais exemplos

A capital do Brasil, Brasília, tem 3 milhões de habitantes (o Brasil tem uma só capital).

O presidente do Senado, Eunício Oliveira, deve pautar projetos espinhosos. (Só há um presidente do Senado).

O ex-ministro da Fazenda Rubens Ricupero ficou famoso pela indiscrição parabolica (há um montão de ex-ministros da Fazenda).

Enrascada

Às vezes, a gente se vê numa enrascada:

Meu filho Marcelo estuda na universidade.

Restritivo ou explicativo? Depende. Do quê? Do antecedente do termo Marcelo. Eu tenho um filho ou mais de um filho? Se um, o termo é explicativo. Se mais de um, restritivo.

Vírgula 4 — orações explicativas

Publicado em 03/05/2018 - 09:52 • Dad Squarisi • português

A língua é um conjunto de possibilidades. Flexível, a danada detesta monotonia. Oferece vários jeitos de dizer a mesma coisa.

Veja:

O aluno **estudioso** tira boas notas.

O aluno **que estuda** tira boas notas.

As frases dizem que há alunos e alunos. Não é qualquer um que tira boas notas. Só chega lá quem se debruça sobre os livros. Numa, o termo restritivo é adjetivo (estudioso). Noutra, oração adjetiva (que estuda). O tratamento mantém-se. Nada de vírgula.

Com as explicativas ocorre o mesmo:

O homem, mortal, tem alma imortal.

O homem, **que é mortal**, tem alma imortal.

Virtudes

Lembra-se do recado de Montaigne? "O estilo", diz ele, deve ter três virtudes: clareza, clareza, clareza." Saber identificar o termo explicativo e restritivo não constitui só problema de correção. Muitas vezes afeta a clareza.

Pegadinha

Esta cilada caiu no vestibular:

Os cinco filhos de José que chegaram do Rio estão no Recife.

A questão: quantos filhos tem José?

() Tem cinco. () Tem mais de cinco.

E agora? Quem responde é a oração. Restritiva ou explicativa? Sem vírgulas, é restritiva. Então José tem mais de cinco filhos. Se fossem só cinco, "que chegaram do Rio" estaria cercadinha de vírgulas.

Compartilhe:

Acertamos: de ele, de o, de este

Publicado em 03/05/2018 - 11:26 • Dad Squarisi • português

"O time mineiro venceu por 4 x 0 e acabou com a chance de os cariocas avançarem", escrevemos na capa. Viva! O sujeito é elitista. Não se mistura com a preposição. Artigos e pronomes que o acompanham não se combinam: *É hora de o Brasil melhorar os indicadores. Apareceu a oportunidade de ele sobressair. Chegou a hora de este galo cantar.*

Compartilhe:



Erramos — vírgula antes do e

Publicado em 03/05/2018 - 14:15 • Dad Squarisi • português

"Atualmente, ele é prefeito de Cabo Frio, e chegou a sair e voltar ao cargo entre 2016 e 2017", escrevemos na pág. 2. Viu? Desperdiçamos vírgula. O sinalzinho antes do e sobra. A conjunção liga orações com o mesmo sujeito e não apresenta nenhuma possibilidade de confusão na leitura. Melhor poupar. Assim: *Atualmente, ele é prefeito de Cabo Frio e chegou a sair e voltar ao cargo entre 2016 e 2017.*

Compartilhe:

Vírgula 5 – termos deslocados

📅 Publicado em 04/05/2018 - 09:49 👤 Dad Squarisi 🗣️ português

A cena é familiar. Alguém vai andando galhardamente. Cabeça erguida, ombros eretos, barriga chupada, bumbum encaixado. De repente, não mais que de repente, tropeça. Levanta-se rápido. Desconfiado, olha pra lá e pra cá. Continua a marcha como se nada tivesse acontecido. Mas o estrago está feito. A frase também tropeça. Basta pôr certa vírgula em certo lugar. Mais precisamente: basta provocar o adjunto adverbial que está quietinho, lá no fim da oração.

Ordem direta

Na ordem direta, o adjunto adverbial (o termo que indica circunstância – causa, tempo, modo, lugar, comparação, conformidade) vem no fim da frase. Aí, não aceita vírgula.

- *Infecção (sujeito) matou (verbo) 24 bebês (objeto) no hospital (adjunto adverbial de lugar).*
- *O homem (sujeito) está perdendo (verbo) a guerra contra a máquina (objeto) por enquanto (adjunto adverbial de tempo).*

Ordem indireta

Nem todo adjunto adverbial é comportado. Irrequieto, o traquinas vive mudando de lugar. Ora vai para o começo da oração, ora para o meio. Aí, sim, vírgula nele. A vírgula indica o deslocamento do arteiro:

- *No hospital, infecção matou 24 bebês.*
- *Infecção hospitalar, no hospital, matou 24 bebês.*
- *Por enquanto, o homem está perdendo a guerra contra a máquina.*
- *O homem, por enquanto, está perdendo a guerra contra a máquina.*

Compartilhe:

Vírgula 6 – orações deslocadas

📅 Publicado em 04/05/2018 - 09:53 👤 Dad Squarisi 🗣️ português

No lugar

As orações adverbiais não fogem à regra do adjunto adverbial. Quando vêm depois da oração principal, estão no lugar delas. Nada de vírgula:

- *O TSE pode interferir na eleição / para evitar confronto.*
- *Paulo retirou-se / quando o presidente entrou.*
- *O carro agradou a todos / porque apresenta design moderno e bom desempenho.*

Deslocadas

Se mudarem de lugar, usurpam a casa dos outros. Vírgula, pois:

- *Para evitar confronto, o TSE pode interferir na eleição.*
- *O TSE, para evitar confronto, pode interferir na eleição.*
- *Quando o presidente entrou, Paulo retirou-se.*
- *Porque apresenta design moderno e bom desempenho, o carro agradou a todos.*
- *O carro, porque apresenta design moderno e bom desempenho, agradou a todos.*

Obrigatoriedade

No deslocamento da oração adverbial, a vírgula se impõe. No do adjunto, há concessões: se ele for pequeno, é facultativa (as gramáticas consideram pequeno o adjunto formado de uma palavra – ontem, hoje, amanhã. Os jornais, o que tem até três): Domingo Flamengo e Vasco jogam no Maracanã. Domingo, Flamengo e Vasco jogam no Maracanã.

É isso. Adjunto e oração adverbiais estão no lugar deles? Palmas. Nada de vírgula. Pularam a cerca? A vírgula denuncia. Cuidado. Não brinque com a pausa. Ao menor descuido, pronto. A frase fica manca e gaga.

Compartilhe:

Erramos – prisão ou prisões de 10 pessoas?

📅 Publicado em 04/05/2018 - 11:07 👤 Dad Squarisi 🗣️ português

“Dos 45 mandados de prisão expedidos pelo juiz Marcelo Bretas, foram executados 33, com as prisões de 13 doleiros no Rio...”, escrevemos na pág. 3. Olhe o falso plural. O substantivo abstrato *prisão* se mantém no singular. O plural fica a cargo do complemento. É o caso de “a presença de 10 deputados (não: presenças), “o nome de 20 aprovados (não: os nomes). E, claro, a prisão de 13 doleiros no Rio.

Acertamos – vírgula antes do e

📅 Publicado em 04/05/2018 - 12:41 👤 Dad Squarisi 🗺️ português

“Os artistas não cobram pela mão de obra, e a paciente arca apenas com os custos do material utilizado”, escrevemos na pág. 24. Viva! Justifica-se a vírgula antes do e. A conjunção liga orações com sujeitos diferentes. Se o período for lido rapidamente, pode dar a impressão de que os artistas não cobram pela mão de obra e a paciente. O sinalzinho de pontuação evita a confusão. É bem-vindo.

Vinicius escreveu

📅 Publicado em 06/05/2018 - 19:46 👤 Dad Squarisi 🗺️ português

“Filhos... Filhos?

Melhor não tê-los.

Mas se não os temos

Como sabê-lo?”

Citações sobre a mãe

📅 Publicado em 06/05/2018 - 19:49 👤 Dad Squarisi 🗣️ português

"Deus não pode estar em todos os lugares. Por isso criou as mães." (Ditado judaico)

"Toda a mulher acaba por ficar igual à própria mãe. Essa é a sua tragédia. Nenhum homem fica igual à própria mãe. Essa é a sua tragédia." (Oscar Wilde)

"Mães judiciosas têm consciência de que são o primeiro livro lido e o último posto de lado na biblioteca dos filhos." (Charles Lenox Remond).

Ser mãe não é uma profissão; não é nem mesmo um dever: é apenas um direito entre tantos outros. (Oriana Fallaci)

À medida que os filhos crescem, a mãe deve diminuir de tamanho. Mas a tendência da gente é continuar a ser enorme. (Clarice Lispector)

Amamos as nossas mães quase sem o saber e só nos damos conta da profundidade das raízes desse amor no momento da derradeira separação. (Guy Maupassant)

Uma mãe é capaz de ensinar mais do que cem professores. (ditado judaico)

O coração das mães é um abismo no fundo do qual se encontra sempre um perdão. (Honoré de Balzac)

Os filhos são para as mães as âncoras da vida. (Sófocles)

Algumas mães são carinhosas e outras são repreensivas, mas isso é amor do mesmo modo, e a maioria das mães beija e repreende ao mesmo tempo. (Pearl S. Buck)

"A mão que balança o berço é a mão que governa o mundo." (William Ross Wallace).

"Os braços de uma mãe são feitos de ternura, e os filhos dormem profundamente neles." (Victor Hugo).

"Quando se é mãe, nunca se está só nos pensamentos. Uma mãe sempre pensa em dobro — uma vez por ela e outra pelo filho." (Sophia Loren).

Dia das Mães & cia.: letra maiúscula

📅 Publicado em 06/05/2018 - 19:55 👤 Dad Squarisi 🗣️ português

Datas comemorativas têm pedigree. Nomes próprios, escrevem-se com a inicial grandona: *Dia das Mães*, *Dia dos Pais*, *Dia dos Professores*, *Dia da Criança*, *Dia do Médico*, *Dia do Funcionário Público*, *Dia do Evangélico*, *Dia da Pátria*.

Dia das Mães: história

Publicado em 06/05/2018 - 19:58 | Dad Squarisi | português

Homenagear a mãe é tradição mais antiga que o rascunho da *Bíblia*. Na Grécia antiga, na Roma dos Césares, na Idade Média, o povo reverenciava a mulher que dá à luz meninos e meninas. Ela não era convocada para lutar nos campos de batalha por ser a matriz da humanidade – capaz de equilibrar a população depois dos estragos causados pela guerra.

Há um século, os Estados Unidos instituíram o Dia das Mães. O presidente Woodrow Wilson oficializou 9 de maio para a festa. O Brasil importou a ideia 82 anos depois. Getúlio Vargas introduziu a data (segundo domingo de maio) no calendário verde-amarelo em 1932. De lá pra cá, é só festa. Mães, shoppings e restaurantes batem palmas. Viva!

Compartilhe:



CORREIO
BRAZILIENSE

Blog da Dad

Vírgula 7 – com travessão

Publicado em 05/05/2018 - 07:06 | Dad Squarisi | português

Usa-se travessão com vírgula? A duplinha só tem vez num caso. Se o segundo travessão (só o segundo) coincidir com a vírgula. Compare:

Brasília, a capital do Brasil, tem 3 milhões de habitantes.

Brasília – a capital do Brasil – tem 3 milhões de habitantes.

*

Depois da saída do presidente sob vaías, os manifestantes se dispersaram.

Depois da saída do presidente – sob vaías –, os manifestantes se dispersaram.

Compartilhe:

Dia do Trabalho: grafia e história

📅 Publicado em 01/05/2018 - 09:49 👤 Dad Squarisi 🗣️ português

As datas comemorativas grafam-se com a letra inicial maiúscula: Primeiro de Maio, Dia do Trabalho, 21 de Abril, Sete de Setembro, Proclamação da República, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia da Árvore, Natal, Guerra dos Farrapos.

História

Lá pelo século 18, os operários trabalhavam até 20 horas por dia. Não se falava em repouso aos domingos. Muito menos em semana inglesa. Com o tempo, houve melhoras aqui e ali. Mas a carga continuava pesada. Como não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe, veio a reação. Em 1º de maio de 1886, 110 mil operários de Chicago cruzaram os braços. Em três dias, a greve cresceu. A polícia reprimiu o movimento com violência. Não adiantou. Ele só crescia. A PM de lá atirou contra a multidão. Em resposta, os grevistas explodiram bombas. Depois de xilindrós e enforcamentos, as conquistas vieram em 1º de maio de 1890. Entre elas, a jornada de oito horas. A Segunda Internacional Socialista, da França, decidiu: o 1º de maio seria dedicado aos trabalhadores e às suas lutas.

Curiosidade

Os Estados Unidos não comemoram o Dia do Trabalho em 1º de maio. Fazem a festona na primeira segunda-feira de novembro.

ANO DE 2019

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS

→ ↻ dn.pt/lusa/parlamento-timorense-assinala-semana-da-lingua-portuguesa-e-garante-promocao-e-difusao-do-portugues--10865

Diário de Notícias

Parlamento timorense assinala Semana da Língua Portuguesa e garante promoção e difusão do português

Lusa
06 Maio 2019 — 06:40

[f](#) [t](#) [+](#)

TÓPICOS
Internacional

Dili, 06 mai 2019 (Lusa) -- O Parlamento Nacional timorense reafirmou hoje o compromisso "com a promoção e difusão da língua portuguesa em Timor-Leste", num voto de saudação aprovado no arranque de várias ações que assinalam a Semana da Língua Portuguesa.

O texto reconhece que o português é "cada vez mais falado" pelos timorenses, "fruto da apropriação da língua que é de todos" e "apesar dos obstáculos" que o ensino do português ainda enfrenta.

"A nação e o seu povo têm vindo a desenvolver esforços significativos para a aprendizagem e o ensino da língua portuguesa e para que esta seja, a par do tétum, igualmente falada no quotidiano timorense", refere o texto.

"É através da língua portuguesa que se estabelecem laços transcontinentais e transoceânicos, é através da língua portuguesa que se constrói uma identidade cultural, enriquecida pela diversidade que a caracteriza e que une os europeus, asiáticos, africanos e americanos", nota ainda.

→ ↻ dn.pt/lusa/missao-da-cplp-a-guine-equatorial-composta-por-16-elementos-e-liderada-por-cabo-verde-10859993.html

Diário de Notícias

DN TSF Dinheiro Vivo V Digital O Jogo Motor 24 Men's Health Women's Health Evasões Volta ao Mundo NM N-TV Delas

INÍCIO | LUSA

Missão da CPLP à Guiné-Equatorial composta por 16 elementos e liderada por Cabo Verde

Lisboa, 03 mai 2019 (Lusa) - A missão técnica que a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) vai enviar na próxima semana à Guiné Equatorial será composta por 16 elementos e liderada pelo embaixador cabo-verdiano, José Luís Monteiro, disse o secretário-executivo da organização.

Francisco Ribeiro Telles, que falava à margem da sessão solene dedicada ao Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP - que se assinala no dia 05 -, salientou que a missão não é uma resposta às críticas da Guiné Equatorial sobre uma "campanha" contra o país e já estava agendada há algum tempo.

"Há algum tempo que não se fazia uma missão à Guiné-Equatorial no sentido de se fazer o levantamento das necessidades" e dos progressos do país, nomeadamente em relação à promoção da língua portuguesa e esse será precisamente um dos objetivos, segundo Ribeiro Telles.

Lusa
03 Maio 2019 — 18:46

[f](#) [t](#) [+](#)

TÓPICOS
Internacional

CPLP discute propostas para garantir meios financeiros ao Instituto da Língua Portuguesa

Lisboa, 02 mai 2019 (Lusa) - O embaixador de Cabo Verde em Lisboa disse hoje à Lusa que os Estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) estão a discutir propostas para garantir meios financeiros para o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP).

Lusa
02 Maio 2019 — 22:24



TÓPICOS

▫ Internacional

"A questão [do problema financeiro] do IILP já foi abordada em algumas reuniões do comité de concertação permanente e seguramente voltaremos, ainda no decurso deste ano, a debatê-la, não sei é se será ainda antes do Conselho de Ministros de Negócios Estrangeiros, em julho", afirmou Eurico Monteiro, que é também o representante em Lisboa da presidência cabo-verdiana na CPLP, que é rotativa.

"O que sei é que tem havido uma preocupação dos Estados-membros com questões de ordem organizativa, institucional e financeira, por forma a garantir as contribuições para o IILP", acrescentou.

Para o embaixador de Cabo Verde em Portugal, há dois níveis de problemas: o primeiro é o esforço que cada Estado-membro deve fazer para cumprir o pagamento das suas contribuições, porque, se as cumprirem, as necessidades financeiras do IILP vão diminuir "consideravelmente", explicou.

INÍCIO / LUSA

PR/China: Língua portuguesa é hoje mais falada em Macau e irá permanecer após 2049 -- Marcelo

Macau, China, 01 mai 2019 (Lusa) - O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, referiu hoje que a língua portuguesa é atualmente mais falada em Macau do que no tempo da administração portuguesa e manifestou a certeza de que irá permanecer após 2049.

Lusa
01 Maio 2019 — 09:36



No último dia da sua visita de Estado à República Popular da China, Marcelo Rebelo de Sousa prossegue um programa intenso em Macau, sem intervalos, onde tem repetido a mensagem de que "a diferença" desta região administrativa especial é o que lhe dá valor, destacando a importância da presença da língua portuguesa.

Num encontro com a comunidade portuguesa, autoridades locais, empresários e agentes culturais, na residência do cônsul-geral em Macau, referiu que "é essa a força que explica por que é que hoje há quem fale português em Macau em maior número do que havia há 20 anos, há 30 anos, há 40 anos ou 50 anos ou há 100 ou há 200".

Dia da Língua Portuguesa e da Cultura da CPLP assinalado com iniciativas em 56 países

O Dia da Língua Portuguesa e da Cultura da CPLP, que se celebra a 05 de maio, vai ser assinalado com iniciativas em 56 países, com destaque para a UNESCO, Cuba, China e Rússia, segundo o programa hoje apresentado.

Lusa

03 Maio 2019 — 14:59



TÓPICOS

- Internacional

O programa do Dia da Língua e Cultura da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), que decorre desde meados de abril e se prolonga até finais de maio, foi apresentado, em Lisboa, pelo presidente do Camões-Instituto da Cooperação e da Língua, Luís Faro Ramos.

"Temos previstas cerca de 190 iniciativas em 56 países. E os números estão a crescer a cada ano que passa, o que atesta da importância e do reconhecimento, por parte dos países, desta celebração da quinta língua mais falada no mundo", disse Luís Faro Ramos aos jornalistas.

O presidente do instituto Camões explicou que as iniciativas são "muito diversas", mas terão "ênfase nas áreas do cinema e da literatura", e destacou as celebrações previstas para a sede da UNESCO, em Paris, e para Cuba, China e Rússia, países com os quais Portugal celebra este ano aniversários de relações diplomáticas.

Ministro da Educação diz que língua portuguesa é diferenciadora para quem a domina

Praia, 07 mai 2019 (Lusa) – O ministro da Educação de Portugal afirmou hoje que o português é "uma língua internacional de trabalho, diferenciadora de quem a domina" e que esta é uma das razões para as Escolas Portuguesas no Estrangeiro serem tão procuradas.

Lusa

07 Maio 2019 — 19:59



TÓPICOS

◦ Internacional

Tiago Brandão Rodrigues falava na cidade da Praia, em Cabo Verde, durante a sessão de encerramento do primeiro encontro anual das Escolas Portuguesas no Estrangeiro (EPE).

Para o ministro, a língua portuguesa "é, cada vez mais, além de uma língua comum, uma língua em crescimento".

"É uma língua internacional de trabalho, diferenciadora de quem a domina e por isso tantos e tantos países entendem que formar cidadãos na língua portuguesa é uma mais valia na sua relação internacional, nas suas relações económicas internacionais e na sua ação em países que falam português", afirmou.

Segundo Tiago Brandão Rodrigues, as EPE "refletem a política externa" portuguesa.

→ ↻ dn.pt/cultura/dia-da-lingua-portuguesa-186-acoes-celebram-lingua-e-cultura-da-cplp-em-55-paises--10858201.html

☰ MENU



20

Diário de Notícias

Dia da Língua Portuguesa: 186 ações celebram língua e cultura da CPLP em 55 países

A língua portuguesa conta com mais de 278 milhões de falantes no mundo e no próximo domingo, dia 5 de maio ocorre a data que celebra toda esta comunidade e a língua portuguesa. Esta sexta-feira, o Presidente do Instituto de Camões, Luís Faro Ramos apresentou o programa de atividades propostas para celebrar a data em mais de 50 países.

Cristiana Reis

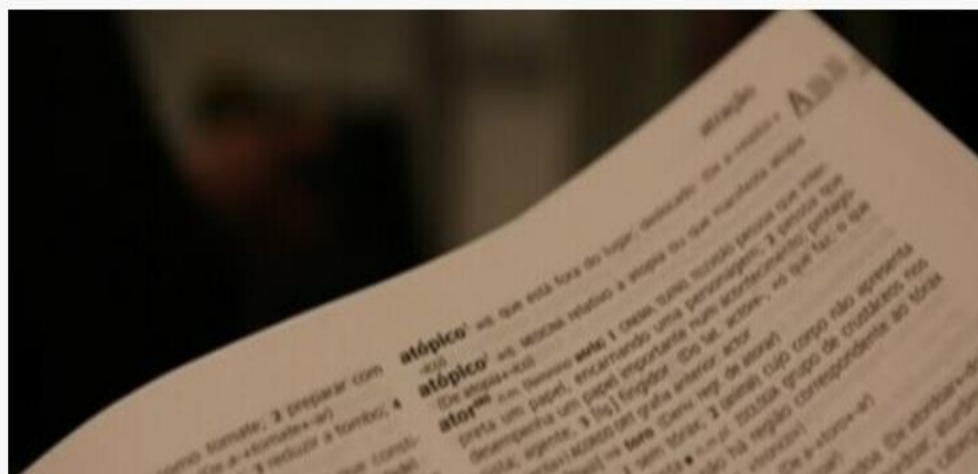
03 Maio 2019 — 19:41



TÓPICOS

• Cultura

Relacionados



Sarau cultural em Cabo Verde assinala Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP

Praia, 03 mai 2019 (Lusa) -- O Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP, que se assinala domingo, vai ser comemorado um dia antes na capital de Cabo Verde com um sarau cultural que contará com dança, teatro, música e poesia destes países.

Lusa

03 Maio 2019 — 13:25



TÓPICOS

• Internacional

A iniciativa é do Centro Cultural Português, em parceria com as embaixadas do Brasil, da Guiné-Bissau e de S. Tomé e Príncipe em Cabo Verde, o Ministério dos Negócios Estrangeiros e Comunidades de Cabo Verde, o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) e o Centro Cultural do Brasil, e decorrerá na Escola Portuguesa de Cabo Verde.

Além da dança, teatro, música e poesia haverá uma mostra de objetos tradicionais, acompanhada de informação sobre cada país da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) representado no evento.

O dia 05 de maio foi instituído em 2009 como Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na

Música, cinema, teatro marcam celebração do Dia da Língua Portuguesa na Guiné-Bissau

Bissau, 03 mai 2019 (Lusa) - A celebração do dia da Língua Portuguesa e da Cultura da CPLP em Bissau começa hoje com uma gala musical e termina a 11 de maio com teatro, numa organização conjunta entre Portugal, Angola, Brasil e Guiné-Bissau.

Lusa

03 Maio 2019 — 14:51



TÓPICOS

• Internacional

Entre hoje e dia 11 de maio, o dia da Língua Portuguesa e da Cultura da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa será assinado em Bissau com uma série de concertos, espetáculos de teatro, cinema e atividades para os mais jovens, com destaque para uma sessão solene, no domingo, de arranque do início das atividades.

A sessão solene, organizada pelo Governo guineense, conta com a participação de todos os embaixadores de países da CPLP e do primeiro-ministro guineense, Aristides Gomes, e vários membros do Executivo.

Escolas portuguesas no estrangeiro reúnem-se em Cabo Verde para debater futuro do ensino

Praia, 02 mai 2019 (Lusa) -- As escolas portuguesas no estrangeiro, onde estudam 6.000 alunos de várias nacionalidades e lecionam 500 professores, vão reunir-se entre sábado e terça-feira na capital de Cabo Verde, com o futuro do ensino da língua e cultura portuguesas na agenda.

Lusa
02 Maio 2019 — 10:03



TÓPICOS

◦ Internacional

Com o tema "Língua Portuguesa e os Desafios do Futuro", o encontro é uma iniciativa da Direção-Geral da Administração Escolar (DGAE) e da Escola Portuguesa de Cabo Verde -- Centro de Ensino e da Língua Portuguesa (EPCV-CELP), estando prevista a presença de escolas portuguesas na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e da Região Administrativa Especial de Macau.

Segundo os organizadores, trata-se de "uma oportunidade para conhecer e divulgar as escolas portuguesas no estrangeiro, os seus projetos e as suas áreas de intervenção, quer nos domínios do ensino e da formação quer ainda no setor da cooperação com os países onde estão sediadas".

No segundo dia do encontro, domingo, assinala-se o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP, que evoca "a importância da língua, a sua difusão e promoção", recordam os promotores do evento.

Ao longo de quatro dias, vão realizar-se nas instalações da Escola Portuguesa em Cabo Verde, na cidade da Praia, conferências, painéis, apresentação de comunicações e momentos de reflexão e partilha.

Maioria dos alunos que entram na Escola Portuguesa de Macau sem português como 1.ª língua

Praia, 07 mai 2019 (Lusa) – A maioria dos alunos inscritos no primeiro ano da Escola Portuguesa de Macau (EPM) não tem o português como primeira língua, num universo de 612 alunos de 24 nacionalidades, segundo o diretor da instituição.

Lusa
07 Maio 2019 — 15:13



TÓPICOS

▫ Internacional

O presidente da direção da EPM, Manuel Peres Machado, falava à agência Lusa à margem do primeiro encontro das Escolas Portuguesas no Estrangeiro, que decorre na capital de Cabo Verde, encontro que está a permitir aos responsáveis destas escolas "trocarem impressões e falarem um pouco das especificidades das escolas e dos locais onde estão inseridas".

E a principal especificidade da EPM é o facto de ser a única que não está inserida "num meio em que se fale português com fluência".

"Os nossos alunos não estão imersos num meio em que a língua portuguesa é usada no dia a dia fora da escola", disse.

Para Manuel Peres Machado, esta particularidade de os alunos apenas terem o português como língua curricular produz dificuldades, mas também traz vantagens.

“ Viva a língua portuguesa!

Há dez anos que 5 de maio é o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura. Instituído em 2009 pela CPLP, este dia celebra a importância da língua portuguesa como património cultural comum e a diversidade linguística e cultural dos seus Estados-membros (EM). Importa refletir sobre as mudanças ocorridas na gestão da língua portuguesa ao longo desta década.

Margarita Correia

03 Maio 2019 — 21:38



TÓPICOS

- Margarita Correia
- Opinião
- língua portuguesa

O Dia foi celebrado pela primeira vez em 2010, semanas após a aprovação, pelos EM da CPLP, do *I Plano de Ação para a Promoção, a Difusão e a Projeção da Língua Portuguesa*, documento essencial para o desenho da atual política linguística do português.

O *Plano de Ação de Brasília* inaugurou uma era de concertação internacional quanto às grandes opções e ações a empreender no que respeita à língua portuguesa. O PAB encetou também a prática de, com regularidade, se produzirem planos de ação comuns.

Dia Internacional da Língua Portuguesa comemorado na maior cidade do Brasil

São Paulo, 05 mai 2019 (Lusa) - O dia Internacional da Língua Portuguesa está a ser comemorado na estação da Luz, no centro da cidade brasileira de São Paulo, onde decorrem entre hoje e terça-feira 'shows', exposições interativas, apresentações de poesia falada, teatro e oficinas.

Lusa

05 Maio 2019 — 19:10



TÓPICOS

• Economia

O evento foi organizado pelo Museu da Língua Portuguesa, tendo como parceiros a empresa portuguesa EDP Energia e a Fundação Roberto Marinho.

Luiz Gouveia, diretor do Instituto EDP, explicou à Lusa que a comemoração marca um ano especial já que será a última vez que as atividades culturais planeadas para marcar esta data acontecem na estação da Luz, fora do Museu da Língua Portuguesa.

"Este é o último ano antes da reabertura do museu [da Língua Portuguesa]. Este ano seleccionámos 16 atrações e atividades que vão acontecer aqui na Estação da Luz", contou Luiz Gouveia.

INÍCIO / LUSA

Angola quer aspetos da linguística bantu no Acordo Ortográfico da CPLP

Luanda, 05 mai 2019 - (Lusa) - Angola defendeu hoje a inclusão da linguística bantu no Acordo Ortográfico promovido pela Comunidade dos países de Língua Portuguesa (CPLP), argumentando que o atual projeto "carece de conciliação com alguns aspetos".

Lusa
05 Maio 2019 — 10:31



TÓPICOS

- Internacional

Numa mensagem alusiva ao Dia da Língua Portuguesa e da Cultura da CPLP, o Ministério da Educação angolano adianta que pretende ver refletido no acordo os vários aspetos "para que a realidade da linguística portuguesa de Angola possa ser retratada nas gramáticas contemporâneas".

"Certamente, a comunidade irá atender a esta necessidade do desenvolvimento linguístico de Angola, pois os Estados que a compõem são democráticos e atendem as recomendações das organizações regionais dos Estados Membros, como é o caso da Academia das Línguas Africana (ACALAN)", lê-se no documento.

JORNAL CORREIO BRAZILIENSE

Parir: conjugação

📅 Publicado em 05/05/2019 - 09:27 👤 Dad Squarisi 💬 0 Comentários 🗂️ português

“Parirás com dor”, disse o Todo-Poderoso. Antes de falar, pensou duas vezes. Sabia que o verbo parir tinha manhas. Queria respeitá-las. Puxou da memória. Fiat lux! Tudo ficou claro. Parir, embora não pareça, tem todas as formas. Mas algumas são bem esquisitas. O xis da questão é o presente do indicativo. A primeira pessoa é “eu paio”. Já imaginou? Confunde-se com o verbo pairar. Uma [...]

Gêmeo: significado

📅 Publicado em 05/05/2019 - 09:25 👤 Dad Squarisi 💬 0 Comentários 🗂️ português

Gêmeo é palavra que vale por duas. Pode dar nome às crianças nascidas do mesmo parto. Ou designar cada uma delas: Maria teve gêmeos. Anos depois, um gêmeo morreu. Três, quatro, cinco Nasceram mais de dois bebês? Bem-vindos. E mãos à obra. Multipliquem as fraldas, as mamadeiras, os berços. E relembrem as palavras que nomeiam a meninada: trigêmeos (três), quadrigêmeos ou quádruplos (quatro), quintuplos (cinco), [...]

O Dia Internacional da Língua Portuguesa é em 5 de maio e, para comemorar a data, o Museu da Língua Portuguesa contará com uma programação especial, com cinco dias de atividades gratuitas. De 3 a 7 de maio será possível acompanhar as atividades online, como lives e exibição de vídeos, e ainda participar de uma visita presencial especial à exposição temporária Língua Solta.

A previsão de reabertura do museu é no próximo semestre. Por isso, a visitação será para um público restrito, 160 pessoas no total, com o máximo de 10 pessoas por vez, entre os dias 4 e 7 de maio, às 9h30, 10h30, 14h30 e 15h30. Para ter acesso, é preciso emitir o ingresso antecipadamente no endereço eletrônico da Exposição Língua Solta. As entradas serão disponibilizadas em dois lotes: o primeiro foi liberado na sexta-feira (30/4) e o outro na segunda-feira (3/5), sempre ao meio-dia.

Para quem ainda não quiser se aventurar na atração presencial, as opções online também são boas alternativas. Haverá uma aula do músico e ensaísta José Miguel Wisnik, uma performance do músico Tom Zé, um encontro virtual ao vivo com os escritores Mia Couto (de Moçambique), José Eduardo Agualusa (de Angola) e Inês Pedrosa (de Portugal), além de uma mesa, também ao vivo, sobre o funk e a literatura, com participação de produtores de conteúdo dos perfis Funkeiros Cults, Se Poema Fosse Funk e Favela Business no Instagram e do coletivo PerifaCon.

A intensa e diversificada programação conta ainda com a participação dos escritores Geovani Martins e Amara Moira, além da pesquisadora e curadora de Literatura Indígena Julie Dorrico, que vão bater um papo com Marcelino Freire sobre os falares do Brasil. Tem ainda Linn da Quebrada, Dino D`Santiago e Sara Correia que se juntam ao compositor e ativista cultural Vinícius Terra em

Pleonasmo: planos para o futuro

📅 Publicado em 01/05/2019 - 09:24 👤 Dad Squarisi 🗨️ português

Marcelo Abreu escreve: "Li no G1 informações sobre as gêmeas siamesas que foram separadas em hospital de Brasília. Título da matéria: "Planos para o futuro". É pleonasmo, não?" É. Ganha um bombom Godiva quem fizer planos para o passado. Como planos são sempre para o futuro, o complemento sobra. Basta planos.

Compartilhe:



Trabalho: citações

📅 Publicado em 01/05/2019 - 09:38 👤 Dad Squarisi 🗣️ português

"Só no dicionário sucesso vem antes de trabalho." (Albert Einstein)

*

"Se lhe pedirem para ser varredor de ruas, varra as ruas como Michelangelo pintava, como Beethoven compunha ou como Shakespeare escrevia." (Martin Luther King)

*

"Um homem é um sucesso se pula da cama de manhã, vai dormir à noite e, nesse meio tempo, faz o de que gosta." (Bob Dylan)

*

"Uma máquina pode fazer o trabalho de 50 pessoas comuns. Nenhuma máquina pode fazer o trabalho de uma pessoa extraordinária." (Elbert Hubbard)

*

"Escolhe um trabalho de que gostes e não terás que trabalhar nem um dia na tua vida." (Confúcio)

*

"Não vos aconselho o trabalho, mas a luta. Não vos aconselho a paz, mas a vitória. Seja o vosso trabalho uma luta! Seja a vossa paz uma vitória!" (Friedrich Nietzsche)

*

"Não é o trabalho, mas o saber trabalhar que é o segredo do êxito no trabalho. Saber trabalhar quer dizer: não fazer um esforço inútil, persistir no esforço até o fim, e saber reconstruir uma orientação quando se verificou que ela era, ou se tornou, errada." (Fernando Pessoa)

Maiúsculas e minúsculas: datas comemorativas

📅 Publicado em 01/05/2019 - 09:43 👤 Dad Squarisi 🗣️ português

As datas comemorativas grafam-se com a letra inicial maiúscula: *Primeiro de Maio, Dia do Trabalho, 21 de Abril, Sete de Setembro, Proclamação da República, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia da Árvore, Natal, Guerra dos Farrapos.*

Compartilhe:



Dia do Trabalho: origem

📅 Publicado em 01/05/2019 - 09:45 👤 Dad Squarisi 🗨️ português

A história vem de longe. Lá pelo século 18, os operários trabalhavam até 20 horas por dia. Não se falava em repouso aos domingos. Muito menos em semana inglesa. Com o tempo, houve melhoras aqui e ali. Mas a carga continuava pesada. Como não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe, veio a reação. Em 1º de maio de 1886, 110 mil operários de Chicago cruzaram os braços.

Em três dias, a greve cresceu. A polícia reprimiu o movimento com violência. Não adiantou. Ele só crescia. A PM de lá atirou contra a multidão. Em resposta, os grevistas explodiram bombas. Depois de xilindrós e enforcamentos, as conquistas vieram em 1º de maio de 1890. Entre elas, a jornada de oito horas. A Segunda Internacional Socialista, da França, decidiu: o 1º de maio seria dedicado aos trabalhadores e às suas lutas.

Quer rir?

📅 Publicado em 01/05/2019 - 22:25 👤 Dad Squarisi 🗨️ português

O médico me disse que só me restavam dois meses de vida. Aí eu o matei. O juiz me deu 30 anos. Viu? Se eu não reajo a tempo, tinha me lascado.

Verbo haver: impessoalidade contagiosa

Publicado em 02/05/2019 - 08:13  Dad Squarisi  português

Dizem que as pessoas se dividem em dois grupos. Um nasceu para dar duro. Outras, para viver no bem-bom. Na língua ocorre o mesmo. Há as palavras batalhadoras e as amantes da sombra e água fresca. Entre as primeiras, estão os verbos que se conjugam em todas as pessoas, tempos e modos. Veja, por exemplo, o laborioso trabalhar: *eu trabalho, tu trabalhas, ele trabalha, nós trabalhamos, vós trabalhais, eles trabalham*.

Entre as segundas, está o verbo haver. Ele detesta fazer parte de rebanho. Quer ser especial. No sentido de *ocorrer* e *existir*, é impessoal. Sem sujeito, só se conjuga na 3ª pessoa do singular: *Ontem houve (ocorreram) distúrbios na Venezuela. Havia (Existiam) milhares de venezuelanos nas ruas. Acompanhamos todos os movimentos que houve (ocorreram) no país vizinho*.

Mais

A criatura gostou de pôr em prática a lei do menor esforço. Foi além. Estendeu a impessoalidade à contagem de tempo. Aí, só tem vez a 3ª pessoa do singular: *Moro aqui há cinco anos. Chegaram há duas horas. Trabalhavam ali havia menos de três meses*.

Olha o contágio

A preguiça é contagiosa. A impessoalidade também. Os auxiliares do haver não pensam duas vezes. Tornam-se impessoais: *Será que vai haver confrontos na Venezuela? Pode haver distúrbios em praças públicas. Especialistas dizem que deve haver diferentes cenários para o futuro venezuelano*.

Compartilhe:

Pronúncia: ruim

Publicado em 02/05/2019 - 08:26  Dad Squarisi  português

Ruim rima com arlequim. Ou gergelim. Ou Joaquim. A sílaba forte é *im*. Muitos transformam a dissílaba em monossílaba. Bobeiam. A palavra tem duas sílabas – ru-im. A poderosa é a última. Trocar dois por um? Uiiiiiiiiiiiiiiiiiiii! Dói como soco no ouvido. Xô!

Maio: origem do nome

Publicado em 03/05/2019 - 09:48  Dad Squarisi  português

Por que maio se chama maio? Maio se chama maio porque se inspirou na mitologia grega. Nascido no Hemisfério Norte, onde o inverno mata gente, bichos e plantas de frio, maio se identifica com a primavera. As comemorações que se faziam depois da neve reverenciavam Maia e Flora — deusas relacionadas ao crescimento de plantas e flores.

Bebê: gênero

📅 Publicado em 03/05/2019 - 09:51 👤 Dad Squarisi 🗨️ português

Bebê joga no time de estudante. São substantivos de dois gêneros. Feminino e masculino têm a mesma forma. O artigo é que funciona como dedo-duro. Denuncia se se trata de menino ou menina: *Ele é o bebê. Ela, a bebê. Eles, os bebês. Elas, as bebês. Ele é o estudante. Ela, a estudante. Eles, os estudantes. Elas, as estudantes.*

Compartilhe:

José Saramago: escrever

📅 Publicado em 03/05/2019 - 15:29 👤 Dad Squarisi 🗨️ português

“Escrever é trabalho guiado pela inspiração. Há escritores que fazem um plano do que será o livro, com os personagens, as situações e tudo. Eu prefiro deixar que cada palavra que escrevo dê origem à palavra seguinte. E a palavra nova vai criando situações também novas dentro da minha cabeça. E aí me cabe decidir se continuo pelo caminho por onde ia ou se aceito a minha provocação involuntária de tomar novo rumo. E essa é a coisa mais interessante que há neste ofício de escrever.”

Cindy Post Senning: alerta

📅 Publicado em 03/05/2019 - 15:31 👤 Dad Squarisi 🗨️ português

“Em e-mails, correspondências formais exigem o retorno à escrita convencional. Entenda-se por isso: letra maiúscula, parágrafo e nada de abreviações.”

Se ele vir isso? Se ele ver isso?

Publicado em 03/05/2019 - 15:34  Dad Squarisi  português

Circula na internet imagem de uma idosa gordinha com a abertura de pernas igual à das bailarinas. Com ela, o texto: "Se o governo ver isso, acabará de vez com a aposentadoria". O esbarrão na língua reduziu a graça da piada.

O futuro do subjuntivo do verbo *ver* se forma do pretérito-perfeito do indicativo. A 1ª pessoa da sofisticada forma sai prontinha da 3ª pessoa do plural menos o *-am*. Assim:

Pretérito-perfeito: *vi, viu, vimos, vir(am)*

Futuro do subjuntivo: *se eu vir, ele vir, nós virmos, eles virem*

Moral da opereta: A frase provocaria gargalhadas se tivesse sido escrita assim: "Se o governo *vir* isso, acabará de vez com a aposentadoria".

Compartilhe:



Fora da lei: sem flexão

Publicado em 06/05/2019 - 08:49  Dad Squarisi  português

Fora da lei não tem feminino, nem masculino, nem singular, nem plural: *o fora da lei, os fora da lei, a fora da lei, as fora da lei, indivíduos fora da lei, mulheres fora da lei*.

Compartilhe:

Ibero: pronúncia

Publicado em 06/05/2019 - 08:58  Dad Squarisi  português

Ibero-americano? Íbero-americano? *Ibero* é paroxítono. A sílaba **be** fala mais alto que as outras. Dizer íbero? Nem pensar. Pega mal como jogar papel na rua, arrotar à mesa, dirigir acima da velocidade permitida.

Compartilhe:

Em mão? Em mãos?

Publicado em 06/05/2019 - 09:02  Dad Squarisi  português

A gente entrega a *correspondência* em mão. Em mãos? Antes, só o singular tinha vez. *Aí*, veio o *Dicionário Houaiss*, que aceita o plural. Mas cá entre nós. O singular é mais lógico, não?

Compartilhe:



Diz prefeito de NY à Bolsonaro. Certo? Nãooooooooo

Publicado em 06/05/2019 - 18:11  Dad Squarisi  português

“Seu ódio não é bem-vindo, diz prefeito de Nova York à Bolsonaro”, escreveu o *Correio*. Ops! Que tombo! O jornal tropeçou na crase. Como indica o casamento de dois aa, o acento grave não tem vez antes de nome masculino. A razão é simples como andar pra frente. O artigo que acompanha o machão é o.

Compartilhe:



Outra alternativa? Não.

Publicado em 06/05/2019 - 19:42  Dad Squarisi  português

A situação está feia. A economia não cresce. A indústria anda pra trás. O desemprego engorda. Preocupado, Bolsonaro pôs a boca no trombone. Alto e bom som, apoiou a reforma da Previdência. Ao falar no assunto, disse: “Não temos outra alternativa”.

Bobou. Em tempo de vacas magras, desperdiçar é proibido. A alternativa se escolhe entre duas opções. Por isso, não vale dizer “outra” alternativa e “única” alternativa. Por quê? A alternativa é sempre outra. Se não há outra, só pode ser única. Melhor: *Não temos alternativa. A alternativa é aprovar a reforma da Previdência.*

Quando estiver diante de mais de duas opções, há saídas. A língua tem várias palavras capazes de traduzir a mensagem. Escolha: saída, possibilidade, opção, recurso.

Compartilhe:



Robert Fulghum alertou

Publicado em 05/05/2019 - 09:15  Dad Squarisi  português

"Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas as palavras conseguem partir meu coração."

Compartilhe:



Dar à luz: emprego

Publicado em 05/05/2019 - 09:29  Dad Squarisi  português

"Mulher dá à luz a gêmeas siamesas", escreveu o jornal. Bobeou. *Dar à luz* significa trazer para a luz (mulher traz gêmeas siamesas para a luz, para o mundo). Logo, a mulher deu à luz gêmeas siamesas. Nada do *a* antes da criaturinha: *Maria deu à luz uma menina. Adolescente dá à luz criança prematura. Teresa deu à luz menino de quase quatro quilos.*

Compartilhe:



Gêmeos siameses: etimologia

📅 Publicado em 05/05/2019 - 09:31 👤 Dad Squarisi 🗨️ português

Em Brasília nasceram duas gêmeas siamesas. Vieram ao mundo coladas pela testa. Os médicos esperaram 11 meses para separá-las. Depois de 20 horas de cirurgia, viva! As garotinhas ficaram uma cá e outra lá. O fato foi notícia em Europa, França e Bahia. No explica-explica, pintou a questão: qual a origem do termo siamês?

A Tailândia, antes de se chamar Tailândia, era o reino do Sião. Quem nascia lá era siamês. O gato siamês vem daquele país do Oriente. Ali, em 1811, vieram ao mundo dois irmãos ligados por uma membrana situada à altura do peito. Viraram manchete mundo afora. Eram os gêmeos siameses. O nome pegou. Tomou o lugar de [xifópagos](#).

Compartilhe: